

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SAMIR ZANOTTI SAFT

**OFERTAS DE SACRIFÍCIO E APROPRIAÇÕES NO NEOPENTECOSTALISMO:
IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS**

São Leopoldo

2023

SAMIR ZANOTTI SAFT

**OFERTAS DE SACRIFÍCIO E APROPRIAÇÕES NO NEOPENTECOSTALISMO:
IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Pessoa Orientadora: Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S128o Saft, Samir Zanotti
Ofertas de sacrifício e apropriações no
neopentecostalismo : implicações educativas / Samir Zanotti
Saft ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG,
2023.
114 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2023.

1. Neopentecostalismo. 2. Igreja Universal do Reino de
Deus. 3. Reforma. 4. Educação. I. Bobsin, Oneide,
orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SAMIR ZANOTI SAFT

**OFERTAS DE SACRIFÍCIO E APROPRIAÇÕES NO NEOPENTECOSTALISMO:
IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 14 de agosto de 2023

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (PRESIDENTE)

Assinado digitalmente

PROF^a. DR^a. LAUDE ERANDI BRANDENBURG (EST)

Assinado digitalmente

PROF. DR. MIQUÉIAS MACHADO PONTES (FBN)

Participação por webconferência

Assinado
digitalmente por
Oneide Bobsin
Data: 14/08/2023
18:30:14 -03:00



Assinado digitalmente
por
Laude Erandi
Brandenburg
Data: 15/08/2023
10:56:37 -03:00



Dedico esse trabalho ao Deus Eterno. À pessoa do Pai que me amou. À pessoa do Senhor Jesus Cristo, o Filho, que morreu por mim. E a pessoa do Espírito Santo que me regenerou para o louvor da glória do Deus triúno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa, Cíntia Saft, fiel companheira...*mulher virtuosa, quem achará?*

Ao meu filho Benjamin Saft sempre animado com o “*mestrandinho*”.

Aos meus pais Irani Igor Saft e Marleny Zanotti Saft que me ensinaram os primeiros passos no caminho da fé.

Ao pastor e amigo João Marcos Pereira (*In Memoriam*) primeiro irmão na fé que orou comigo por esse propósito.

A Faculdades EST, pela acolhida, desafios e alegrias da vida no campus.

A CAPES pela bolsa de estudos.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Oneide Bobsin pela atenção e direção no desenvolvimento deste trabalho.

A cada pessoa que, até aqui, direta e indiretamente, contribuiu para minha formação

Meu muito obrigado!

“Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato”

Atos dos Apóstolos

RESUMO

O presente trabalho propõe uma investigação bibliográfica e análise de falas pontuais do Bispo Macedo com o objetivo de descobrir a construção teológica das práticas de ofertas de sacrifícios e das apropriações presentes no neopentecostalismo, focado na Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Os dois primeiros capítulos tratam deste tema com o auxílio de pessoas autoras experientes no assunto. No terceiro capítulo desenvolvemos as implicações educativas de tais construções teológicas introjetadas nas práticas do movimento. Para tal, nos valem da proposta metodológica, das instruções e conceitos apresentados no livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. A busca pela implicação educativa das práticas de certo segmento tem impacto importante na vida das pessoas fiéis deste, bem como no desenvolvimento das comunidades eclesiais descendentes do movimento da Reforma protestante, o qual tem uma expressão teológica precisa. Neste trabalho alcançamos nossos objetivos ao clarear nossa compreensão de que o neopentecostalismo praticado na IURD constitui-se de uma nova prática religiosa, um movimento híbrido na formulação teológica e nas práticas cúlticas e que as implicações educativas dessa nova forma de religião estabelecem uma nova forma de ensino do Deus cristão ensinado no movimento da Reforma.

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Reforma. Educação. IURD.

ABSTRACT

The current essay presents a bibliographical investigation and analysis of some of the speeches from Bishop Macedo aiming to discover the theological construction of the sacrificial offering practices and appropriation found in Brazilian Neo-charismatic movement (neopentecostalismo), focused on the church “Igreja Universal do Reino de Deus – IURD”. The first two chapters approach the theme with the help of experienced authors on the subject. In the third chapter we develop the educational implications of such theological constructions introduced in the practices of the movement. For this, we make use of the methodological proposal, the instructions, and the concepts presented in Paulo Freire's book *Pedagogy of the Oppressed*. The search for the educational implication of the practices of this segment has an important impact on the life of the faithful people who follow it, as well as on the development of the ecclesial communities descending from the Protestant Reformation movement, which has a theological precise expression. In this essay we achieved our goals by clarifying our understanding that the Brazilian Neo-charismatic movement practiced at the IURD represents a new religious practice, a hybrid movement in the theological formulation and worship practices, and that the educational implications of this new form of religion establish a new way of teaching the Christian God taught in the Reformation movement.

Keywords: Neo-charismatic movement. Reformation. Education. IURD

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 COM A PALAVRA: BISPO MACEDO	23
2.1 O LUGAR DA OFERTA DE SACRIFÍCIO NA VIDA CRISTÃ	25
2.1.2 Sacrifício como piedade cristã	27
2.2 O SACRIFÍCIO RELIGIOSO	30
2.3.1 Sacrifícios na IURD	33
2.3 TEOLOGIA CAMUFLADA	36
2.3.1 Efeitos na comunidade	38
2.3.2 Hermenêutica da IURD	39
2.3.3 Sistemática da IURD	42
2.3.3.1 <i>Soteriologia</i>	43
2.3.3.2 <i>Demonologia</i>	45
2.3.3.3 <i>Escatologia</i>	46
3 TRANSVERSALIDADE E APROPRIAÇÃO	49
3.1 O CULTO NA IURD	49
3.2 ASPECTOS TRANSVERSOS	53
3.3 RELIGIÃO DO CAPITAL	56
3.3.1 Salvação terrena	60
3.4 DOGMA IURDIANO	61
3.5 RELIGIÃO HÍBRIDA	63
3.5.1 Calendário e liturgia da IURD	64
3.5.2 Novas e mutantes	66
4 IMPLICAÇÃO EDUCATIVA	71
4.1 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE	72
4.2 SECTÁRIOS E RADICAIS	78
4.2.1 Aplicação dos conceitos de sectários e radicais	79
4.3 EDUCAÇÃO BANCÁRIA E EDUCAÇÃO LIBERTADORA	81
4.3.1 Aplicação da educação bancária	84
4.4 CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO	89
4.4.1 Aplicação da codificação e decodificação	90
4.5 TEMAS GERADORES	92
4.5.1 Aplicação dos temas geradores	93
4.5.1.1 <i>Sentido de vida de fé</i>	94
4.5.1.2 <i>Ambiguidade na doutrina</i>	97
4.5.1.3 <i>Apropriações</i>	100
4.5.1.5 <i>Capitalismo na religião</i>	102
4.6 UMA TEOLOGIA LIBERTADORA	104
5 CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

Tratar sobre o tema da oferta de sacrifício praticada no meio neopentecostal, focado na Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, é desafiante por ser um ponto bastante discorrido e redigido. Buscar as bases doutrinárias nos escritos, nas falas e nos discursos dos líderes fundadores da IURD, igreja neopentecostal que mais se destacou na nação brasileira, ainda se faz necessário para aprofundar o assunto e, como corpo de Cristo, discernir a tipologia, forma e doutrinas que se entabulam ao longo do desenvolvimento do “ser igreja”.

No Brasil, o processo de mudança de hegemonia religiosa ganhou impulso depois de 1980, sendo que as filiações católicas caíram de 89% em 1980 para 64,6% em 2010, devendo representar menos de 50% da população brasileira até 2030.¹

Uma igreja do porte e visibilidade física e virtual como a IURD tende a ser uma voz de influência no meio cristão. As práticas de “campanhas” com ofertas de sacrifício promovidas pelo movimento neopentecostal instigam as chamadas igrejas independentes. São pequenas comunidades, cujo crescimento numérico é destacado², desassociadas de convenções denominacionais e geralmente dissidentes das mesmas.

Para serem abertas, as igrejas evangélicas dependem apenas de registro em cartório e, no caso de pertencerem a denominações como a Universal ou Igreja Quadrangular, de autorização prévia da instituição central. Além disso, apesar de a formação de líderes religiosos nas igrejas pentecostais e neopentecostais variar bastante, podendo durar semanas ou meses, o processo tende a ser rápido, diferentemente da longa preparação exigida de padres católicos ou de representantes do protestantismo histórico.³

1 ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. *A transição religiosa brasileira e o processo de difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro*. HORIZONTE – Revista de estudos de teologia e Ciências da religião, v. 12, n.36, p.1055-1085, 30 dez. 2014, p.1059. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/8049> acesso em: 13 abr. 2023.

2 ALVES, 2014, p.1070. *No Brasil, as filiações católicas permaneceram acima dos 90% do atual populacional até fins dos anos de 1970. No espaço de 30 anos, entre 1980 e 2010, os católicos caíram de 89% para 64,6%, perdendo 24,4 pontos. Os evangélicos, no mesmo período, passaram de 6,6% para 22,2%, ganhando 17,6 pontos. Outras religiões e os sem-religião passaram, em conjunto, de 4,4%, em 1980, para 13,2% em 2010.*

3 QUEIROZ, Christina. *O crescimento da fé evangélica*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica> Acesso em: 14 mar. 2023.

As lideranças dessas comunidades são, muitas vezes, desprovidas de formação teológica ou, se possuem, trata-se da *teologia da denominação*. Esta carência do pensar crítico teológico absorve estas lideranças numa forte influência do movimento neopentecostal, pois este atrai com crescimento numérico de membros atraídos pelas promessas das campanhas, além do retorno financeiro delas.

O pesquisador do presente trabalho desenvolve, por mais de quinze anos, sua prática ministerial nesse perfil de pequenas comunidades no Brasil, além de alguns países latino-americanos e nos Estados Unidos da América. Dessa forma, possui um conhecimento empírico da real carência teológica nessas igrejas ditas herdeiras do movimento da Reforma. Diante dessa realidade está a relevância dos resultados dessa pesquisa como auxiliadora teológica e no discernimento de práticas cúlticas enquanto ações educadoras.

A pesquisa sobre a implicação educativa da prática das ofertas de sacrifício é situada. Ela se encontra num ponto de visão, numa ótica ou perfil teológico: o dogma da Reforma protestante, a justificação pela fé. Para tanto, faz-se necessário voltar ao movimento dos reformadores, buscar pelos fundamentos teológicos lançados como um norte da igreja protestante e para aquelas herdeiras desse movimento.

No fim do período que chamamos de Idade Média, o tema da morte emergia na vida cotidiana das pessoas. “Ao tema da morte estavam vinculados ainda outros, a saber: a culpa e a perda de sentido. Os três temas aparecem de forma marcante na vida e na teologia de Martinho Lutero.”⁴ Essa preocupação com a morte trazia consigo uma segunda inquietação, a busca pela salvação eterna. Essa busca e o sofrimento pela incerteza estava presente na vida de Lutero. O dogma vigente estabelecia que a pessoa pecadora deveria agregar méritos próprios ao mérito de Cristo, para assim alcançar o perdão pleno de seus pecados.

Por outro lado, ela apresentava Cristo como um juiz distante, de forma que somente através de certos intermediários se podia chegar até ele. Como? Através de uma quantidade de devoções estranhas ao evangelho: culto aos santos, adoração de relíquias, indulgências e peregrinações. Tudo isto acabava por deixar o ser humano desamparado. Em meio a essa realidade emergiu a pregação de Martinho Lutero.⁵

⁴ WACHHOLZ, Wilhelm. *História e Teologia da Reforma*: introdução. 2 ed. São Leopoldo, Sinodal, 2016. p. 37.

⁵ WACHHOLZ, 2016, p. 38.

A doutrina que Deus oferece justificação às pessoas pecadoras por intermédio de Cristo unicamente por graça mediante a fé foi ponto fundamental para Reforma luterana. Esta ênfase, baseada nos escritos paulinos neotestamentários e na teologia da graça agostiniana, condenou de vez o antigo pensamento pelagiano da capacidade humana de cumprir os mandamentos, bem como a posição sinergista da escola franciscana do século XIII, que por sua vez defendia a cooperação da pessoa humana com Deus no processo de salvação.

A partir de então, Lutero passou a entender Deus: não é um Deus que exige, mas que dá e dá-se a si mesmo através de Jesus Cristo. A ligação entre o ser humano e Deus é possível não por causa do ser humano, mas por causa de Deus que veio até o ser humano. Por isso mais do que um juiz ameaçador, Deus é amor, cuja vontade, não é condenar e matar o ser humano, mas conceder vida ao dar a sua própria.⁶

O modelo de vida cristã proposto no movimento da Reforma, para as pessoas crentes, é “uma vida resultante da graça já concedida; [...] não é uma vida de alguma forma dedicada a alcançar a graça”⁷. Todos os méritos de salvação e benesses alcançadas na vida de *peregrinos*⁸ fruem pela fé.

A Reforma reagiu contra as posições escolásticas mais extremas sobre a graça e a justificação, com sua ênfase sobre a cooperação humana na salvação, e reagiu igualmente contra expressões populares da teologia da época ainda mais distorcidas na prática eclesiástica. A Reforma rechaçou também, neste contexto, uma compreensão de igreja que a considerava uma instituição salvífica e mediadora da graça através dos sacramentos. A teologia da Reforma rompeu com uma concepção ontológica da graça como qualidade inerente, enfatizando, por seu turno, uma compreensão cristologicamente fundamentada de justificação por fé e graça somente. A questão principal já não era mais como a natureza humana podia ser transformada e curada pela graça divina num processo de interação entre o divino e humano. Em vez disso, ofereceu-se uma definição radicalmente nova de humanidade: a humanidade era completamente cativa do pecado e, portanto, incapaz de cooperar com Deus para sua salvação; por conseguinte, dependia totalmente da graça salvífica de Deus na pessoa de Jesus Cristo.⁹

A doutrina da justificação por graça mediante a fé, desenvolvida pelos reformadores busca sua raiz no processo legal, ou seja a punição justa de Deus recaiu sobre Cristo crucificado, e sua justiça é imputada aos que creem em sua obra. Tal

⁶ WACHHOLZ, 2016, p. 54.

⁷ BRAATEN, Carl E. *et al. Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. 2 v, p. 402.

⁸ Diz-se ser “peregrino” na caminhada cristã nesse mundo em analogia ao povo de Israel que andou pelo deserto, sendo terra estranha, até por fim chegar a Canaã, terra da promessa. Caminhamos por graça e misericórdia de Deus e somente por graça chegaremos à terra prometida.

⁹ GASSMANN, Günther. *et al. As confissões Luteranas: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

doutrina promove a confiança em Deus e na Sua misericórdia salvadora, ainda que as pessoas humanas tendam à religiosidade legalista. A compreensão da Reforma estabelece que a lei de Deus foi dada com propósitos não salvíficos. Para Lutero, quando a pessoa humana crê, a lei é cumprida nela pelos méritos de Cristo. A pessoa fiel não age nas obras da lei com objetivo de receber salvação, porém, porque está salva por graça, mediante a fé a pessoa fiel a cumpre.

implica um padrão, uma lei segundo a qual a justiça em questão deve ser mensurada. A tendência humana, natural e inevitável, é pensar na relação com Deus em termos de tais esquemas e padrões. Há um caminho a Deus: à perfeição, à santidade, à retidão e à justiça. Se o caminho pudesse ser trilhado com sucesso, chegaríamos à meta e seríamos “salvos” [...] A “lei” é exigência, é aquela voz que acusa como o expressam os reformadores, provindo de qualquer e de todo lugar, insistindo que façamos o nosso dever e realizemos nosso ser [...] A suposição que nós seres caídos fazemos é que a lei é o caminho, que podemos ser salvos pela resposta a uma exigência, pelas “obras da lei”. Supomos poder silenciar a voz cumprindo suas exigências.¹⁰

Como Braaten afirma, há na pessoa caída uma tendência, uma suposição que podemos alcançar a Deus, a salvação eterna ou seu favor nessa vida pelas obras da lei. Fato inegável é que a lei dada por Deus é modelo eterno, e por meio dele se logra e mensura a justiça, a retidão e a salvação, contudo tarefa impossível é conciliar a justificação pela fé com o desenvolvimento moral segundo a lei. No Evangelho a função e o lugar da lei são redefinidos

Porque na redefinição a lei é efetivamente reforçada e estabelecida. A lei foi “adicionada por causa das transgressões, até que viesse o descendente a quem se fez a promessa” (Gl 3.19). Ela não é o caminho em si, e exatamente por isso ela não é contra as promessas. As promessas são o caminho, apenas elas “vivificam”, somente elas têm a finalidade de fazê-lo. “Se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente da lei”. (Gl 3.21) Nesse caso, de fato, a lei e as promessas seriam diametralmente opostas, e a promessa destruiria a lei ou vice-versa. “Se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão. (Gl 2.21).¹¹

E ainda

Mostraremos agora que a fé justifica. [...] assim como é necessário manter a sentença de que Cristo é mediador, assim é necessário sustentar que a fé justifica. Pois, como será Cristo mediador, se na justificação não nos valemos dele como mediador, se não julgamos que somos reputados justos por causa dele? Mas crer é isto: confiar nos méritos de Cristo, que por causa dele Deus certamente quer reconciliar-se conosco. Da mesma forma, assim como importa sustentar que, para além da lei, é necessária a promessa de Cristo,

¹⁰ BRAATEN, 1995, p. 406.

¹¹ BRAATEN, 1995, p. 419.

assim é necessário sustentar que a fé justifica. Pois a lei não ensina a gratuita remissão dos pecados.¹²

Para o reformador a salvação divina é obra exclusiva da graça, sem mérito humano e por absoluta misericórdia. Para tal feito destacam-se “a promessa, e essa gratuita, os e os méritos de Cristo, como o preço, e a propiciação. A promessa é recebida pela fé: gratuito exclui méritos nossos.”¹³

A partir daí novamente entendes por que razão se dá tanto valor a fé que só ela cumpre a lei e justifica sem quaisquer obras. [...] Por isso somente a fé é a justiça da pessoa cristã e cumprimento de todos os mandamentos. pois quem cumpre o primeiro cumpre com facilidade todos os demais. As obras, porém, sendo coisas insensatas, não podem glorificar a Deus, ainda que possam ser feitas para a glória de Deus (se existe fé). Neste momento, porém, não buscamos as coisas que são feitas, quais sejam, as obras, mas aquele que faz, que glorifica e produz as obras. Esta é a fé do coração cabeça e substância de toda a nossa justiça.¹⁴

Nesta perspectiva teológica encontra-se o trabalho de pesquisa das ofertas de sacrifício no neopentecostalismo e as implicações educativas acerca da salvação e benesses divinas. Para esse fim, será feita uma pesquisa bibliográfica buscando o estado da arte do tema proposto. A base da formulação dos temas são os livros do Bispo Edir Macedo e alguns vídeos pontuais do YouTube. A partir destas falas é construída uma linha de pensamento iurdiano no tocante às ofertas de sacrifício e sua relação com a vida da pessoa cristã. Pessoas pesquisadoras da sociologia da religião e da IURD, enquanto fenômeno religioso, também são chamadas para o debate. Uma pincelada na forma hermenêutica e uma pequena elaboração sistemática doutrinária concluem esse trabalho. O assunto da transversalidade e apropriações no culto da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – são temas também abordados. Temas pertinentes como neopentecostalismo, sincretismos e intolerâncias religiosas são mencionados.

A influência do capitalismo é também um dos assuntos dessa pesquisa. Neste ponto, o clássico “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, de Max Weber, torna-se um ponto de partida para a argumentação. Sua compreensão da ética

¹² LUTERO, Martinho. *Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2021. p. 119.

¹³ LUTERO, 2021, p. 117.

¹⁴ LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas: O programa da Reforma, escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. 2 v, p. 443.

cristã entre os reformados calvinistas será utilizada como uma chave hermenêutica para a dinâmica da nova ética iurdiana.

O calendário litúrgico iurdiano, na forma como ele está construído, está presente entre as questões abordadas. As apropriações e relações diretas com o calendário das religiões afro-brasileiras evidenciam as diferenças entre o calendário cristão tradicional e o adotado pela Igreja Universal.

Este estudo se faz necessário para o aprofundar a compressão da cosmovisão de fé e práticas da IURD. Analisar e rastrear a origem das ações litúrgicas realizadas, além de todo aparato utilizado nos cultos, irá mostrar onde estão os esteios da fé desta igreja.

Uma igreja do tamanho da IURD, e sua capacidade de projeção na mídia, produz enorme influência na sociedade brasileira. Sendo assim, um estudo de caso observando as ações, elementos usados e formas de execução são importantes para ajudar no discernimento de novas práticas adotadas pela igreja de Cristo ao longo dos anos e avultar o impacto educativo dessas atividades. A graça imerecida de Cristo é ponto balizador que norteará a pesquisa no conhecimento das origens e teologias da IURD.

2 COM A PALAVRA: BISPO MACEDO

Quando falamos da Igreja Universal do Reino de Deus, é impossível não relacionarmos a fala diretamente à pessoa do Bispo Macedo¹⁵, além de fundador da igreja é também o desenvolvedor das doutrinas e práticas dela. Edir Macedo, como normalmente é referido, converteu-se ao movimento pentecostal em 1963, através da Igreja de Vida Nova¹⁶, após testemunhar a operação de uma cura de bronquite, divinamente operada na vida de sua irmã. Segundo seu próprio testemunho, após buscar no catolicismo e religiões de cunho espírita, foi em um culto de evangelismo, na cidade do Rio de Janeiro, onde foi tocado pelo poder transformador de Jesus, que o convencera de seus pecados, dando-lhe certeza de salvação.

Anos mais tarde, “Edir Macedo, Romildo Soares [R.R. Soares, que depois desligou-se e abriu a Igreja Internacional da Graça de Deus] e Roberto Lopes [...] fundaram, em 9 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus.”¹⁷ Seus livros e discursos formam a base de ensino da IURD, da qual a prática da oferta de sacrifício será o objeto que iremos conceituar.

¹⁵ Edir Bezerra Macedo, nascido em 18 de fevereiro de 1945, na cidade de Rio da Flores, Rio de Janeiro. Converteu-se ao protestantismo evangélico ainda jovem. Fundou a IURD nos anos 70. A igreja logo teve um crescimento exponencial, saindo das fronteiras do Brasil para outras nações. Escreveu vários livros desenvolvendo sua teologia. Sua biografia está descrita nos livros “Nada a Perder” dos quais foram feitos os filmes com o mesmo nome. Informações retiradas do site da IURD, disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/biografia-bispo-macedo/> Acesso em: 30 maio 2022.

¹⁶ “Igreja de Nova Vida surgiu aqui no Rio de Janeiro na década de 60 através da figura do bispo Robert McAlister, um missionário canadense que veio para o Brasil em uma campanha missionária no ano de 1958, realizada no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. Robert McAlister, nesta oportunidade, estava a convite do pastor Lester Summeral. Ele mudou-se definitivamente para o Brasil no ano de 1959, quando passou a residir no bairro de Santa Tereza. Foi através do rádio que surgiu a igreja, primeiro na Rádio Copacabana, depois com passagens pela Mayrink Veiga e Rádio Relógio respectivamente. Do rádio a igreja passou a um escritório que ficava situado no Edifício Central, na avenida Rio Branco. Posteriormente Robert McAlister sentiu a necessidade de se reunir num local de maior comodidade, devido a uma grande procura por parte de pessoas que haviam ouvido a mensagem pelo rádio e sentiam então o desejo de participar junto com o missionário de suas preleções. O novo espaço foi na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), local onde foi realizada a primeira reunião, em local fixo, da cruzada de Nova Vida. Era o dia 13 de maio de 1961.” BRAGANÇA, Ubirajara Sampaio. A Igreja De Nova Vida Como Base Para A Teologia Da Prosperidade No Brasil. *REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-CAMPUS – UNIVERSO, NITERÓI*. n.11, p. 34-348, 2016. p. 340. Disponível em <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=2596>.

¹⁷ MARIANO, Ricardo. *Pentecostais*, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 55.

O surgimento e desenvolvimento exponencial da IURD está dentro de um contexto político-econômico brasileiro. Alberto Antoniazzi destaca o crescimento de igrejas de confissão neopentecostal no Brasil como um fenômeno que destoa do fluxo de construção social moderna, pois

[...] quinhentos anos depois da ciência moderna ter garantido que a realidade é toda ela controlável pelo método indutivo, duzentos anos depois da Revolução Francesa iluminista - que levou a razão humana ao estatuto de única instância reverenciável, ao mesmo tempo em que rebaixou o nível de superstições obscurantista qualquer outra abordagem do real - multidões congregam se sucessivamente em monumentais estádios de futebol para exorcismos coletivos espetaculares.¹⁸

Há um atrativo especial nesse perfil de igrejas que desafiam a compreensão no pensamento humano hodierno. Este por sua vez trata-se do exorcismo, uma prática medieval que se mostra vivificada nos cultos, ocupando lugar especial na liturgia neopentecostal. Ao explorar esses “[...] conteúdos teológicos inusuais nas igrejas cristãs [...]”¹⁹, o neopentecostalismo atrai para si rebanhos católicos e evangélicos tradicionais que vão em busca de resultados imediatos aos dilemas da vida, tais como sofrimento por doenças, distúrbios de todo tipo e em especial a carestia financeira.

O crescimento exponencial deste seguimento, segundo Antoniazzi, pode ser atribuído pela facilidade e adequação. Ele começa com pequenos grupos, logo passa para um galpão ou barracão até erigir grandes e monumentais templos.

No canal do YouTube da IURD²⁰ há muitos vídeos com falas do Bispo a cerca das ofertas de sacrifício, nos quais ele expõe seu pensamento e doutrina sobre essa prática comum nas reuniões da IURD.

Em seu livro o “Sacrifício Perfeito”²¹, o Bispo Macedo descreve de forma mais sistemática e adentra mais afundo na sua concepção prática do que é ofertar como um sacrifício. Desde o prefácio do livro, os editores, a quem estão atribuídas às falas do prefácio, trazem o assunto do sacrifício como algo inerente e comum à vida e à prática da fé cristã. No vídeo postado no YouTube em 2014, com um nome bem

¹⁸ ANTONIAZZI, Alberto. *Et al. Nem Anjos Nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 225.

¹⁹ ANTONIAZZI, 1994, p. 227.

²⁰ IGREJA UNIVERSAL. *Canal oficial da IURD do Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/igrejaUniversal> . Acesso em: 15 maio 22.

²¹ MACEDO, Edir. *O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual do dízimo e oferta*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal Ltda, 2003. p. 5.

sugestivo de “quanto mais sacrifício, mais benção”, o bispo afirma que “enquanto nós estivermos sacrificando, enquanto nós estivermos no sacrifício, Deus jamais vai deixar de nos abençoar. Não tem outra saída.”²² Fica clara a intencionalidade do ensino: para uma benção ser alcançada, é preciso provocar através de uma oferta. Sacrifícios garantem o favor e graça divinos.

A relação entre oferta e benção (o benefício palpável, real) é muito estreita, asseguram os pastores. Na verdade, é de proporcionalidade física. Quanto maior a oferta fiel, maior a benção recebida. Quanto maior o sacrifício, maior o benefício. O ônus é proporcional ao bônus.²³

Na IURD, as concepções de fé são apresentadas de forma simples, seus cultos são desenvolvidos com uma liturgia própria, numa ordem específica de louvor, pregação, oração e outras práticas cúlticas comuns às igrejas evangélicas. Na Universal “basta aceitar a Cristo, declarar verbalmente ter recebido suas promessas bíblicas, ser fiel nos dízimos, **generoso nas ofertas** e ter fé, muita fé no Deus vivo que tudo pode.”²⁴ Essa simplicidade na expressão da fé, ela pode ser resumida em dois pilares: crer e contribuir. Na perspectiva da teologia do Bispo Macedo essas substâncias, como expressão de fé, são indissolúveis.

2.1 O LUGAR DA OFERTA DE SACRIFÍCIO NA VIDA CRISTÃ

Macedo aborda conceitos dos relacionamentos entre humanos para exemplificar a relação divino e humano. Um desses exemplos é o de “presentear com objetivos”, com interesse no retorno e lançando parâmetros de troca: um presente por uma reação desejada e conquista de benefícios a partir dos presentes ofertados “[...] qual é o tipo de pessoa que vou presentear [...]” “quais serão os benefícios que irei proporcionar ou alcançar com isso?”²⁵

Os conceitos apresentados no prefácio reaparecem quando Macedo traz seu ensino sobre o ato de ofertar, para ele, a oferta revela o coração, isto é, a essência de vida de quem oferta. Ao fazer isso, a pessoa busca demonstrar que a vida cristã se expressa por meio de ofertas. Também, segundo ele, a compreensão da obra salvífica

²² IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/HymZEBfEmFc> . Acesso em: 15 maio 2022.

²³ ANTONIAZZI, 1994, p. 240.

²⁴ MARIANO, 1999, p.59. (Grifo nosso).

²⁵ MACEDO, 2003, p. 11.

de Jesus, está atrelada à prática de ofertas financeiras. Uma vez estabelecido isso, o ato doador de Deus, enviando seu filho, é levado a um *tipo* oferta, isto é: Deus *ofertou* seu filho. Sendo assim devem da mesma forma as pessoas fiéis ofertar em resposta a Deus "[...] haja vista que a oferta está intimamente relacionada com a salvação eterna em Cristo Jesus [...]."²⁶

Em um outro vídeo, Macedo discorre a partir do texto onde Jesus disse que cada um dos seus discípulos deve levar sua própria cruz²⁷. O bispo destaca três tipos de sacrifício, os quais, segundo ele, deveriam estar presentes na vida de cada pessoa cristã, são eles: O negar a si mesmo, como uma renúncia aos prazeres da carne, em sua definição: “desejos da sua vontade”²⁸; o segundo, de acordo com ele, fala de perdoar os inimigos e da capacidade de oferecer a segunda face àqueles que ferem.²⁹ Por fim, ele apresenta o terceiro tipo de sacrifício abordando o texto de Juízes nos capítulos dezenove e vinte, onde está a história de um homem, descendente da tribo de Levi, que tivera sua concubina (Macedo a chama de esposa no vídeo) violentada e morta por homens da tribo de Benjamim. O texto³⁰ descreve o desfecho trágico do evento, a atitude do levita em esquartejar a mulher, enviar os pedaços a todas as tribos e a reação de resposta do povo de Israel declarando guerra contra os de Benjamim.

Macedo se detém no fato de que, depois que os homens de Israel investiram contra os de Benjamim, tiveram duas derrotas consecutivas, ainda que estivessem em maior número. Porém no terceiro dia, os israelitas não apenas oraram e buscaram direcionamento em Deus, eles também sacrificaram a Deus. Segundo Macedo, esse sacrifício fez com que obtivessem a vitória. Mais uma vez fica claro que, para o fundador da IURD, a vida piedosa não é apenas uma vida pautada na oração, no jejum, no negar-se a si mesmo e orar pelos seus inimigos. Um cristão que não

²⁶ MACEDO, 2003, p. 15.

²⁷ No vídeo, Macedo não dá as referências bíblicas, apenas cita a história e constrói seu argumento. A história bíblica citada pode ser encontrada nos evangelhos sinóticos nas referências de Mateus 16:24; Marcos 8:34; Lucas 9:23

²⁸ BISPO EDIR MACEDO. Os três níveis de sacrifício – Bispo Macedo. YouTube 14 de setembro de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/GM6j7DMTc98> . Acesso em: 15 de maio 2022, minuto 1:21.

²⁹ Da mesma forma os textos bíblicos são apenas citados. Desta vez o bispo faz menção a Mateus 5:39; Lucas 6:29 falando em oferecer a segunda face e Mateus 5:44; Lucas 6:35 falando em orar pelos inimigos.

³⁰ Juízes 19:29

sacrifica, entende-se sacrifício como uma oferta financeira, esse mesmo não alcançará a vitória, isto é, a benção ou graça almejada.

[...] agora no terceiro dia quando eles fizeram a oração e jejum e sacrificaram, aí a coisa mudou de figura. Deus abriu os olhos deles; eles armaram ciladas, eles tiveram ideias, tiveram capacidade, eles tiveram visão. Visão para fazer o que era certo e aí os filhos de Benjamim foram destruídos. Esse é um exemplo clássico de que sem o sacrifício não há vitória [...].³¹

E ainda:

[...] e não tem outro jeito! não existe não existe meia palavra, ou você faz o sacrifício e conquista ou você não faz sacrifício e vai continuar levando essa, essa vidinha de títica para o resto da sua vida, essa é a realidade! Você pode crer em Deus. Você pode ser cheio do Espírito Santo. Você pode ser fiel na igreja, mas se você para de sacrificar, você vai começar a viver uma vida de titiquinha. Essa é a realidade, sua vida vai ser uma titiquinha, desculpa a expressão, mas essa é a realidade! Por quê? Porque parou de sacrificar, parou de dar vida [...].³²

Ao conceituar os atos de ofertar que aparecem ao longo da história bíblica, de forma muito rápida, o bispo começa citando o Jardim do Éden. A ausência de culto por meio de ofertas é destacada, sua ênfase está no momento seguinte ao evento da queda, onde aparece o primeiro relato sacrifício. Neste ritual Deus cobre a nudez do ser humano com pele de um animal que fora sacrificado. Macedo discorre brevemente sobre a prática no antigo Israel, até chegar em Jesus Cristo, apresentando-o como oferta perfeita de sacrifício, o caminho pelo qual chegamos a Deus.

A oferta simboliza Jesus Cristo. Entre todos os símbolos, a oferta é a que melhor representa o Senhor Jesus Cristo, pois Ele é a oferta de Deus para o ser humano, a fim de que através da mesma, este possa se reconciliar com o Criador.³³

2.1.2 Sacrifício como piedade cristã

A piedade cristã, ou modo de viver das pessoas cristãs, está intimamente ligada ao seguimento confessional de cada igreja ou grupo. Existe grande diversidade no mundo cristão no tocante a modo de vida. Enquanto alguns grupos são mais rigorosos em sua maneira de viver, assumindo regras ascéticas no vestir, no comer,

³¹ BISPO EDIR MACEDO. *Os três níveis de sacrifício* – Bispo Macedo. YouTube 14 de setembro de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/GM6j7DMTc98> >. Acesso em: 15 de maio 2022, minuto 12:26.

³² IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/HymZEbfEmFc> . Acesso em: 15 de maio 2022, minuto 3:26.

³³ MACEDO, 2003, p.21.

na liturgia (separando espaços para homens e outro para as mulheres), na prática de vida social, entre outros, há outros grupos chamados mais liberais. Estes não buscam no asceticismo uma prática de piedade. A pauta de vida cristã do “[...] movimento holiness (santidade) metodista norte-americano (séculos XVIII e XIX) e nuances do pietismo europeu [...]”³⁴ influenciou, primeiramente, os grupos pentecostais e, num segundo momento, os neopentecostais como oriundos, trazendo a presença de um ideal de vida cristã presentes nos dois movimentos.

No contexto da Universal do Reino de Deus, essa concepção está presente e, para Macedo, a fé das pessoas cristãs deve ser refletida no seu modo de viver piedoso diante das demais pessoas, sejam cristãs ou não. Esse conceito de santidade e piedade é trazido à pauta onde aparece mesclado com o ato de ofertar. Para isso, o bispo faz uso de textos como Mateus 5:23:

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.³⁵

Também Efésios 6:5-9:

Quanto a vós outros, servos, obedeci a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre. E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há aceção de pessoas.³⁶

E ainda Mateus 5:14-16:

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.³⁷

Ao referenciar estes trechos das escrituras, Macedo afirma que há necessidade de santidade, isto é, uma vida reta e piedosa em paralelo a um viver

³⁴ OLIVEIRA, David Mesquiat de: Terra, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal*, reflexões e propostas para construção de uma identidade teológica. São Paulo: CPAD, 2018, p. 31.

³⁵ BIBLIA SAGRADA, 2015.

³⁶ BIBLIA SAGRADA, 2015.

³⁷ BIBLIA SAGRADA, 2015.

ofertante, conforme ele expõe em seu livro. Para o fundador da IURD, o ato de ofertar não está apenas ligado à salvação, mas também à piedade cristã. Partindo dos conceitos apresentados, as ofertas devem permear a vida da pessoa cristã como a grande expressão do seu cristianismo em muitos aspectos. Num outro momento, Macedo acrescenta à sua exposição um testemunho. Ele traz sua experiência de vida e constrói a partir dela a seguinte fala:

[...] eu vou dizer para você, enquanto eu viver, enquanto eu suspirar, enquanto eu tiver saúde física e espiritual eu jamais vou deixar de sacrificar porque é isso que me mantém vivo! É isso que mantém o meu sangue vivo e forte! Para poder curtir o resto dos meus dias em alegria porque quando a gente sacrifica, quanto mais a gente dá mais a gente recebe.³⁸

Sua construção traz a oferta de sacrifício para o centro da vida cristã, ela é a mola propulsora do viver em fé. Sem ofertas de sacrifício não há vigor para o exercício da fé e da vida num todo. Diferente das confissões cristãs de base, isto é, a católica, a ortodoxa e as protestantes históricas onde há a presença de ofertório nos cultos e nas liturgias, a IURD do Bispo Macedo distancia-se pelo fato da descentralidade da cruz no culto e liturgia. A oferta de sacrifício assume um lugar em conjunto, de mesma autoridade e força, muitas vezes até expressão da obra salvífica.

Esperandio define o modo de ser igreja na IURD, a prática do sacrifício, como proposta pela denominação:

Partimos do pressuposto que, especificamente no caso da Igreja Universal, trata-se, sobretudo de uma prática de sacrifício. E essa prática de sacrifício torna-se o “lugar” de onde deriva todo o sentido e modo de organização dessa instituição religiosa. Até aqui nada de novo, pois as religiões cristãs assentam seu sentido e prática do evangelho sobre a interpretação do sacrifício de Cristo. Entretanto, a diferença que a IURD marca em sua proposta de prática de sacrifício aponta para uma ruptura com o universo religioso cristão.³⁹

Justamente este *lugar*, definido por Esperandio, onde está situada a Igreja Universal, é um lugar fora de onde estão orbitando as demais confissões cristãs. A centralidade e a autossuficiência da cruz, assim como a obra realizada por meio dela, são aspectos fundantes da fé cristã sem nenhum outro que se equivalha ou possa ser

³⁸ IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em <<https://youtu.be/HymZEbfEmFc>>. Acesso em: 15 maio 2022, minuto 3:26.

³⁹ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e sacrifício: modo de subjetivação e religiosidade contemporânea*. Tese de Doutorado em Teologia. Faculdade de Teologia. São Leopoldo, 2006. p. 133.

elevado ao mesmo patamar. Macedo eleva o ato ofertório como produtor de sentido de vida fazendo da prática das ofertas de sacrifício algo equivalente ao viver cristão.

2.2 O SACRIFÍCIO RELIGIOSO

A prática sacrificial está presente em inúmeras religiões de diferentes matrizes. Ele é o “rito dos ritos, o sacrifício é o fato religioso mais típico, mas ao mesmo tempo o mais difícil de ser compreendido.”⁴⁰ Desde os tempos mais remotos, as pessoas humanas buscam contato com o divino por meio de altares e conseqüentemente ofertas sacrificiais. Estas, por sua vez, poderiam ser sacrifícios de seres vivos (inclusive vidas humanas em certas culturas) ou de produtos da cultura matriz onde a religião está sendo ou foi desenvolvida. Dentro do contexto bíblico, já no Antigo Testamento, no livro de Gênesis, há um sacrifício feito pelo próprio Deus, cuja pele do animal sacrificado servira de vestes para o primeiro casal humano. Ao longo da história bíblica observa-se essa prática. A lei mosaica normatiza as ofertas e sacrifícios que seriam feitos num local específico, a saber, o tabernáculo. No Novo Testamento, a morte de Jesus Cristo é vinculada aos sacrifícios veterotestamentários, como sendo o perfeito e pleno sacrifício em prol do mundo perdido por seus pecados.⁴¹

O sacrifício é um ato de “destruição”⁴², nele o objeto ou a vítima a ser sacrificado é totalmente entregue para ser aniquilado. A pessoa ofertante, aquela que oferece o sacrifício, tem uma perda ao sacrificar. Esta perda não está no sentido religioso. A perda, portanto, é o bem ou a vida sacrificada.

⁴⁰ CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 364

⁴¹ 1 Coríntios 15:3: Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras;

1 Pedro 3:18: Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito;

Romanos 3:24: sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus;

Efésios 1:3-7: Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça.

⁴² MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 18.

No aspecto religioso, o sacrifício passa por uma transmutação, não de matéria, mas de propriedade. Ao ser entregue sobre um altar, o objeto ou vítima sacrificada sai de um status comum para um status santo, separado. Ele agora pertence ao mundo religioso, do qual não pertencia antes do rito.

Os sacrifícios também desenvolvem uma função de mediação, por meio deles a pessoa ofertante tem acesso à divindade a qual está sendo ofertada,

[...] o traço distintivo da consagração no sacrifício: que a coisa consagrada sirva de intermediário entre o sacrificante, ou o objeto que deve receber os efeitos úteis do sacrifício, e a divindade à qual o sacrifício é endereçado [...].⁴³

Por meio dos sacrifícios, pode-se dizer, sempre existe a busca de estabelecer uma ponte, uma conexão com o divino na intencionalidade de alcançar algo. O sacrifício tem um poder no seio da religião onde está inserido de alterar o estado moral da pessoa que o faz. Para a pessoa sacrificante lhe é atribuída nova posição, ou status diante do ser divino que recebe o sacrifício. A prática do sacrifício obedece a lógica do *do ut des*, o dito popular *toma lá, da cá*. A pessoa ofertante tem sua posição mudada diante da divindade a qual recebeu o sacrifício. Esta por sua vez deve retribuir com algo. É um troca, uma via de duas mãos, uma que vai e outra que vem.⁴⁴

O sacrifício, por ser um evento ligado à religião, deve por sua vez ser feito em ambiente religioso, sendo assim demanda um preparo prévio do ambiente, do objeto ou vítima a ser sacrificada, além do preparo da pessoa ofertante. Os templos ou locais específicos de culto já trazem em si a consagração apropriada ao serviço religioso. Todas essas ações de preparação têm como fim certificar a natureza santa do ritual e tudo que o envolve. As vestes do oficiante do sacrifício, o preparo da vítima e muitas vezes o rigor ascético exigido do ofertante desempenham essa função.

Já que o sacrifício tem por finalidade afetar o estado religioso do sacrificante ou do objeto do sacrifício, pode-se afirmar *a priori* que as linhas gerais de nosso desenho devem variar de acordo com o que é esse estado no início da cerimônia.⁴⁵

⁴³ MAUSS, 2005, p. 17.

⁴⁴ “Quanto maior for o peso da tradição camponesa numa civilização, tanto mais a religiosidade popular se orienta para a magia: o campesinato, comumente circunscrito ao ritualismo meteorológico ou animista, tende a reduzir a religiosidade ética a uma moral estritamente formalista do *do ut des* (Tanto em relação ao deus quanto ao sacerdote).” BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 84. (Grifo do autor).

⁴⁵ MAUSS, 2005, p. 56.

Mauss distingue etimologicamente os conceitos de “*sacrificante*” e “*objeto do sacrifício*”. Ele descreve que o sacrifício pode ter efeito diretamente sobre a pessoa que o oferece, ou ser atribuído a outra pessoa, grupo, família ou nação, sendo o ofertante apenas um representante do todo. Há também os objetivos em vista de serem alcançados por meio do sacrifício. Para o autor são coisas distintas e por isso diferenciadas na nomenclatura. O primeiro é denominado de *sacrificante*, enquanto o segundo recebe o nome de *objeto do sacrifício*.

“O estado no início da cerimônia”⁴⁶ é um conceito apresentado por Mauss que define e descreve a condição no qual a pessoa ofertante se encontra no início do ritual, isto é, conforme o objetivo desejado pela pessoa ofertante, haverá nuances diferenciadas no rito, na oferta, nas exigências às pessoas oficiantes e mesmo das ofertantes.

Todo esse movimento e rito tem um só objetivo como bem define Mauss, “o fim de todo rito é aumentar a religiosidade do *sacrificante*”⁴⁷. Ao trazer a oferta de sacrifício, a pessoa ofertante tem um sentimento religioso de completude, de dever cumprido para com a divindade e basta apenas esperar a resposta do divino, o “*objeto do sacrifício*”⁴⁸, como resultado do seu ato em prol de si ou de outrem.

Sobre o ato de sacrificar, Mauss descreve que:

Em todo sacrifício há um ato de abnegação, já que o *sacrificante* se priva e dá. E geralmente essa abnegação lhe é imposta como um dever, pois o sacrifício nem sempre é facultativo; os deuses o exigem. Deve-se a eles o culto, o serviço... [sic]... se o *sacrificante* dá algo de si, ele não se dá: reserva-se prudentemente. Se ele dá, é em parte para receber. O sacrifício se apresenta assim sob um duplo aspecto, é um ato útil e é uma obrigação, o desprendimento mistura-se ao interesse⁴⁹

E acrescenta ainda:

Eis porque ele foi frequentemente concebido sob a forma de um contrato. No fundo, talvez não haja sacrifício que não tenha lago contratual. As duas partes envolvidas trocam seus serviços, e cada um tem sua vantagem.⁵⁰

⁴⁶ MAUSS, 2005, p. 56.

⁴⁷ MAUSS, 2005, p. 57.

⁴⁸ MAUSS, 2005, p. 57.

⁴⁹ MAUSS, 2005, p. 106.

⁵⁰ MAUSS, 2005, p. 106.

2.3.1 Sacrifícios na IURD

As reuniões da IURD podem ser vistas pela ótica das definições conceituais de cultos onde se realizam sacrifícios noutros seguimentos religiosos. Nos discursos do Bispo Macedo, e dos demais pastores iurdianos, observa-se o uso dos conceitos de destruição da oferta, de mudança de status do ofertante, de compromisso do divino para com a pessoa participante das contribuições financeiras, isto é, aquela que sacrifica. O dinheiro ofertado sai de uma posição de profano, mundano, para o sagrado. Ele agora é santo, pertence a Deus. E seguindo a elaboração teológica do Bispo, descrita tecnicamente por Mauss quando afirma que o tamanho e tipo de sacrifício define o status que a pessoa sacrificante ou o objeto do sacrifício almejam receber por meio dele.

O dinheiro aparece como representante da vida, como fora representado pelo sangue no Antigo Testamento e o é em algumas religiões que praticam sacrifícios. O esforço e tempo dedicados para alcançar os valores monetários são traduzidos como vida na linguagem religiosa iurdiana. Mattos compreende que

[...] o sangue como elemento material do sacrifício deve ser substituído pelo dinheiro já que o mesmo é a mais fiel e completa representação da vida do ofertante que se acha em seu próprio sangue. Isto porque na sociedade contemporânea dinheiro tem se tornado no elemento vital necessário para a sobrevivência e prosperidade de todas as pessoas, organizações e instituições sociais. Tal como acontece com o sangue, vida abundante sem dinheiro se torna praticamente impossível. Por isso, sangue tem se convertido em dinheiro como elemento material necessário para o verdadeiro sacrifício devidamente apresentado a Deus na demonstração da fé do ofertante. Por que na pregação e ensino de Macedo dinheiro veio a tornar-se um tão poderoso meio da relação humana com o Sagrado? Dinheiro, segundo a pregação e ensino de Macedo, é mais do que um instrumento material para a realização de transações econômicas de qualquer espécie. Sem perder seu aspecto físico, dinheiro se constitui em elemento espiritual essencial ao sacrifício, pois é parte de nossa própria existência física e espiritual. O dinheiro chega até nós sempre de forma sacrificial mediante atividades cujo objetivo final não está limitado às dimensões econômicas e financeiras da vida do fiel, mas abarca a manutenção e a preservação de sua vida em todas as dimensões pessoais e coletivas⁵¹

Elementos de sacralização e preparo prévio podem ser verificados nas construções elaboradas nos cultos das IURD. Os elementos judaicos (talits, kipás,

⁵¹ MATTOS, Paulo Ayres. *Algumas observações teológicas sobre a teologia do sacrifício do Bispo Edir Macedo*, da Igreja Universal do Reino de Deus. Azusa, revista de estudos pentecostais. Faculdade Refidim, Joinville, 2015. p. 14. Disponível em <<https://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/97/82>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

candelabros) e de matrizes africanas (roupas, banhos, ervas) que os pastores e bispos iurdianos usam, os pedidos de orações que são apresentados junto com o dinheiro oferecido em sacrifício, bem como as vigílias de oração feitas num monte onde os pastores sobem exemplificam conceitos de sacralidade necessária para a realização do rito.

Os pastores e bispos tornam-se verdadeiros mediadores e oficiantes dos sacrifícios, ali eles se reúnem para orar e entregar a Deus as petições das pessoas ofertantes dos sacrifícios. O lugar geograficamente alto parece legitimar a prática. Interessante observar o modo como os pastores da IURD desenvolvem essas concepções claramente expostas por Mauss. A fala do Bispo Macedo⁵², declarando que se deve sacrificar com intensidade, é provocativa no sentido de imposição indireta, isto é, a pessoa não é obrigada a sacrificar, mas sacrificando recebe inúmeros benefícios. Os aspectos do contrato, presentes na prática do sacrifício, são também manifestos no sentido de obrigação da parte de Deus em retribuir aquele que sacrifica. Deus está obrigado a abençoar aqueles que sacrificam.

O sacrifício pode ser compreendido como uma oferta, uma dádiva feita a seres ou ser superior. Hierarquicamente falando, o sacrifício passa a ser superior que uma dádiva feita aos semelhantes, pois este está sendo oferecido a uma entidade superior. “Funciona, portanto, como um amplificador, uma espécie de auto falante do dom humano [...] a dimensão do dom que o sacrifício amplifica e multiplica ao máximo é a do interesse calculado do utilitarismo.”⁵³

Sacrificar é potencializar o valor sacrificado, isto é, a exemplo da IURD, ao levar os valores de um carro, uma casa, um fundo de poupança, o valor do sacrifício excede o financeiro, nele está a abnegação de usufruir do bem e o valor agregado dado pelo status da Divindade que recebe. Nessa lógica, dar a Deus caracteriza algo mais importante que dar às pessoas humanas.

⁵² Faço referência a conversa do Bispo Macedo com Bispo Clodomir, no vídeo intitulado “quanto mais sacrifício, mais bênçãos”. Este vídeo é usado como fonte de discurso no primeiro capítulo desta monografia. Disponível em < <https://youtu.be/HymZEbfEmFc> >. Acesso em: 15 maio 2022.

⁵³ CAILLÉ, Alain. *Antropologia do Dom: o terceiro paradigma*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 168.

Os aspectos do utilitarismo⁵⁴ se mostram claros nas práticas iurdianas, pois toda oferta visa um fim proveitoso. Os desejos mais diversos são expressos ao entregar os valores sobre o altar.

Para o antropólogo Louis-Marie Chauvet, o sacrificio é sempre uma troca simbólica: “Quem dá? O Quê? A que tipo de entidade superior? Por qual intermediário? Visando o quê?”⁵⁵ Todas estas perguntas podem ser respondidas no sistema de culto sacrificial da IURD.

Quem dá? São as pessoas fiéis, homens e mulheres oriundas geralmente das classes sociais menos favorecidas economicamente falando. Estas podem ser membros assíduos ou aventureiros, tentando a sorte nesse sistema metafísico de aquisição de bens/bençãos. Aquele que dá pode fazê-lo em benefício próprio ou em nome de outrem.

O quê? Dinheiro, em espécie dentro do envelope padronizado preferencialmente. Pode ser também bens como carros, casas ou joias.

A que tipo de entidade superior? Conforme o discurso dos líderes da IURD, os sacrifícios são destinados ao Deus da Bíblia, o Deus de Israel no Antigo Testamento e Deus da Igreja no Novo Testamento. Para a teologia da Igreja Universal, é necessário o sacrifício, ele permeia cada parte da vida, sendo essencial para a manutenção da vida de fé. Pela hermenêutica da IURD, sacrificar a Deus, provoca sua reação de retribuir em conformidade a sua palavra.

Por qual intermediário? Neste ponto está localizada a instituição Igreja Universal do Reino de Deus, ela se faz intermediária das ofertas de sacrifício. Por meio da Igreja, também denominada de Obra de Deus, a pessoa fiel sacrifica a Deus. A igreja não é assume o destino do sacrifício, porém se coloca como canal para que ele aconteça.

Visando o quê? Neste ponto as respostas alcançam uma amplitude imensurável. As pretensões do sacrifício vão desde a cura de uma doença terminal

⁵⁴ Utilitarismo é um segmento da filosofia criado no século XVIII pelos filósofos Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873), ambos britânicos. Esse modelo tem a característica de ser um sistema filosófico moral e ético onde uma ação útil é denominada como a mais correta, daí seu nome provém. Nessa linha, a busca pelo prazer é uma importante característica. Sendo assim, as ações aspiram um fim onde as consequências sejam focadas no prazer e na felicidade, bem como na utilidade desses atos.

⁵⁵ CHAUVET, 1994 *apud* CAILLÉ, 2002, p. 172.

ao sonho da casa própria. Cada promessa bíblica pode tornar-se um alvo, além de todo anseio financeiro de uma sociedade capitalista.

Sacrifício como troca simbólica é a manifestação do

[...] ciclo social sintético, o ciclo do dar, receber e retribuir [...] o sacrifício tem, portanto, ao menos um duplo interesse. Por um lado, permite desafiar os deuses, medir a força deles [...] por outro lado, permite retirar os benefícios secundários da submissão que se testemunha a eles.⁵⁶

Neste esquema, propõe-se que há aquele que dá, há o que recebe e retribui. Ofertas em sacrifício passam a ser um desafio, primeiro para aquele que oferta, pois está sacrificando. Segundo para o que recebe, no caso Deus, pois agora está desafiado a retribuir em justa medida. Neste desafio de dupla referência, a oferta dada mede a retribuição. Daí justificam-se os apelos para sacrifícios grandiosos financeiramente falando.

Se através do desafio agonístico, que deve obrigar o receptor do dom (*sacrifício*) a retribuir com sempre maior generosidade, é sempre um superávit de vida, sob todas as suas formas, que se espera - e tudo atesta que é este justamente o caso - então o que seria mais lógico que oferecer aos seres superiores justamente o que se espera que eles deem [*sic*]?⁵⁷

Pela lógica proposta por Caillé, pode-se entender o papel do dinheiro neste tipo de transação religiosa. Se busco o dinheiro, eu o ofereço. Cabe agora a Deus, o destinatário, não à IURD, a recompensa.

2.3 TEOLOGIA CAMUFLADA

Existe teologia da IURD? A resposta é clara, sim! Há uma teologia iurdiana, mas essa afirmação parece destoar da temática de uns dos livros do Bispo Macedo “A Libertação da Teologia”. Para o fundador da IURD, as práticas rituais, homilias e práxis eclesiológicas não constituem fruto de uma teologia. Porém ela está ali, ainda que não mencionada ou abordada de forma sistemática. Essa negação de um fazer teológico conduz à construção da sua linha de argumentação. Para o Bispo teologia é algo ruim e fruto da criação humana.

⁵⁶ CAILLÉ, 2002, p. 202.

⁵⁷ CAILLÉ, 2002, p. 187. (Grifo nosso).

A teologia existente na Igreja Universal se estabelece numa espécie de “contra teologia”. Para Edir Macedo⁵⁸ as formas de desenvolvimento do pensar teológico são futilidades e nada acrescentam as pessoas fiéis, pelo contrário, causam confusão para os mais simples e ilusão nos sábios. Estudar a teologia, segundo Macedo, apenas produz a capacidade de discussão e desacordo entre as pessoas crentes. Apesar da clara negação de uma teologia sistematizada presente na IURD, suas formulações são

[...] uma acomodação da teologia pentecostal ,inicialmente “contra o mundo”, mas que agora se acomoda às demandas das massas por cura, liberdade e prosperidade material, fazendo lhes concessões, algumas delas contrárias às posições teológicas tradicionais do primeiro movimento pentecostal.⁵⁹

A divindade apresentada pela IURD é subserviente, presa a suas próprias promessas. A proposta de trazer ofertas serve para “ativar” as promessas de Deus, colocando-o em obrigação de resposta pelo empenho da sua palavra. “temos aqui, não mais um ser humano endividado, mas sim um ‘deus endividado’.”⁶⁰ A relação de troca *dê-me, dou-te*, fica explícita nessa relação pessoa humana – divindade. O alcance das graças se dá por mérito das ofertas, elas são o canal de obtenção da ação do sagrado. A graça imerecida não aparece nessa relação, princípios fundantes do movimento protestante sequer são citados nessa dinâmica teológica. A reconciliação de relacionamento com o divino também é excluída. O que sobra é uma divindade que resolve os problemas da vida moderna, em especial os financeiros.

Macedo desenvolve sua ideologia⁶¹ na pretensão de conduzir a pessoa leitora no entendimento que a práxis cristã, a piedade é o verdadeiro cristianismo. Sendo assim, ela deve ser destacada em detrimento do conhecimento científico teológico. Deve-se afastar-se de pensamentos humanos acerca de Deus e de sua obra.

As acusações e ataques à academia se elevam na medida em que se avança nas páginas do livro do bispo, em falas como:

⁵⁸ MACEDO, 1993 *apud* CAMPOS, 1997, p. 330.

⁵⁹ CAMPOS, 1997, p. 331.

⁶⁰ CAMPOS, 1997, p. 371.

⁶¹ Aqui ideologia está no seu sentido etimológico de *estudo das ideias*. Faz-se referência à ideologia de Macedo, direcionando a pessoa leitora ao conjunto de valores, doutrinas e princípios adotados pelo fundador da IURD, os quais geram pertencimento ao movimento proposto pelo Bispo.

Quem desviou o cristianismo dos seus princípios nos primeiros séculos? Acaso não foram os teólogos? Foram eles que causaram a reforma protestante e que criaram as grandes divisões do 'cristianismo restaurado' que deram origem às denominações evangélicas que hoje existem.⁶²

E ainda:

A Teologia, por mais bonita que seja, dentro da sua aplicação particular, é radical. Ela divide os cristãos; divide católicos de católicos e evangélicos de evangélicos. Ela transforma os seguidores de Cristo em católicos, evangélicos, carismáticos, pentecostais, tradicionais, renovados, reavivados, liberais, ortodoxos, etc. Que desgraça!⁶³

Esse ataque deliberado à teologia, como pensamento sistemático da fé e respaldadora das práticas eclesiais mais diversas, soa como uma cortina de fumaça onde a teologia iurdiana que se camufla.

Se viver piedosamente substitui o conhecimento, como proposto pelo Bispo, resta a pergunta: quem define o que é piedade? Que chaves hermenêuticas são usadas para a elaboração desses valores e conceitos propostos? Todas essas construções e elaborações são a mais pura definição de teologia? Obviamente que sim!

2.3.1 Efeitos na comunidade

Segundo Mendonça, quando uma instituição cristã adere à teologia e às práticas dos cultos mágicos, abraçando assim o “sindicato de mágicos”⁶⁴ e a “empresa mágica”⁶⁵, fica evidente o distanciamento de tal instituição, no nosso caso o neopentecostalismo da IURD, do pensar teológico protestante. A IURD desenvolve um certo descomprometimento como o sinal identitário do protestantismo, ou seja, a formação de comunidades de fé. O estabelecimento de uma relação comercial na vida eclesial descaracteriza a mesma como comunidade de fé, passando ela a ser um lugar de negócios, como um mago que atende os seus clientes. Neste empreendimento/magia as pessoas féis tornam-se pessoas clientes de uma igreja, a qual, tornou-se um balcão de vendas para suprir necessidades. O sagrado torna-se a fonte de favores imediatos, “pagos” pelas ofertas em sacrifício. Durkheim descreve a

⁶² MACEDO, Edir. *A libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1993. p. 18.

⁶³ MACEDO, 1993, p.19.

⁶⁴ MENDONÇA, 1992 *apud* CAMPOS, 1997, p. 192.

⁶⁵ MENDONÇA, 1992 *apud* CAMPOS, 1997, p. 192.

contrariedade do ser igreja e da religião da magia, apontando seus efeitos diretos no estabelecimento de comunidades de fé, identidade dos protestantes como já falamos acima

Não existe igreja mágica. Entre o mago e os indivíduos que o consultam, como entre esses próprios indivíduos, não existem laços duradouros que façam deles membros de um mesmo corpo moral, comparável ao formado pelos fiéis de o mesmo deus, pelos praticantes de um mesmo culto. O mago tem clientela, não igreja, e seus clientes podem muito bem não ter entre si nenhuma relação, a ponto de se ignorar e uns aos outros; até as relações que tem com o mago são geralmente acidentais e passageiras; são em tudo semelhantes às de doente com o médico.⁶⁶

Esse perfil eclesiástico/litúrgico destaca a transitoriedade das pessoas fiéis em busca de milagres, mas sem o estabelecimento de uma carreira de fé. Os cultos tornam-se reuniões em movimento, trânsito de pessoas que entram e saem. Não podemos deixar de reconhecer a existência de grupos que vivem em comunidade na IURD, mas eles não representam a maioria, tampouco o perfil da denominação.

Essa massa de pessoas em busca de uma solução rápida para as agruras da vida humana demonstra a compreensão quem têm da igreja e das homilias como uma religião utilitarista. A mensagem comunicada pelos pastores da IURD “ênfata uma ‘teologia retributiva’ baseada nos méritos pessoais de cada um, contrastando com uma ‘teologia da graça’.”⁶⁷ A ênfase nas ofertas e contribuições projeta a visão da pessoa fiel em si, e na sua capacidade. Os aspectos da cruz, como morte vicária e amor incondicional de Deus não aparecem nessa relação, o que resta é “uma religião utilitária e que se resume apenas no esforço da contribuição financeira, como forma de se aproximar da divindade.”⁶⁸

Diante disso, é necessário analisar a teologia iurdiana.

2.3.2 Hermenêutica da IURD

Toda elaboração teológica é feita a partir de uma hermenêutica. Essa ciência é base para toda interpretação do texto bíblico. Na igreja hodierna estão presentes diferentes hermenêuticas que, por sua vez, produzem diferentes elaborações

⁶⁶ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 76.

⁶⁷ CAMPOS, 1997, p.196.

⁶⁸ CAMPOS, 1997, p.197.

teológicas. É possível conhecer a teologia de determinado segmento conhecendo as chaves hermenêuticas usadas.

A hermenêutica dos movimentos neopentecostais se assemelha à dos movimentos pentecostais, de onde provém originalmente. O trato com as escrituras e a recepção dela acontece prioritariamente pela experiência, pelo *sentir*. O texto bíblico precisa ser vivenciado, experienciado. O Bispo Edir Macedo⁶⁹ discorre de forma bem extensa sobre a Bíblia num todo, como um livro de experiências que devem ser destacadas na arte da interpretação. Pontos como relacionamento e amizade com Deus são referidos como meios pelos quais as experiências acontecem.

Poder-se-ia dizer que vemos no Antigo Testamento, a experiência religiosa de um povo, Israel; nos Evangelhos, a experiência religiosa de Jesus; nos Atos, a experiência religiosa dos apóstolos; e nas epístolas, a experiência religiosa da Igreja. O livro do Apocalipse seria então o último capítulo da experiência religiosa da humanidade.⁷⁰

Segundo a hermenêutica sensorial dos textos bíblicos há um certo *“círculo hermenêutico, a ‘experiência’ ajuda na leitura das narrativas [...], as quais por sua vez, alimentam as práticas e estas, retroativamente, são alimentadas pelas narrativas”*⁷¹. Essa forma circular de conceber o modo interpretativo das escrituras leva o texto para dentro da vida das pessoas cristãs e por sua vez as pessoas cristãs para dentro do texto.

A partir dessas concepções hermenêuticas, desta forma interpretativa circular, pode-se observar, nos discursos da IURD, uma preferência por textos e narrativas bíblicas que envolvem as questões financeiras. Quando não remetem diretamente ao dinheiro, ao enriquecimento e à conquista de posições elevadas por meio da intervenção divina os textos, são levados a uma aproximação do assunto. A temática das finanças é um assunto recorrente e intenso como objeto de interpretação.

Abordar os textos de narrativas de vitórias, transformações miraculosas pela visitação divina na perspectiva da experiência, produz nas pessoas ouvintes um desejo e uma busca por vivenciar as mesmas situações. Sempre na leitura dos resultados de vida de certo personagem bíblico está a postura, prática e/ou ato ofertório deste determinado personagem. Para se obter o mesmo resultado, viver a

⁶⁹ MACEDO, 1993. Capítulo 8 até o 17.

⁷⁰ MACEDO, 1993, p. 81.

⁷¹ OLIVEIRA; KENNER, 2018, p. 27.

mesma experiência do personagem, deve-se repetir suas ações. Se os personagens sacrificaram, deve-se fazer o mesmo.

A alegorização das escrituras e a utilização delas numa forma anacrônica são características da hermenêutica iurdiana. Os personagens bíblicos e suas vivências, são trazidos e apresentados de uma forma até teatral e as pessoas fiéis, pela fé, são estimulados a possuir (e sempre através da compra, efetuada pelas pessoas fiéis, dos itens disponibilizados pela igreja) itens descritos nos textos como cajados, lenços, vassouras e tantos outros. Por meio desses objetos extraídos do texto, que agora parecem ser dotados de certo poder etéreo, Deus realizará os mesmos feitos miraculosos que realizara outrora na vida de cada personagem bíblico referente.

Além das experiências e manifestações metafísicas como meio de interpretar as escrituras, está o desejo de conquista de bens e recursos materiais. Este desejo é despertado pela maneira da IURD ler e interpretar a Bíblia. Destacando o tema das finanças, ela leva as pessoas fiéis a buscarem, através da fé, os recursos financeiros e aquisições materiais.

Acredita-se que uma das influências desta visão dos neopentecostais seja a afirmação do Neoliberalismo, o qual é caracterizado pela desregulamentação da economia a fim de se promover o fim das políticas protecionistas comerciais [sic] e do livre trânsito de capitais. Isso contribui para o estabelecimento da Economia de Mercados, cuja idéia [sic] é de que quanto mais o mercado se expandir teremos mais bens de consumo a disposição. Todavia, nesta cultura mercadológica o indivíduo é valorizado mais pelo ter. O que valida a inclusão do indivíduo nesta nova cultura é a capacidade que ele tem de adquirir bens de consumo. Esta visão mercadológica tem influenciado a maneira como os grupos religiosos e, principalmente os neopentecostais interpretam a Bíblia. O nome que se deu a estas interpretações foi de a Teologia da Prosperidade⁷²

Essa forma hermenêutica influenciada pelo neoliberalismo econômico, pai da chamada prosperidade bíblica, encontrou solo fértil no Brasil de desigualdades sociais tão acentuadas. A opção de receber status, ascensão social e livramento das agruras da vida ficam evidentes no que podemos denominar chave hermenêutica da IURD, o destacado *PARE DE SOFRER*. Este slogan aparece estampado nas fachadas das Igrejas Universais pelo Brasil e afora, conforme a Figura 1. O slogan/chave é um

⁷² CARVALHO, Osiel Lourenço de; SCHMITT, Flávio. *Hermenêuticas contemporâneas: a interpretação bíblica a partir da academia, da Igreja Católica, da Igreja Universal do Reino de Deus, da teologia da libertação e da Assembléia de Deus*. São Leopoldo, RS, 2010. 60 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010. p. 13.

indicativo do perfil de mensagem desenvolvida pela IURD e pelas demais dentro do segmento neopentecostal.

Figura 1 - Imagem da fachada de um templo da IURD na cidade de Brockton



Fonte: Universalchurchusa⁷³

2.3.3 Sistemática da IURD

Não há nenhuma edição de uma teologia sistemática da Igreja Universal do Reino de Deus, nem mesmo o Bispo Macedo jamais lançou algo do gênero. Pelo contrário, fica nítido haver um distanciamento da teologia sistematizada. A página da igreja na web traz uma breve confissão de fé da IURD.⁷⁴ Nela estão elencados alguns pontos centrais do cristianismo como: a fé no Deus trino; a encarnação de Cristo; a morte e ressurreição do Senhor. A pessoa do Espírito é apresentada como aquela que

⁷³ <https://universalchurchusa.org/pt/post/brockton-massachussetts/> Acesso em: 13 abr. 2023.

⁷⁴ UNIVERSAL. *Portal da Igreja Universal do Reino de Deus*. Disponível em <<https://www.universal.org/a-universal/home/>> Acesso em: 16 jun. 2022.

convence do pecado e batiza para a santidade e purificação do crente; há uma breve citação da santa ceia sem posições teológicas históricas relacionada.

A prática de trazer dízimos e ofertas recebe um ponto especial na confissão de fé descrita no site. Importante frisar esse fato, pois na elaboração do discurso do bispo sobre as práticas de ofertas, e em especial a oferta de sacrifício, ela sempre aparece vinculada a uma doutrina fundante do cristianismo. O ato de ofertar é apresentado de maneira ambígua. Em certos momentos dos discursos ele parece como o ofertar de si mesmo, isto é, como uma vida de renúncia e entrega pessoal a Deus. Ofertar pode ser entendido como entregar a si mesmo ao divino, uma oferta abstrata. Ter um modo de vida que manifeste uma devoção única e absoluta a Deus. Noutros momentos essa noção é conduzida no sentido financeiro. Agora ofertar se refere ao dinheiro, aos bens materiais que podem ser tocados. A abstração fica de lado e valem as ofertas concretas. Estas concepções se mesclam, submergem e emergem até que se fundem na proposição do Bispo.

2.3.3.1 Soteriologia

O estudo da salvação recebe esse nome como junção de duas palavras gregas *soteria* e *logos*, a primeira significa salvação e a última tem o significado de discurso ou palavra. “Na teologia cristã, a soteriologia trata diretamente com a pessoa e obra de Jesus Cristo e como a salvação é possível através dele.”⁷⁵ “Soteriologia é em suma o conjunto de doutrinas de salvação [...] relacionadas com a nossa gloriosa salvação em Cristo.”⁷⁶

Quando se aborda a soteriologia na IURD, percebe-se em um primeiro plano a confissão de fé comum às igrejas cristãs. Elas confessam a Jesus encarnado, crucificado e ressurreto. Declaram o sacrifício de Cristo como obra vicária. Obra que produz salvação mediante a fé, semelhante ao pensamento dos reformadores.

A questão está na forma como são desenvolvidos os discursos presentes nos atos ofertórios, sendo aqui que a IURD anexa, como um adendo, ofertas de sacrifício a obra salvadora na cruz. A elaboração da narrativa não é feita de forma clara e

⁷⁵ MATHER, George A. *et al.* *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Editora Vida, 2000. p. 432.

⁷⁶ GILBERTO, Antonio *et al.* *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 339.

evidente, mas de forma ambígua. Ensina-se a pessoa fiel deve dar uma *resposta* como obra de salvação. Esta resposta consiste no ato de ofertar sacrificialmente e fazer com generosidade. A compreensão da obra salvífica de Jesus aparece atrelada à prática de ofertas financeiras.

Macedo discorre a partir do ato salvador de Deus enviando seu Filho. Para ele isto é expressão máxima de oferta de sacrifício, e assim, como a obra de salvação constitui-se de uma oferta, devem também as pessoas fiéis ofertar em resposta a Deus "[...] haja vista que a oferta está intimamente relacionada com a salvação eterna em Cristo Jesus [...]".⁷⁷ Fazendo isso, fica nítida a soteriologia conjunta da Igreja Universal do Reino de Deus. Jesus salva, mas para a salvação ser concreta e evidente é preciso sacrificar.

A soteriologia iurdiana se distancia da tradicional cristã no aspecto da escatologia. Seu doutrinamento de salvação, como resposta filosófica e moral ao sofrimento das pessoas humanas, não contempla a dimensão transcendente e escatológica. O pós-morte não desperta interesse na construção teológica da Igreja Universal. Antoniazzi descreve que

Se pudermos definir salvação como passagem da situação atual a uma situação qualitativamente superior e definitiva, há de se admitir que a Igreja Universal prevê, de fato, essa passagem para um *algo-a-mais*, mas intramundano e não necessariamente definitivo. Faltando-lhe o aspecto escatológico (ou simplesmente não levando em consideração), poder-se-ia dizer que a soteriologia da Igreja Universal é de caráter imanente.⁷⁸

Esse perfil de salvação apresentado alinha-se ao sistema de ofertas sacrificiais proposto pela IURD. Ao adotar o *dê-me, dou-te*, uma relação de troca se estabelece, onde o doador/ofertante recebe inclusive o direito de ser salvo, não apenas isso, ser salvo do que, além de escolher o quê quer ganhar como resultado dela. Dessa forma a salvação imanente e sua praticidade usual se tornam acessíveis aqueles que ofertam em sacrifício, elevando o ato do ofertório a uma “nova virtude teologal”.⁷⁹

⁷⁷ MACEDO, 2003, p. 15.

⁷⁸ ANTONIAZZI, 1994, p. 248. (Grifo do autor).

⁷⁹ ANTONIAZZI, 1994, p. 249.

O aspecto da salvação por meio da fé, ponto fundante da reforma protestante, aparece na soteriologia da Universal, contudo adaptado. A salvação imanente parece requerer uma fé imanente, de que forma? Pelas ofertas,

[...] mas por que teria a oferta esta capacidade de alteração da atual situação de indigência? Trata-se aqui de uma barganha cósmica [...] Tudo pertence a Jesus, mas algumas mínimas coisas estão já em minha posse; se eu der a Jesus aquilo ou daquilo que tenho ele me dará daquilo que ele tem, isto é, os bens da terra, a saúde etc. de que, justamente, careço.⁸⁰

É o conceito de risco. Quando a pessoa fiel oferta em sacrifício todos seus recursos do mês, por exemplo, segundo a visão de justificação da IURD, ela está manifestando a sua fé, e provocará a ação salvadora de Deus. Os grandes pedidos de ofertas feitos pelos líderes, segundo eles, são oportunidades de arriscar-se. “o arriscar-se é o existir da fé, a maneira peculiar de manifestar-se dessa vivência chamada fé [...] quem não arrisca não tem fé.”⁸¹

A mensagem da salvação da Igreja Universal do Reino de Deus está mesclada com aspectos de doutrinas da religiosidade geral do Brasil, soteriologias cunhadas nas religiões de matriz africanas e indígenas, visões próprias do imaginário religioso brasileiro.

2.3.3.2 Demonologia

A prática de exorcismo na IURD está para além de uma confissão de fé da vitória sobre o mal, cuja batalha chega ao ponto de domínio físico sobre as vítimas. Ela está como fator fundante da teologia iurdiana. Os demônios cercam as vidas humanas no intuito de afastá-las do Divino e, por conseguinte, de suas bençãos. Entende-se por benção toda sorte de bens materiais necessárias para uma vida agradável na esfera terrena. São os demônios, na concepção iurdiana, que causam todo mal como pobreza, distúrbios familiares, ausência de saúde e todo tipo de dano na existência. Para a IURD, o demônio pode estar em diferentes situações ou parte do corpo, inclusive ser mais de um podendo chegar a centenas, porém por todos os meios ele é a causa dos malefícios.

⁸⁰ ANTONIAZZI, 1994, p. 262.

⁸¹ ANTONIAZZI, 1994, p. 264.

A doutrina iurdiana sobre os demônios absolve a pessoa do pecado original, diferente do que fazem os seguimentos cristãos tradicionais. Para ela, a fonte e razão de todo mal cósmico está personificado no demônio, ou nos demônios.

Pobreza, doença, problemas familiares e outros de toda ordem são a demonstração do império dos demônios [...] propriamente, não há um elemento de culpa nessa constatação. A história da queda original não aparece nos discursos. [...] o drama existencial surge do fato da infelicidade na *minha* vida. A presença dos demônios surge, inclusive como um elemento que, em parte, é 'desresponsabilizador' [...] de forma que ao miserável homem praticamente não se atribui responsabilidade ou culpa cosmológicas.⁸²

A figura personificada do mal aparece na teologia iurdiana como um ser metafísico, como poderes quase divinos, com sua vontade cativa ao mal. A imagem do maligno mistura elementos conceituais da teologia cristã aos elementos do imaginário religioso brasileiro, fazendo-se valer de atributos como “galhofeiro e trapaceiro. Dimensões que foram, no Brasil, muito desenvolvidas pela Umbanda, onde Exus e Pombagira personificam a burla.”⁸³

Diante disso, se faz a necessidade de exorcismo, pois pela expulsão dos demônios o mal cessa e a vida abençoada, no sentido iurdiano, se estabelece. Libertar, na terminologia da Igreja Universal, uma pessoa fiel é dar a oportunidade de melhora de vida, de receber as benesses nesta vida.

2.3.3.3 Escatologia

Uma outra doutrina vinculada as ofertas de sacrifício na IURD é a escatologia. Este segmento doutrinário compõem os “estudos das últimas coisas e dos últimos acontecimentos da história da humanidade.”⁸⁴ A sistemática pentecostal traz que “escatologia (gr. *eschatos*, ‘último’, ‘derradeiro’, ‘final’, ‘extremo’; e *logia*, ‘coleta’) é o estudo dos acontecimentos que hão de ocorrer conforme a soberana vontade de Deus.”⁸⁵ Ela é a perspectiva bíblica dos eventos futuros, que estão além da era presente. Este um ensino presente nos meios pentecostais clássicos, entretanto a doutrina do *breve Jesus voltará* não aparece de forma tão explicitada no

⁸² ANTONIAZZI, 1994, p. 235. (Grifo do autor).

⁸³ ANTONIAZZI, 1994, p. 233.

⁸⁴ MATHER, 2000, p. 148.

⁸⁵ GILBERTO, 2008, p. 486.

neopentecostalismo. A esperança de uma salvação escatológica da morte e juízo eterno é substituída por uma salvação do *agora*,

[...] salvação enunciada na teologia de Macedo em suas pregações e ensino perde essa dimensão escatológica para transformar-se numa quase “escatologia-realizada” do “aqui e agora”. Salvação já não tem mais a ver com libertação do estranhamento, da alienação, da oposição contra Deus e o próximo e do medo da morte. Muito pelo contrário; salvação é algo que tem a ver com “este mundo”, aqui e agora [...].⁸⁶

O pensamento de uma escatologia futura é demonstrado no discurso da IURD atrelado ao sacrifício feito no agora. Ofertar os recursos, quantias tais de modo que elas despertem na pessoa fiel um sentimento de sacrificar⁸⁷, entregar algo à morte, para a teologia iurdiana, faz parte da construção de um galardão, isto é, a recompensa na eternidade. A pessoa fiel é ensinada da existência de uma vida futura. Num porvir característico do ensino pentecostal, todavia, a ênfase cai sobre o chamado galardão, a recompensa que será dada a cada pessoa fiel pelo próprio Senhor Jesus. A qualidade de vida, mesmo que na eternidade precisa ser mediada pela oferta de sacrifício.

Isso tem a ver com o tipo de oferta que temos apresentado a Deus com a nossas vidas. De acordo com a oferta de sacrifício que oferecemos ao Senhor, receberemos ou não o galardão; serviremos ou não diante d'Ele por toda a eternidade! As nossas regalias e privilégios celestiais dependem do tipo de vida que temos ofertado a Deus.⁸⁸

Mesmo que anunciada a salvação eterna, ela está atrelada à oferta de sacrifício numa forma comercial, a pessoa fiel dá para então receber suas recompensas no por vir. Mais uma vez a mescla ambígua entre os recursos financeiros e um credo cristão sólido aparecem no discurso.

⁸⁶ MATTOS, 2015, p. 24.

⁸⁷ No conceito de Mauss, toda oferta de sacrifício num ato religioso, deve provocar na pessoa ofertante um sentimento de perda. A pessoa entrega a oferta para a morte. Isso é doloroso, merece esforço. Justamente esse esforço gerado pelo sacrificante provoca a divindade, a quem é oferecida, de responder a prece, atender o pedido ou abençoar para uma ação ou feito da pessoa ofertante.

⁸⁸ MACEDO, 2003, p. 46.

3 TRANSVERSALIDADE E APROPRIAÇÃO

Neste capítulo pretendemos tratar dos aspectos da transversalidade presente nas religiões, para isto analisaremos este fenômeno e sua presença da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD. O princípio de transversal, algo que permeia e atravessa fronteiras, encontra-se nos elementos, ritos e conceitos que perpassam e transitam no universo religioso, ainda que estes não tenham a mesma matriz ou cultura original,

[...] em outras palavras, uma idéia [sic] religiosa pode se fazer presente em várias igrejas, atravessando-as [...] a idéia [sic] de transversalidade pode ser retomada sem que se faça dela uma chave que venha a substituir conceitos como confessionalidade, ecumenismo e diálogo inter-religioso.⁸⁹

Embora essa noção esteja presente em vários segmentos, na religião os conceitos de transversalidade diferenciam-se das definições de confessionalidade, ecumenismo e diálogo inter-religioso listados acima. Neste universo religioso ela atravessa as delimitações fronteiriças das religiões, criando e formatando novas identidades religiosas. Oneide Bobsin escreve que neste processo de atravessamento dos elementos, “aspectos de uma religião são disseminados em outros fenômenos religiosos.”⁹⁰ O trânsito de elementos, formas de cultos e linguagem de devoção são alguns exemplos que nos ajudam a clarificar o conceito apresentado.

3.1 O CULTO NA IURD

Conforme a análise de Antoniazzi, o culto da IURD possui quatro aspectos. Três deles de forma distinta, todos entrelaçados pelo quarto. Eles estão presentes nas práticas cúlticas e são essenciais para a compreensão da visão teológica da IURD. Os três pontos distintos da confissão de fé iurdiana são: o exorcismo, a ofertas e a promessa de cura, já o quarto ponto entrelaçador é o que o autor chama de posse.

A categoria mais fundamental da filosofia e teologia implícitas no discurso e práticas da igreja universal do Reino de Deus é a posse. E seja bem claro que posse, neste caso, não significa posse mística ou transe, mas a detenção de bens em vista de sua fruição. Esses bens são geralmente descritos como

⁸⁹ BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, 2002. p. 14.

⁹⁰ BOBSIN, 2002, p. 20

elementos indispensáveis para aquilo que se pode qualificar uma vida digna e feliz saúde prosperidade e amor.⁹¹

Para o sucesso se estabelecer na vida da pessoa fiel, esta deve tomar posse de tudo que se faz necessário para ter uma vida feliz. Para a IURD uma vida feliz, segundo o padrão divino e dentro da vontade de Deus é aquela composta pelos bens deste mundo, tais como saúde, recursos financeiros e amor. Apenas quando a pessoa fiel vive desfrutando desses bens ela está de acordo com o desejo de Deus, seu criador. Contrário a isto, a pobreza, a doença e o desafeto são lidas como desalinhamentos à vontade do Criador. As pessoas privadas por questões sociopolítica, na IURD, “[...] são chamadas a possuir por vocação teológica”.⁹²

Estar em harmonia com a vontade de Deus diz-se, em linguagem da Igreja Universal, *ser abençoado*. Os indivíduos que possuem aquilo que “teologicamente” lhes é devido são, portanto, *abençoados* por Deus. Ao contrário, aqueles que, ao não possuir, frustram o desígnio da criação estão desprovidos das bênçãos divinas.⁹³

Algumas práticas e *coisas* presentes no culto de pronto saltam aos olhos e ouvidos das pessoas não ambientados nesse perfil eclesiológico e litúrgico. Os pastores que dirigem as reuniões e todos os ajudantes presentes vestem-se de acordo com o tema da reunião, nas *sessões de descarrego* no dia de sexta-feira estão vestidos de jalecos brancos (semelhantes aos usados por médiuns nas sessões do espiritismo kardecista), já no *congresso para o sucesso* aparece o tradicional terno (traje usualmente visto em homens de negócios) que está presente também nas reuniões de quintas-feiras, a *terapia do amor*. Há sempre um corpo de obreiros para auxiliar o pastor em cada reunião. Nas reuniões de libertação, os *ajudantes* são denominados *filhos da luz* (não são chamados de obreiros ou diáconos como é de costume em igrejas protestantes), já em outros dias denominam-se obreiros, diáconos. A nomenclatura parece acompanhar o ato litúrgico do dia. O modo como o pastor se dirige aos obreiros/*filhos da luz* parece sempre num tom de autoridade empresarial, como o chefe de sessão exigindo produção de seus empregados, esse perfil foi observado em diferentes reuniões de localidades diferentes.

⁹¹ ANTONIAZZI, 1994, p. 231.

⁹² ANTONIAZZI, 1994, p. 232.

⁹³ ANTONIAZZI, 1994, p. 232. (Grifo do autor).

Cada reunião é denominada de acordo com o propósito desejado. Pode ser culto, como fazem os reformados. Pode ser também uma nomenclatura mais familiar as pessoas que participam, como *novena*, o mesmo nome de campanhas católicas para a reza do terço. As reuniões de empresários, denomina-se congresso enquanto aquelas destinadas a ajudar nos relacionamentos amorosos, denomina-se terapia.

Os objetos utilizados em cada reunião também são variados. Em uma novena de libertação (novenas das fontes de Israel), cada pessoa participante recebia um pequeno saco plástico (saquinhos de sacolé⁹⁴) contendo, supostamente, água de uma fonte da terra de Israel. Essa pequena porção de água serviria para uma espécie de banho ritual para limpeza e purificação das coisas ruins que estavam na vida de cada pessoa participante. O pastor inclusive dava instruções dos movimentos das mãos que a pessoa participante deveria fazer durante o banho ritual, movimentos esses que representavam a retirada da malignidade. A pessoa participante deveria fazer movimentos, conduzindo a água para longe do corpo (e com ela o mal), uma espécie de aspersão caseira. Em uma reunião da Terapia do Amor, cada pessoa participante trazia consigo suco de uva (de caixinhas estilo UHT até garrafas de litro). O pastor orou consagrando o suco para que fosse parte consumido pela pessoa fiel que estava engajada na campanha, e o restante deveria ser oferecido à pessoa na qual se desejava um novo relacionamento amoroso ou até mesmo a restauração ou renovação de um relacionamento corrente.

Cada encontro tem seu ponto marcante, uma espécie de ritual que sela a campanha em curso. Nas sessões de descarrego todas as pessoas participantes são convidadas a passar por uma espécie de corredor junto à plataforma, formado em duas linhas pelos *filhos da luz*. Enquanto as pessoas passavam, o pastor, de cima da plataforma, pronuncia orações em tons vigorosos, dando palavras de ordens aos demônios e juntamente aspergia água sobre elas. Para tal, o pastor pode usar aspersões, onde ele mergulha um molho de uma erva verde numa tigela com água que depois era salpicada sobre as pessoas. A erva utilizada é a mesma arruda⁹⁵

⁹⁴ Sacolé é o nome dado na minha região para uma espécie de picolé caseiro. Os ingredientes são congelados dentro de um pequeno saco plástico de formato alongado. Ele tem variações de nomes tais como “geladinho”, “gelinho”, “chup-chup”, entre outros conforme a região.

⁹⁵ “A arruda (*Ruta graveolens*) é uma planta da família Rutaceae, de origem europeia e com muitos usos citados ao longo da história da humanidade e muito relacionada ao folclore, devido suas folhas intensamente aromáticas.” DIJIGOW, Patrícia. Arruda: uma planta repleta de história. *Escola de Botânica*, 2021. Disponível em: <<https://www.escoladebotanica.com.br/post/arruda>> Acesso em: 17 nov. 2022.

amplamente usada nos cultos afro-brasileiros.⁹⁶ Na Terapia do Amor, as pessoas fieis eram convidadas a tocar o altar enquanto traziam suas ofertas.

Nos cultos de libertação, algumas pessoas, geralmente mulheres, se encontraram “possessas” de espíritos malignos. Estas pessoas, são então conduzidas à plataforma para serem entrevistadas (na verdade quem é entrevistado é o espírito maligno, o qual falava com certa voz grave).

A entrevista ao demônio e a sua função de revelador denota um forte intuito parenético e catequético. Há um reforço doutrinal de forma exemplificada, teatral, com a intenção precípua de valorizar um ethos específico da Igreja Universal. Em função disso, destaca-se a autoridade dos pastores (única classe diante da qual os demônios se curvam, os representantes de Jesus) e da Igreja Universal (única forma eficaz de contraposição à ação nefasta dos demônios). Cimenta-se, assim uma identidade de grupo em torno da Igreja Universal e seus pastores, com um *ethos* e uma doutrina próprios.⁹⁷

Após a entrevista, que serve como homilia dessa reunião, os supostos espíritos malignos são expulsos, mas não sem antes haver uma disputa de poder e autoridade espiritual com o pastor. A luta do bem contra o mal, Deus e o diabo, pode ser vislumbrada por cada participante da reunião.

É muito importante a compreensão da *manifestação* dos demônios como elemento da liturgia da Igreja Universal. É absolutamente imprescindível que os demônios se “manifestem” antes de serem expulsos. Também em certos movimentos pentecostais de matriz evangélica os demônios se manifestam só que eventualmente jamais como expressão de uma exigência litúrgica. É quase um fato que deva ser ocultado. Nas liturgias da Igreja Universal, ao invés, há a precisa exigência das “manifestações”. A presença explícita dos demônios é desejada e não ocultada.⁹⁸

Os cultos não se encerram sem a coleta de oferta. Cada reunião traz um propósito diferente, além dos pedidos de dízimos. Essas ofertas recolhidas têm um tom sacrificial, isto é, devem custar algo, exigem um esforço da parte dos ofertantes.

⁹⁶ “Como a arruda é usada na Umbanda: Pretos Velho e Caboclos usam muitos essa planta em seus benzimentos e nas suas rezas, passando os galhos de arruda em seus filhos, ou batendo os ramos como estivesse afastando, espalhando as energias negativas. Também é usada em associação com outras ervas em banhos de descarrego e defumações. A arruda fêmea vibra na energia de Oxóssi, e é aplicada em banhos de descarrego e limpeza energética, na maioria das vezes associada a outras ervas, também é muito utilizada na lavagem de guias (contas), é um amuleto natural contra vibrações negativas. A Arruda macho vibra na energia de Exú, e sua vibração se estende a Ogum em alguns segmentos da Umbanda. Como a fêmea é utilizada na limpeza e descarrego e para proteção, livramento e contra obsessores. Banho de Arruda para que serve e quais seus benefícios.” *Blog Vida Tarot*, 2020. Disponível em: <https://blog.vidatarot.com.br/opoder-da-arruda/#Como_e_usada_a_Arruda_na_Umbanda> Acesso em: 17 nov. 2022.

⁹⁷ ANTONIAZZI, 1994, p. 245. (Grifo do autor).

⁹⁸ ANTONIAZZI, 1994, p. 241. (Grifo do autor).

Os valores financeiros da oferta têm o intuito de “mexer com Deus”, ou seja, serem provocativas ao divino. Quanto maior for o sacrifício, maior a atenção da divindade à sua petição. Em uma reunião da Terapia do Amor, o pastor estimulava que a oferta deveria ser maior que o valor que era pago para realização de um *trabalho* de religião afro-brasileiro. Segundo o pastor era necessário um peso espiritual maior. Este seria alcançado se a oferta superasse, financeiramente, o valor pago para o suposto mal.

3.2 ASPECTOS TRANSVERSOS

As visitas aos cultos iurdianos em observação participante⁹⁹ fazem pano de fundo ao tema abordado nesse capítulo. Elas foram realizadas em dias e perfis de cultos diferentes. As igrejas visitadas estão estabelecidas nas cidades de Porto Alegre e de Novo Hamburgo, ambas cidades do Rio Grande do Sul. Além das visitas presenciais, cultos on-line foram assistidos na plataforma do YouTube. Todas as performances descritas têm um objetivo, comunicar algo, e isto é feito por meio de uma linguagem. Apesar da clara demonização da religião diferente promovida pela IURD, o conteúdo dessas mesmas religiões discriminadas aparece disseminado na liturgia da Igreja Universal. Os banhos em uma água especial, movimentos específicos durante eles, ingerir bebidas consagradas e dar a outrem como espécie de poção mágica, além de ervas milagrosas são elementos nitidamente transversalizados. O exorcismo, da maneira como é praticado, identificando os espíritos com as divindades africanas mostra uma apropriação de nomes e naturezas da outra religião. A vitória da luz sobre as trevas, encenada no momento de exorcismo, demonstra do poder da instituição e valida o pedido de recursos. Essa construção é evidenciada por Oneide Bobsin que ainda salienta: “O exorcismo abre espaço para o discurso da prosperidade

⁹⁹ A metodologia adotada pelo pesquisador trata-se da *observação participante*. Nela o pesquisador pôde vivenciar pessoalmente os eventos de sua análise para melhor entendê-los a partir da observação daquele mundo. Pela participação nas relações sociorreligiosas do grupo, o pesquisador procurou entender as ações das pessoas fiéis e dos líderes das reuniões no contexto cotidiano dos cultos observados. Os gestos das pessoas fiéis e dos pastores, o tom de voz empregado nos discursos, além dos elementos culticos foram observados e vivenciados pelas visitas. Dessa forma a pesquisa pode valer-se do modo como as pessoas agem e dão sentido ao seu mundo religioso e como elas se apropriam de significados a partir do seu próprio ambiente. As visitas e assistências aos cultos do Youtube permitiram um maior período de contato do pesquisador / observador com o grupo em análise, permitindo as interpretações alcançadas. A pesquisa bibliográfica prévia trouxe familiaridade com a linguagem empregada nas reuniões vivenciadas e o domínio dos códigos de fala empregados pelos pastores. Disponível em: COELHO, Beatriz. 5 dicas de como fazer observação participante. *Blog Mettzer*, 17 de dezembro de 2021. <<https://blog.mettzer.com/observacao-participante/>> Acesso em: 01 maio 23.

[...] Para isso é necessário demonizar as tradições afro-brasileiras, o espiritismo, a umbanda e desqualificar os santos.”¹⁰⁰ E ainda:

Cabe perguntar se o dinheiro, como oferta, não substitui a vítima animal dos cultos afro-brasileiros e as oferendas da Umbanda. A moeda torna-se a oferta, a vítima? Afinal, dizem os pastores da IURD, Deus exige sacrifícios. E sem sacrifício não se alcança a prosperidade.¹⁰¹

Todo esse culto, ritual, terapia, congresso, sessão espírita, novena representam bem a transversalidade operada pela IURD nas suas reuniões. As principais religiões brasileiras estão presentes nesse universo dito evangélico. Nele vemos o catolicismo romano representado pela nomenclatura da reunião; o protestantismo, na pessoa do pastor. Vemos o espiritismo kardecista nas vestes litúrgicas e nomenclatura das pessoas voluntárias. Da Umbanda, a IURD apropriou-se transversalmente da prática de banhos rituais, das ervas utilizadas nos cultos afros e de terminologias próprias dessa matriz. Estas três nascentes religiosas “constituem-se nas três fontes básicas desse fenômeno difuso, que dilui as fronteiras”¹⁰² denominado transversalidade. A IURD tem, nas suas fronteiras indefinidas, religiosamente falando, “[...] sua prática sincrética, abriga crenças diversas, presentes no imaginário religioso popular.”¹⁰³

O curioso nesse universo transversal e de apropriações é o fato dos recursos cúlticos e litúrgicos serem absorvidos com o propósito de antagonizar, isto é, apropriar-se de elementos de certo culto, para então, por meio deles combater o mesmo. Vagner da Silva ajuda nessa compreensão.

O ataque as religiões afro-brasileiras, mais do que uma estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível socioeconômico, potencialmente consumidoras dos repertórios religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, como querem alguns estudiosos, parece ser uma espécie de estratégia à lá “cavalo de Tróia” às avessas. Combate-se essas religiões na tentativa de monopolizar seus principais bens no mercado religioso, as mediações mágicas e a experiência do transe religioso, **transformando-o em um valor interno do sistema neopentecostal.**¹⁰⁴

¹⁰⁰ BOBSIN, 2002, p. 58.

¹⁰¹ BOBSIN, 2002, p. 58.

¹⁰² BOBSIN, 2002, p. 24.

¹⁰³ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Da ética protestante à ética “iurdiana”: o “espírito” do capitalismo. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 6, 2005, p. 36, jan.-abr.. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2138/2046>> Acesso em: 14 nov. 2022.

¹⁰⁴ SILVA, Vagner Gonçalves da. Concepções Religiosas Afro-Brasileiras e Neopentecostais: uma análise simbólica religiosidade no Brasil. In: PEREIRA, João Baptista Borges (org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo, EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 221. (Grifo nosso).

Esse *sistema neopentecostal* é visto nas reuniões, como a descrita acima. Nelas, os banhos, *corredores de oração*, roupas brancas e outros elementos aparecem como pertencentes ao neopentecostalismo e não às religiões afro-brasileiras de onde são originais e que por sua vez são combatidas. O banho ritual, originário da afro-teologia, é incorporado à liturgia cristã e ressignificado como fonte de libertação das divindades oriundas da religião que primeiro concebeu o banho ritual.

Também a Bíblia, fonte da revelação para o Cristianismo, reavivada em sua tradução e no acesso popular na reforma protestante, recebe uma ressignificação transversalizada. Para os protestantes a Palavra escrita acolhe a conversão pela razão, através da homilia, da reflexão e dos estudos bíblicos, para o neopentecostalismo e para a IURD, objeto dessa pesquisa, ela

transforma-se numa gramática ou mitologia explícita útil sobretudo para a construção de ritos, muitos dos quais situados na fronteira com as religiões afro-brasileiras e espírita [...]. Isso permite aproximar o universo neopentecostal, com suas palavras de fogo, línguas de anjos, ordenações de cura divina e expulsão de demônios, do contexto afro-brasileiro em que a palavra falada também é revestida dos mesmos poderes simbólicos.¹⁰⁵

O poder dado a palavra falada vai para além da homilia por intermédio das Escrituras, ela ganha uma nova dimensão mágica. Há nela uma capacidade de ordenar ao divino, manipular o poder da divindade e provocar uma alteração da realidade na vida da pessoa fiel que fizer uso dessa magia oral.

As transversalidades e as apropriações parecem tecer a teologia e liturgia da Igreja Universal do Reino de Deus. Seu sistema absorve, ressignifica e apresenta os elementos religiosos afro-brasileiros como seus. As pessoas fiéis, compreendem as linguagens usadas, sem necessidade de tradução.

Conveniente, porque, ainda que muitos brasileiros não tenham tido envolvimento com qualquer prática mediúnica, visitado um terreiro de Umbanda, ou Candomblé ou algum Centro Espírita, esse “universo” permeia o imaginário da população em geral.¹⁰⁶

¹⁰⁵ SILVA, 2012, p. 223.

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Humberto Ramos. *Entre o Protestantismo e os cultos afro-brasileiros: especificidades do sincretismo das igrejas neopentecostais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação e ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2013, p. 60.

Ricardo Mariano reproduz a fala do pastor Paulo de Velasco da IURD, dentre outras considerações dadas pelo próprio bispo Macedo ao pastor, esta, cujo trecho citamos abaixo, alinha-se ao já proposto.

Para despertar a fé da pessoa, nós às vezes entregamos alguma coisa na sua mão dizendo que aquilo é exatamente algo que vai ajudá-la. Então cada vez que ela olha [...], ela vai dizer 'eu vou conseguir'. Ela mantém, então, a esperança e continua com fé. [...] Então por que não pegar a arruda que é um negócio que todo mundo conhece no Brasil? Eu já fiz e sei o resultado disso. Você bota a arruda numa bacia de água e espalha, [...] estas coisas você faz para despertar a fé das pessoas e, inclusive utilizar o que está arraigado no subconsciente coletivo brasileiro para fomentar a fé e libertar a pessoa.¹⁰⁷

Dessa forma a IURD vai construindo, de uma forma pragmática, estrategicamente tecendo sua teologia, construindo sobre a base já estabelecida, ainda que de outro universo religiosos, trazendo assim influências diretas em sua eclesiologia e liturgia.

3.3 RELIGIÃO DO CAPITAL

Falar da religião do capital não se constitui de uma nova religião ou de uma nova divindade revelada às pessoas. Antes falamos sim de uma religiosidade que em sua concepção, sua cultura e uma forma de vida aparece misturada como outra. Fundindo-se numa simbiose metamórfica, trazendo à tona como resultado um ser híbrido, e como tal estéril. As características dos genitores, estão presentes, porém agora transmutadas, ressignificadas a partir da fusão. Esse perfil transversal, agora não como outras matrizes religiosas, mas com o sistema econômico vigente é o ponto abordado nesse capítulo. A apropriação de elementos do capitalismo enquanto sistema econômico, traz para a IURD um recurso de linguagem conhecido das pessoas frequentadoras das reuniões da igreja.

O neopentecostalismo praticado na IURD demonstra esse hibridismo, essa fusão religiosa. Além da forte ênfase na prática de ofertas de sacrifício, dízimos e contribuições espontâneas, ela ainda conjuga todas essas expressões cúlticas com o sistema econômico do capitalismo. Este hábito que se apresenta fortemente na teologia neopentecostal tem sua origem na denominada Teologia da Prosperidade.¹⁰⁸

¹⁰⁷ VELASCO, Paulo de *apud* MARIANO, 1999, p. 136,

¹⁰⁸ "Chamamos de teologia da prosperidade o que nos EUA, local de sua origem, além desse nome, é rotulado por seus críticos de Health and Wealth Gospel, Faith Prosperity Doctrines, positive confession entre outros. Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina

De origem norte-americana, este discurso ganhou grande espaço no movimento do neopentecostalismo brasileiro trazendo consigo uma releitura do culto, da liturgia e do modo de ser pessoa cristã. Esperandio relata sobre a IURD dizendo:

Ela se estabelece com o discurso da Teologia da Prosperidade, com exorcismos e cura. Para além da “cura divina”, tal como as igrejas pentecostais anteriores, a Teologia da Prosperidade oferece mais do que saúde e bem-estar. Ela promete o sucesso econômico e financeiro¹⁰⁹

Embora o ato de contribuir em diferentes formas, está vinculado ao culto cristão desde o período bíblico, com exemplos bíblicos desde o ministério de Jesus até ao ministério dos apóstolos. No meio neopentecostal, em especial na IURD, ele ganha outra conotação. A leitura dos textos bíblicos que abordam o tema das contribuições pela chave hermenêutica capitalista, trouxe à luz uma nova forma de executar o princípio, enquanto prática.

Antoniazzi aborda a oferta de como uma categoria dentro do credo iurdiano. Por meio da oferta, a pessoa fiel tem liberdade de imiscuir-se no seu próprio destino.

Este recurso, a oferta, dado pelo homem a Deus através da Igreja Universal (também autodenominada, neste contexto, a “Obra de Deus”), é capaz de instaurar uma interação entre Deus e o homem, pela qual o homem cria em Deus a obrigação imediata da restituição. Essa interação se inaugura quando o homem, pela doação, expõe sua própria segurança, abandonando-se ao risco da fé. A fé justamente despotencializa os demônios e permite a reintegração de posse, garantida pelo compromisso divino do *dê-me, dou-te*.¹¹⁰

A ideia de sacrifício vem da proporção da dificuldade aplicada para realização, isto é, quanto maior o valor, maior fé é empregada e conseqüentemente maior a benesse. Toda construção de sacrifício, na teologia da IURD, carrega a premissa de arriscar-se por algo maior, uma espécie de aposta metafísica e de investimento. Nesta tríade apoia-se a prática sacrificial de ofertas financeiras, uma dança na qual participam a pessoa ofertante e a divindade.

surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs. Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, o movimento da Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países.” MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais – sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999. p. 151.

¹⁰⁹ ESPERANDIO, 2005, p. 36.

¹¹⁰ ANTONIAZZI, 1994, p. 238. (Grifo do autor).

O ato sacrificial por parte da pessoa crente gera uma espécie de direito adquirido, do qual a divindade não pode negar ou isentar-se de dever. Por este viés se desdobram todas as exigências expressas nas orações feitas pelos pastores da Igreja Universal.¹¹¹

Partindo desta forma de execução do princípio, vamos analisar sob a ótica de Marx Weber¹¹² e sua teoria acerca do espírito do capitalismo.¹¹³ Weber, em seu clássico, descreve como o protestantismo, em especial o calvinista, favoreceu o espírito do sistema econômico capitalista. Sua análise surge e se sustenta focando no dogma elaborado por Joao Calvino¹¹⁴, segundo ele a salvação eterna é declarada por Deus e unicamente por sua escolha pré-definida. Nesse ambiente reformado, Weber destaca um fenômeno religioso, o qual manifestava-se pela busca de evidência da chamada a *eleição divina* através da capacidade de desenvolvimento econômico e acúmulo de capital por parte dos *eleitos*. O autor destaca que a reforma protestante tirara os “mecanismos usuais para assegurar a alma ou canalizar o amor divino ao coração”¹¹⁵ e dessa forma as pessoas fiéis precisavam um outro esteio para sua fé.

Essa ansiedade aguda era tão preocupante que os pastores calvinistas em gerações posteriores buscaram incessantemente uma forma de oferecer ao menos alguma consolação. Eles aconselhavam suas congregações a viverem no mundo como a verdadeira fé exige - sobriamente frugalmente e com disciplina, oferecendo-se completamente a Deus através do trabalho duro como seus servos em suas tarefas mundanas. Se vivessem assim, poderiam prosperar razoavelmente, e a prosperidade em meio à simplicidade poderia ser assumida como o sinal da eleição. Essa orientação pastoral,

¹¹¹ ANTONIAZZI, 1994, p. 239.

¹¹² Karl Emil Maximilian Weber (1864-1920) era o primogênito de Max (pai) e Helene Fallenstein Weber. Natural de Erfurt, mudou-se para Berlin ainda criança, foi educado na fé protestante. Tornou-se sociólogo, jurista e economista alemão

¹¹³ “Este livro faz parte da rara categoria de obras fundadoras do pensamento científico moderno. Lançado em 1905 e ampliado em 1920, a ética protestante e o “espírito” do capitalismo procura compreender um fenômeno observado na passagem do século XIX para o XX: o maior desenvolvimento capitalista dos países de confissão protestante e a maior proporção de protestantes entre os proprietários de capital, empresários e integrantes das camadas superiores de mão de obra qualificada”. Texto extraído da descrição do verso da capa da edição de Antônio Flávio Pierucci (2004).

¹¹⁴ João Calvino (1509-1564) foi um teólogo, líder religioso e escritor francês. Foi o pai do Calvinismo - reforma protestante que impôs hábitos austeros e puritanos aos seus seguidores e que se espalhou por vários países da Europa Ocidental. João Calvino (Jean Calvin) nasceu em Noyon, na região da Picardia, no Norte da França, no dia 10 de julho de 1509. Filho do secretário episcopal da cidade ficou órfão de mãe aos seis anos de idade, sendo confiado aos cuidados de um aristocrata amigo da família. Ainda adolescente foi enviado para a Universidade de Paris para estudar Teologia. Em Paris, tomou contato com as ideias de Martinho Lutero. Disponível em: < [https://www.ebiografia.com/joao_calvino/#:~:text=Jo%C3%A3o%20Calvino%20\(1509%2D1564\),v%C3%A1rios%20pa%C3%ADses%20da%20Europa%20Ocidental](https://www.ebiografia.com/joao_calvino/#:~:text=Jo%C3%A3o%20Calvino%20(1509%2D1564),v%C3%A1rios%20pa%C3%ADses%20da%20Europa%20Ocidental). Acesso em: 15 nov. 2022.

¹¹⁵ PALS, Daniel L. *Nove Teorias da Religião*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 177.

formada para confortar almas religiosas aflitas, foi momentaneamente importante.¹¹⁶

Weber ressalta que para compreensão do espírito capitalista emergente do protestantismo calvinista é necessário o esclarecimento, ou rastreio, dos dogmas religiosos que norteavam a vidas das pessoas fiéis. Justamente esses dogmas são apresentados como “estímulos psicológicos criados pela fé religiosa e pela prática de um viver religiosos que davam direção da conduta de vida e mantinham o indivíduo ligado nela”¹¹⁷. Reiterando que para teologia calvinista, a salvação depende exclusivamente da vontade de Deus e de sua eterna pré-eleição, não há participação alguma da pessoa cristã. Desse dogma desdobram-se dois caminhos.

De um lado, tornar-se pura e simplesmente um dever considerar-se eleito e repudiar toda e qualquer dúvida como tentação do diabo [...] como dever de conquistar na luta do dia a dia a certeza subjetiva da própria eleição e justificação. [...] E, de outro lado, distingue-se o trabalho profissional sem descanso como meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança. Ele, e somente ele dissiparia a dúvida religiosa e daria a certeza do estado de graça.¹¹⁸

O trabalho e a prosperidade viraram sinônimo de devoção, e o mundo dos negócios, o campo de expressão dela.

Leonildo Campos define a Igreja Universal como um “empreendimento religioso ligado ao capitalismo tardio”.¹¹⁹ Para tanto, a igreja possui uma gama de produtos específicos para um público específico, numa relação de mercado.

Por mercado, entendemos aquele espaço social no qual produtores e consumidores se encontram e, por meio da comunicação e efetuam trocas de mercadorias e dinheiro. O que caracteriza um determinado mercado são as ações dos agentes vê seus interesses e necessidades e o tipo de mercadoria nele trocadas.¹²⁰

Os produtos oferecidos pela IURD são elaborados a partir da demanda de necessidade do grupo alvo, que uma vez definido, recebe com intensidade a oferta. Nesse ponto, a apropriação e mistura de conceitos do mercado financeiro e a mentalidade capitalista são bem claros e notavelmente demonstrados na relação igreja/pessoa fiel - mercado/pessoa consumidora.

¹¹⁶ PALS, 2019, p. 177.

¹¹⁷ WEBER, Max. *A Ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 89.

¹¹⁸ WEBER, 2004, p. 101.

¹¹⁹ CAMPOS, 1997, p. 52.

¹²⁰ CAMPOS, 1997, p. 53.

A escassez é grande, porém a IURD descobriu formas peculiares de atender a demanda por seus produtos. Nesse aspecto, revelou-se a sagacidade de sua liderança, que percebeu a existência de um desequilíbrio entre “produção” e “consumo” de “bens religiosos” e que as entidades tradicionais de atendimento da demanda não mas estavam dando conta dessa situação de privação. Uma vez descoberto o que uma massa desejava por meio de seus vários segmentos, o passo seguinte foi de procurar oferecer às pessoas o que elas estavam ansiosas por adquirir.¹²¹

A mescla de campos, do religioso ao de mercado, compõem a Igreja do Bispo Macedo. Seu DNA híbrido e quimérico revela sua natureza, um novo seguimento dentro do cristianismo. Campos afirma que

Em outras palavras, a igreja universal não é uma “ave de rapina” que se alimenta da pobreza, mas nem tampouco uma obra-prima de uma ação “desinteressada” do Espírito Santo de Deus no mundo. É justamente essa simbiose entre “comércio” e “religião”, “templo e mercado” e “evangelização” e “marketing” [...] o exercício da religião de um modo “comercial” e utilitarista.¹²²

3.3.1 Salvação terrena

A lógica da do trabalho e da prosperidade como acúmulo de capital aparece nos discursos da IURD, porém com certo deslocamento. A busca pelo capital aparece através da prática de ofertas de sacrifício e ela tem um fim na prosperidade em si mesma e não mais como sinal da divina eleição. A soteriologia iurdiana recebeu um novo tom, uma salvação terrena. A prosperidade continua sendo sinal da benção de Deus, como destaca Weber, contudo o objeto da salvação não é mais a alma pecadora e sim a alma que sofre as agruras de uma vida sem recursos financeiros para viver de acordo com o sistema. Uma nova concepção religiosa aparece, a metamorfose se conclui e o híbrido eclode. O jargão *pare de sofrer* estampado nas fachadas da Igreja Universal, evidenciam bem essa perspectiva. Nesse sentido, Fabiana do Cargo escreve:

Haja vista salientar que a teologia da prosperidade mostra uma incisiva distorção de valores dentro do pentecostalismo na ótica axiológica. De maneira transparente isso é visto quando ela enfatiza quase que unicamente a valorização de retorno nesta vida, e não se pregando o princípio do evangelho que é a morte de cruz, tradicionalmente pregado dentro do cristianismo e também do pentecostalismo. A distorção também se faz notória quanto ao estudo bíblico, pois enquanto se é ensinado à negação desse mundo, os prazeres existentes nele, ou seja, o ascetismo, a teologia da

¹²¹ CAMPOS, 1997, p. 53.

¹²² CAMPOS, 1997, p. 55.

prosperidade, na contra mão, valoriza todos esses prazeres usando a fé em Deus para obtenção desses benefícios.¹²³

O espírito capitalista descrito por Weber, fomentado pela ânsia em provar a eleição de Deus e o direito para alcançar a cidade celestial, ganha novas roupagens e novos métodos. A graça de Deus continua sendo manifesta pela prosperidade financeira, mas não se relaciona com vida eterna, é terrena. E o meio de obtenção não se dá pelo trabalho, mas pelo ofertas em sacrifício. Em outras palavras, a lógica instrumental, tão cara a Weber, dá lugar à magia como manipulação as forças espirituais. O Bispo Macedo diz ser esta a meta de vida, alvo desejável e caminho para a salvação do sofrimento terreno.

eu vou dizer para você, enquanto eu viver, enquanto eu suspirar, enquanto eu tiver saúde física e espiritual eu jamais vou deixar de sacrificar porque é isso que me mantém vivo! É isso que mantém o meu sangue vivo e forte! Para poder curtir o resto dos meus dias em alegria porque quando a gente sacrifica, quanto mais a gente dá mais a gente recebe.¹²⁴

E ainda

[...] e não tem outro jeito! não existe não existe meia palavra, ou você faz o sacrifício e conquista ou você não faz sacrifício e vai continuar levando essa, essa vidinha de titica para o resto da sua vida, essa é a realidade! Você pode crer em Deus. Você pode ser cheio do Espírito Santo. Você pode ser fiel na igreja, mas se você para de sacrificar, você vai começar a viver uma vida de titiquinha. Essa é a realidade, sua vida vai ser uma titiquinha, desculpa a expressão, mas essa é a realidade! Por quê? Porque parou de sacrificar, parou de dar vida [...].¹²⁵

3.4 DOGMA IURDIANO

Há agora um novo dogma, o iurdiano. Este apropriou-se do espírito capitalista, contudo em seu sentido moderno. Prosperar por prosperar, adquirir para ter uma vida melhor no conceito do mercado vigente, isto é, a melhor casa, o melhor carro. “Sua motivação ética está no aqui-agora, e na oferta de uma técnica para lidar com o sofrimento produzido pelo mesmo capitalismo.”¹²⁶

¹²³ DO CARMO, Fabiana Lima dos Santos. *Templo ou Mercado: a lógica capitalista no discurso iurdiano*. 2016. Dissertação Mestrado – Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, ES, 2016. p. 42

¹²⁴ IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em < <https://youtu.be/HymZebfEmFc> >. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹²⁵ IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em < <https://youtu.be/HymZebfEmFc> >. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹²⁶ ESPERANDIO, 2005, p. 44.

Mas, diferentemente do Calvinismo em que o lucro deveria ser poupado, aqui o lucro é para ser gozado. Ganhar para gastar. Participar da sociedade de consumo que tudo quer possuir.¹²⁷

A “vida de titiquinha” pautada pelo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, não corresponde a miserabilidade pecaminosa da pessoa humana diante do seu Criador. Não se refere a pobreza moral, a carência da glória de Deus¹²⁸ como nos relatam os escritos neotestamentários, mas sim a uma vida desprovida de recursos financeiros, uma pobreza material.

A IURD, com seu discurso bem engatado às demandas do sujeito contemporâneo, dá ênfase menos à salvação da alma e na vida em um outro mundo, e mais à incrementação de uma técnica para trabalhar com os sofrimentos próprios da contemporaneidade (depressão, ansiedade, problemas familiares, emocionais, financeiros etc.).¹²⁹

O trabalho árduo, empenhado, contínuo e seus resultados como expressão de culto a Deus presentes na vida dos calvinistas no Novo Mundo agora são trocados pela oferta em sacrifício trazida à igreja. O trabalho é traduzido em oferta. O mesmo princípio de Benjamin Franklin “tempo é dinheiro”¹³⁰, que originalmente foi usado para descrever o tempo utilizado para produzir capital, tem na IURD a tradução de que ofertas representam o tempo de vida gasto em produzir. Logo, ofertar dinheiro é sinônimo de ofertar a vida, e aqueles que o fazem expressam sua condição de salvo, recebendo a benção em resultados de prosperidade e crescimento material.

A IURD dá ênfase a um sujeito que “pode”, que é empoderado através dos seus rituais (experiências de sensação). Ela “educa” o sujeito ensinando-o a colocar a fé em ação, não para salvação da alma, mas como instrumento para alcançar o sucesso material - que torna-se sinal da bênção divina e prova de uma fé eficaz. Neste sentido, radicaliza-se o efeito psicológico produzido pela concepção de eleição em Calvino.¹³¹

Essa nova dogmática iurdiana é a denominada por este capítulo de *religião do capital* refere-se, como abordamos acima, não de uma nova religião ou divindade, mas de um hibridismo esterilizador, um conceito onde a esperança de salvação torna-se radicalmente imanente. O dogma da soteriologia transcendente está ali, todavia metamorfoseado.

¹²⁷ ESPERANDIO, 2005, p. 38.

¹²⁸ Romanos 3:23: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”.

¹²⁹ ESPERANDIO, 2005, p. 42.

¹³⁰ FRANKLIN, Benjamin apud WEBER, 2004, p. 42.

¹³¹ ESPERANDIO, 2005, p. 41.

3.5 RELIGIÃO HÍBRIDA

A cosmovisão religiosa refletida nas práticas litúrgicas da IURD objetivando o entendimento se ela se trata de uma religião de origem cristã protestante, afro ou uma nova necessita de uma análise mais acurada.

Mary Esperandio sintetiza a IURD como “Sincrética, híbrida e ao mesmo tempo antropofágica, ela funciona também como apoiadora do *self* num tempo em que o modo de existência narcísico, próprio da contemporaneidade demanda essa forma de religiosidade.”¹³² Segundo a autora a IURD responde a uma forma religiosa demandada pelo comportamento contemporâneo. Essa forma é híbrida, como todo híbrido, é nascida de seres distintos em seu código DNA.

A Igreja Universal do Reino de Deus vai aproveitar-se de vários conceitos, elementos e formas de crenças da religiosidade brasileira, local do seu nascedouro, além do sistema socioeconômico do Brasil, na ocasião em que ela surge. O que se estabelece é algo híbrido, uma espécie de quimera.¹³³ Ari Pedro Oro classifica esse processo e o denomina de “*religiofágico*”, referenciando à semelhança da prática de povos canibais que comiam os adversários vencidos em suas guerras, com a intenção e crença de absorver para si a força e virtudes dos vencidos.

De minha parte, considero-a, sem nenhuma conotação pejorativa, uma igreja *religiofágica*; literalmente, “comedora de religião” [...] Isto é, uma igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários.¹³⁴

Nessa forma de se estabelecer como igreja, a IURD absorve, alimentando sua teologia, credo e liturgia com *pedaços* oriundos de outras confissões, tecendo para ela mesma uma *colcha de retalhos*, religiosamente falando. Assim a Igreja Universal do Reino de Deus apresenta uma nova forma, um novo ser, modelo esse que será copiado e reproduzidos por outras novas denominações neopentecostais dissidentes da IURD, como a Igreja Internacional da Graça, a Igreja Mundial do Poder de Deus e

¹³² ESPERANDIO, 2005, p. 43. (Grifo da autora).

¹³³ Quimera é uma figura mística, um monstro mitológico, caracterizada por sua aparência híbrida de dois ou mais animais, geralmente com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente.

¹³⁴ ORO, Ari Pedro. Intolerância religiosa lurdiana e reações afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (org.). *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 33.

a Igreja Apostólica Plenitude do Reino de Deus, além de influenciar a religiosidade brasileira num todo.

Na medida em que o neopentecostalismo iurdiano se distancia dos protestantes e evangélicos, assume elementos e outros cultos, em outras palavras transformando-se no decorrer do tempo, influenciando e sendo influenciado pelo cenário religioso brasileiro [...] tem impacto direto não somente no conteúdo das tradições protestantes ainda presentes no movimento pentecostal, na relação com outras igrejas evangélicas, mas também em confissões religiosas não cristãs que, direta ou diretamente são atingidas pelo seu discurso religioso.¹³⁵

Esse *tecer* com retalhos (*pedaços*, como refere Pedro Oro) é intencional para seu plano de expansão e conquista de território. Apossar-se das relações de culto mágico, no conceito weberiano, e incorporar suas crenças, é uma tentativa de falar a linguagem daqueles que são os alvos da pregação da IURD. O universo religioso brasileiro é traspassado por um imaginário mediúnico, onde as forças espirituais podem ser tocadas, mediadas e instrumentalizadas. Mesmo aqueles que nunca foram a uma casa espírita kardecista ou a uma reunião da umbanda ou do Candomblé, carregam em si essa cultura, pois estão familiarizados pela mídia, pelos temas aparentes nas músicas e pelas reproduções presentes nos programas de televisão.

Humberto Oliveira traz ainda a “ideia do neopentecostalismo como uma ‘terceira via’, por meio da qual o movimento neopentecostal pode ser visto como uma opção confortável entre o protestantismo e os cultos afro”.¹³⁶

3.5.1 Calendário e liturgia da IURD

A apropriação do outro, provocou mudanças também na forma de culto. A liturgia de cada culto iurdiano tem em si um propósito específico. Ela se desenvolve de acordo com o objetivo desejado para cada reunião, libertação, prosperidade, busca pelo Espírito Santo, além de estar inserido num calendário litúrgico, aspecto interessante a ser observado.

Leonildo Campos traz a ideia de que a liturgia iurdiana, elaborada nos conceitos weberianos de ritos mágicos, toca profundamente seu público-alvo, isto é, pessoas em situação de limite. Para essas pessoas a vida é uma incerteza, seja na

¹³⁵ OLIVEIRA, 2013, p. 64.

¹³⁶ OLIVEIRA, 2013, p. 56.

saúde, nas questões econômicas e financeiras, nos relacionamentos. Esse perfil cuidadosamente elaborado de atividades direcionadas “cria oportunidades para o emprego de rituais que reduzem as incertezas e restauram nos indivíduos a crença de que o mundo pode deixar de ser não-manipulável e arbitrário.”¹³⁷ Esse desejo em satisfazer as privações encontrado nas pessoas que buscam os serviços da Universal fomenta o surgimento da prática mágica-pastoral.

Para Campos, as pessoas que acolhem a fé proposta pela IURD carregam em si o imaginário dos cultos mágicos presentes nas religiões populares sejam oriundas do próprio cristianismo ou mesmo de origem afro-brasileira, para o autor não há mácula nas instituições e pessoas experienciarem a magia em suas relações com a religião, apenas uma sistematização do culto da IURD.

Ao pensar em estratégia de crescimento, este é o tema central da obra de Campos, o autor sugere certa exploração do tema da magia por parte da IURD, uma vez que o protestantismo histórico se fastou dela, promovendo basicamente um culto pela razão.

Por causa desta ênfase, a Igreja Universal incentiva que os pastores descubram em que as pessoas crêem [*sic*], para, a partir desta crença, realizar um trabalho pedagógico de aproximação. Nesse sentido, a demanda sobre determinados bens simbólicos, no campo religioso, também pode provocar homogeneidades, facilmente interpretadas como sincretismo religioso. Daí, o emprego nos templos iurdianos da ‘água abençoada’, ‘óleo ungido’, ‘manto consagrado’, ‘mesa branca energizada’, ‘rosa ungida’, ‘areia do deserto do Sinai’ e outros elementos, aos quais se atribuem eficácia mágica. Os fiéis crêem [*sic*] que esses tais objetos têm a capacidade de proteger a casa, o indivíduo e as relações sociais de todos aqueles males atribuídos e personificados na figura de satanás. Trabalhamos com a idéia [*sic*] de que esses rituais e procedimentos são contidos numa relação de continuidade com o mundo mágico das religiões afro-brasileiras e do catolicismo popular.¹³⁸

O calendário litúrgico da IURD mostra-se próximo ao calendário litúrgico afro-brasileiro. Os cultos de libertação, onde a prática exorcista acontece, são realizados às sextas-feiras, dia das religiões de matriz africanas invocarem certos guias.

A meia-noite “hora grande” de sexta para sábado é o momento em que os exus se manifestam e trabalham [na umbanda]. É justamente nesta mesma hora que nas igrejas estão sendo realizadas as cerimônias onde esses Exus

¹³⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 42.

¹³⁸ CAMPOS, 1997, p. 44.

são invocados para, em seguida, serem expulsos dos corpos das pessoas presentes.¹³⁹

As demais atividades do calendário iurdiano seguem o mesmo padrão.

O calendário anual de rituais afro-brasileiros também tem servido a IURD para organizar suas próprias seções e atividades periódicas [...] sendo o ciclo dos rituais afro-brasileiros resultado, em grande parte, da utilização do calendário de homenagem aos santos católicos e eventos nacionais, há uma relação de continuidade entre a IURD e esses dois universos.¹⁴⁰

Esse calendário *religiofagista* busca a movimentação das pessoas fiéis para seus cultos utilizando-se de uma cronologia religiosa *a priori*. Realizando assim, as pessoas fiéis têm seus inconscientes religiosos ressignificados. Na mesma sexta-feira, que antes ia-se ao terreiro ou às encruzilhadas fazer oferendas, agora vai-se à igreja, onde as mesmas entidades aparecem, dão entrevistas e ocupam importante posição dentro da ordem do culto. Mariano afirma que a IURD “com isso, rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas dos adversários. Tal reapropriação sincrética é intencional, estudada, encerra claro propósito proselitista. A liderança da igreja tem plena consciência da eficácia dessa estratégia.”¹⁴¹

3.5.2 Novas e mutantes

“As liturgias sempre mutantes, em tons de encenações, profundamente simbólicas e a mistificação de palavras, gestos, e objetos, destoam por completo do caráter iconoclasta das igrejas protestantes tradicionais.”¹⁴² Com essas palavras Humberto Oliveira Jr define a organização e liturgia dos cultos da IURD. Ela tem uma criatividade gigantesca para promover uma nova campanha, ou corrente como gostam de chamar, fazendo renovando assim seu atrativo ao público-alvo. O Distanciamento das igrejas protestantes é tamanho, que em muitos seguimentos a Universal não é reconhecida como uma igreja evangélica. A teologia proposta pelo Bispo Macedo conjuntamente à introdução de objetos litúrgicos como rosas, panos coloridos, ervas, sal grosso e outros são pontos fortes deste descompasso. Isso faz a IURD traçar seu próprio caminho no cenário brasileiro. Nesse ponto, a igreja torna-se empresa e as estratégias adotadas para o avanço e a manutenção são agressivas, “tendo se

¹³⁹ SOARES, Marisa *apud* SILVA, 2012, p. 237.

¹⁴⁰ SILVA, 2012, p. 239.

¹⁴¹ MARIANO, 199, p. 135.

¹⁴² OLIVEIRA, 2013, p. 51.

consolidado como uma das mais fortes estruturas religiosas do Brasil, não presta contas a quem quer que seja”.¹⁴³

Os elementos incorporados ao culto e a liturgia servem, segundo os padrões da IURD, como ferramentas de ativação de fé, por meio deles a pessoa fiel tem sua fé colocada em ação. O pastor desenvolve o culto construindo mecanismo de liberação de fé, para tanto faz uso de elementos (geralmente provenientes de cultos populares previamente conhecidos pelos participantes), além de rituais como unções, aspersões e ofertas especiais feitas como sacrifício.

É curioso que o neopentecostalismo da Igreja Universal, intuitivamente, sem quaisquer interferências dos cientistas sociais, apoiando-se em objetos, descobriu maneiras de puxar os fios invisíveis da memória, e ligar o presente ao inconsciente coletivo, onde estariam conforme a teoria Junguiana, os arquétipos produtores de mitos e toda a mística religiosa. [...] Por outro lado, essa igreja também usa com sucesso a força da linguagem simbólica para transpor os limites da experiência imediata e avançar para além do invisível. Com isso, dois níveis de significação se interligam, o material e o simbólico, propiciando uma linguagem inteligível a pessoas procedentes de várias culturas, desenvolvendo-se dessa forma, um tipo de sincretismo ou de uma religião montada pelos fiéis, a partir de um *kit* básico.¹⁴⁴

O calendário litúrgico é um ponto a ser observado na IURD. Diferentemente do calendário cristão tradicional, o qual baseia-se nos fatos relacionados à vida e obra de Jesus Cristo, fundamentando-se assim na mensagem contida em cada celebração. Advento, natal, páscoa e pentecostes são momentos de reflexão cristocêntrica, que se associam aos eventos retentivos neles lembrados, isso para a maioria das pessoas cristãs. Mas na IURD se entabulam de forma distinta.

As liturgias da Igreja Universal lidam sempre com a mesma temática: a luta do bem contra o mal. Aparecem num maniqueísmo extremo e numa supervalorização do mal (diabo, criatura) em detrimento do bem (Deus, criador).

O discurso das igrejas universal [...] é altamente repetitivo, lida com os mesmos problemas, apresenta as mesmas soluções e faz o mesmo diagnóstico de suas causas. Para tornar o culto atraente, menos enfadonho, algo precisa variar. O que varia são as formas dos rituais bem como o modo de participar deles e o sacrifício (a quantia de dinheiro) exigido para o fiel habilitar-se a receber as bênçãos desejadas ou propostas. Sua capacidade de diversificar o repertório simbólico parece inesgotável. Daí encontramos corrente de Jó, de Davi, do tapete vermelho, dos 12 apóstolos, do nome de

¹⁴³ OLIVEIRA, 2013, p. 79.

¹⁴⁴ CAMPOS, 1997, p. 82.

Jesus, da mesa branca, do amor, das 91 portas; campanha do cheque da abundância vigília da vitória sobre o Diabo, semana da fé total.¹⁴⁵

Trata-se de uma liturgia voltada ao mesmo assunto: vencer os demônios. Enquanto as igrejas cristãs em geral mudam o tema de suas celebrações e por conseguinte as cores empregadas, vestes dos oficiantes e elementos usados nos seus cultos, a IURD faz o caminho oposto: muda os elementos, as vestes e as nomenclaturas a fim de parecerem novos os temas do seu “discurso repetitivo”, como mencionamos acima nas palavras de Ricardo Mariano.

A possessão e o exorcismo têm seu espaço especial nos cultos iurdianos, principalmente nos dias de *libertação*. A condução dos endemoniados para a plataforma, à vista de todas as pessoas, produz um quadro perturbador. Uma pessoa contorcida e falando ao microfone com uma voz grave é impactante.

Toda ritualística desenvolvida no exorcismo é integrada com o público que assiste e contribui por meio de gestos e palavras de ordem declaradas em uníssono com pastor ministrante. Este por sua vez assume o papel de representante do divino, com as devidas prerrogativas para a função de libertador.

Todo esse momento representa o auge da reunião, isto é, a vitória sobre o mal.

Há, portanto, uma guerra cósmica que os cultos, “correntes de fé” ou “campanhas” da igreja universal procuram dramatizar. Dessa maneira, cada milagre, conversão e exorcismo são pequenas amostras de decisivas vitórias de Deus, contra as forças diabólicas. Contudo os rituais da IURD se diferenciam de outras igrejas do pentecostalismo clássico porque nelas os pastores provocam e invocam os demônios para se manifestarem, tornando dessa maneira é possível e desejável o ato de exorcismo¹⁴⁶

Nesse ponto da liturgia há um elemento transversal e apropriado, um “pedaço de crença” fagocitado. Esta prática relaciona-se com as chamadas consultas espirituais que “no âmbito das religiões afro-brasileiras, podem ser entendidas como uma prestação de serviço mágico-religioso por meio do contato com as divindades que diagnosticam problemas e fornecem orientações para a sua resolução”.¹⁴⁷ Na liturgia da IURD, a entrevista com o espírito manifestado no corpo da pessoa fiel produz esse mesmo fim. Ali, diante da *autoridade espiritual* do pastor, o demônio

¹⁴⁵ MARIANO, 1999, p. 134.

¹⁴⁶ CAMPOS, 1997, p. 337.

¹⁴⁷ SILVA, 2012, p. 244.

confessa suas artimanhas e como desenvolve o mal na vida da pessoa por ele cativa. As obras do mal são denunciadas e as soluções para vencê-las aparecem.

As sequências de reuniões, ciclos em números geralmente associados a bíblia ou adotando nome de novenas, trezenas, nomenclaturas comuns entre católicos para a reza do terço, são também um fator de apropriação.

A ideia de uma quantidade específica de dias para consagração às entidades afro-brasileiras aparece presente nos ciclos de dias de cultos, nos banhos e aspersões, nos propósitos de ofertas financeiras feitas como sacrifício. A pessoa fiel deve comparecer em todas e assim cumprir sua devoção. “A absorção por parte da IURD das liturgias afro-brasileiras tem como consequência a produção de sucedâneos bem-sucedidos de rituais afro no campo neopentecostal.”¹⁴⁸

¹⁴⁸ SILVA, 2012, p. 251.

4 IMPLICAÇÃO EDUCATIVA

As implicações educativas das ofertas de sacrifícios, das apropriações e liturgias do neopentecostalismo, focadas na IURD, são ponto de reflexão do presente capítulo. Partindo dos temas desenvolvidos nos capítulos anteriores dessa dissertação, eles serão os alvos de nossa consideração na busca do clareamento das práticas educativas contidas nelas. O modelo de ofertas de sacrifício, de liturgia e os pontos de apropriação presentes na teologia e vida cúlrica da IURD estabelecem ensinamentos para a comunidade dessa denominação religiosa pertencente ao ramo cristão protestante. O desvelamento destes ensinamentos é objetivo nesse capítulo.

Desde seu surgimento, como elemento chave, o ramo cristão protestante fundamenta-se teologicamente na justificação por graça, mediante a fé.¹⁴⁹ Sendo assim, todo desenvolvimento, enquanto igreja herdeira do movimento da Reforma, mesmo aquele oriundo de posteriores desdobramentos e distante historicamente, deve ser permeado por esse dogma fundamental. O modelo proposto pelos reformadores é “uma vida resultante da graça já concedida; [...] não é uma vida de alguma forma dedicada a alcançar a graça.”¹⁵⁰ Obras, ações de qualquer natureza, ofertas de qualquer quantia não podem justificar a pessoa humana caída diante do Deus Criador. O princípio fundamental da Reforma é a ferramenta de comparação das práticas adotadas pelo IURD, esta grande igreja neopentecostal brasileira.

O ensino que se entabula pela prática das ofertas de sacrifícios e na liturgia das reuniões iurdianas torna-se o objeto de nossa observação pela perspectiva educativa. Neste capítulo aplica-se a atenção em temas desenvolvidos nos capítulos anteriores buscando a compreensão dos fenômenos numa perspectiva educativa, para o então aferimento das práticas. Almeja-se descobrir se a educação implicada nas práticas da IURD reflete atos de promover a justificação pelas obras humanas, bem como favor do divino por meio de ações humanas (ofertas financeiras em sacrifício e práticas transversas).

¹⁴⁹ O fundamento da reforma, isto é, a justificação por graça mediante a fé é abordada na introdução deste trabalho como perspectiva de visão. A implicação educativa das práticas iurdianas devem cooperar com a teologia da reforma da qual o movimento neopentecostal se diz herdeiro.

¹⁵⁰ BRAATEN, 1995, p. 402.

As falas do Bispo Macedo, analisadas no capítulo inicial dessa dissertação, que dizem que Deus jamais vai deixar de abençoar enquanto sacrificarmos, expressam de forma cristalina um perfil de ensino: faça algo e Deus retribuirá. Esse perfil de declaração ensinando a barganha e um endividamento da divindade diante da oferta apresentada pelo fiel aparece com frequência. Enquanto os teólogos da reforma se levantavam anunciando e ensinando de um Deus que graciosamente e imerecidamente nos abençoa e nos justifica, sem necessidades de feitos, os pastores da IURD, começando pelo Bispo parecem fazer o oposto.

O estudo das práticas transversais da IURD e em especial a oferta de sacrifício, mostra por si só o ensino embutido nelas. Para obter mais argumentação, trazemos para o debate o pedagogo e teórico Paulo Freire. Focados nos princípios de educação estabelecidos na obra *Pedagogia do Oprimido*¹⁵¹ contribuirá com os conceitos elaborados e expostos na obra. Outras pessoas autoras que abordam o tema também estarão em colaboração a partir do mesmo conceito.

4.1 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE

Paulo Freire, pernambucano, viveu de 1921 até 1997, foi um grande intelectual brasileiro, escritor e educador de grande influência internacional foi nomeado patrono da educação brasileira em 2012. Desenvolveu um processo de alfabetização de adultos, o qual leva seu nome. Autor de vários livros onde elabora sua pedagogia, denominada de *Pedagogia Libertadora*, a qual em sua época se colocava como enfrentamento à pedagogia oficial e hegemônica de seus dias. Seu pensar pedagógico busca o que ele denomina de *libertação*, na qual a tarefa da pessoa educadora é promover o pensamento crítico da pessoa educanda, pois sem ele, esta estaria *desumanizada*, quando para Freire o papel da educação é humanizar.

Humanizar é permitir a capacidade de crítica, de juízo, de cognoscibilidade. Para Freire a pessoa humana só é livre quando é dada a ela o direito de pensar por

¹⁵¹ “O livro *Pedagogia do Oprimido* é uma obra que figura, entre as principais do autor, em sua vasta bibliografia, é uma das respostas mais relevantes a situação em que se encontram os oprimidos do Brasil e da América Latina. Paulo Freire nos oferece uma análise penetrante do funcionamento de nossas classes sociais e indica os caminhos para uma pedagogia eficiente capaz de suscitar, nos educandos o diálogo e o saber em si. A obra resume todos os elementos que fizeram de Paulo Freire o principal educador brasileiro do século XX.” Texto extraído da descrição do verso da capa da 50 ed. de 2011.

si mesma. A características de sermos seres inconclusos e conscientes dessa inconclusão, segundo o autor, nos permite possibilidades históricas, ou seja, provocar as mudanças no mundo que nos cerca. Humanizar, ou “ser mais”¹⁵² é vocação ontológica da pessoa. A consciência de nossa inconclusão nos impulsiona a ser, e *ser mais*. Contrário a isso, é desumanizar, *ser menos*, tido pelo autor como uma distorção ontológica.

Trazer para o diálogo esse pensador, através de seus conceitos de *sectários e radicais; educação bancária e educação libertadora; codificação e decodificação; temas geradores* faz-se necessário com vistas ao esclarecimento das implicações educativas das práticas da IURD. Celina Nazário acrescenta que

O método de Paulo Freire não é somente uma técnica, mas também está centrado em uma teoria do conhecimento, no modo como se realiza a aprendizagem – é, portanto, uma filosofia da educação. O seu método é fundamentado em uma visão antropológica, visão de mundo, de pessoa.¹⁵³

A pedagogia do oprimido de Paulo Freire destaca-se pela forma de pensar educação em face situação política. Os temas de política, em especial do ambiente brasileiro, contexto inicial do autor, são trazidos à práxis do educando. Libertar o pensamento e a reflexão sobre o *ser* humano no mundo que o rodeia, em Freire, está voltada a uma razão política e social. Fica claro também o intuito de provocar as transformações necessárias, as quais, mudariam o contexto de opressor – oprimido, politicamente falando.

Para Freire a educação é, em última análise, um processo permanente de humanização e libertação dos seres humanos. Por isso a pedagogia que propôs foi uma pedagogia do oprimido e não uma pedagogia para o oprimido. A ideia central deste livro é a de que se, por um lado, os oprimidos hospedam em si o opressor, por outro lado, será através dos contributos do processo de conscientização que se poderão vir a libertar do opressor e, simultaneamente, libertar o opressor da sua condição. Esse processo exige, e ao mesmo tempo contém, uma pedagogia.¹⁵⁴

Em resumo, a "Pedagogia do Oprimido" é uma literatura de base para a compreensão da educação como ferramenta de transformação social e política. Freire

¹⁵² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p.40.

¹⁵³ NAZARIO, Celina Lessa. *Diálogo: mestre e discípulo uma leitura teológica da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire*. 2011. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011, p. 18.

¹⁵⁴ LIMA, Licínio C. A. Pedagogia do Oprimido como fonte para a crítica ao pedagogismo opressor. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 54, pp. 11-29, nov. 2019, p. 13. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/62554> . Acesso em: 12 maio 2023.

propõe uma pedagogia que critica, que valoriza a participação ativa das pessoas educandas e a relação dialógica entre pessoa educadora e pessoa educanda. A conscientização e a valorização da cultura popular como enfrentamento as estruturas de poder, demonstrada na padronização cultural, são também temas de destaque em Freire. Ela é uma obra atemporal, mesmo histórica, que se faz referência para pessoas educadoras e pesquisadoras, e que continua inspirando à luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

A Pedagogia do oprimido apresentou, conseqüentemente, um princípio pedagógico novo, uma revolução para a educação, uma crítica à dominação e à exploração social e, ao mesmo tempo, uma teoria pedagógica libertadora, que pressupõe o diálogo com os outros e haja esperança que este mesmo diálogo crie a oportunidade de construção de um mundo, onde possamos viver com dignidade, em um processo de humanização. Por isto, refletir sobre o diálogo em Paulo Freire é acreditar em um mundo melhor e sonhar com ele, esperançoso na possibilidade de criar relações cada vez mais humanas.¹⁵⁵

Almeja-se, assim, como ensina a pedagogia de Freire, criticar nosso objeto de estudo, ou seja, as práticas de ofertas de sacrifícios e apropriações. Trazê-lo a pauta, numa relação dialógica, e por meio desta, compreender das estruturas de poder atreladas ao sistema religioso neopentecostal da IURD.

A pesquisa em curso busca na “Pedagogia do Oprimido” os conceitos freirianos de libertação, opressão, transformação e estranhamento com o mundo, para que, de posse deles possamos aplicá-los, não somente no contexto político social, mas também no teológico, em especial nos dogmas de salvação.¹⁵⁶ O pensar do patrono apresentando polaridades e as suas relações dialéticas, nos leva a discorrer nessa pesquisa as contradições e as relações entres os polos contraditórios como “opressor e oprimido”¹⁵⁷, “educação bancária e educação libertadora”¹⁵⁸, “cultura dialógica e antidialógica.”¹⁵⁹

O desenvolvimento relacional e dialético de Freire diz que para a melhor compreensão do objeto apresentado, é preciso entender o equivalente antagônico.

¹⁵⁵ NAZARIO, 2011, p. 27.

¹⁵⁶ Salvação nesse horizonte diz respeito a salvação eterna como esperança escatológica, mas também em sentido mais amplo que abrange as intervenções divinas na nossa vida terrena. Nesse ponto queremos trabalhar os aspectos das graças e benevolências desejadas pelas pessoas fiéis que as buscam através das campanhas e práticas de ofertas de sacrifícios nos contextos da IURD.

¹⁵⁷ FREIRE, 2011, p. 41.

¹⁵⁸ FREIRE, 2011, p. 95.

¹⁵⁹ FREIRE, 2011, p. 101.

Não é possível saber do conceito liberdade sem os saberes sobre a opressão. Nesta reflexão de corte dialético, através do relacionamento de conceitos, está estabelecida a linha pedagógica freiriana.

A visão freiriana contribui para a estruturação eclesial, o que salienta e respalda sua participação nesta pesquisa, no sentido de despertar da igreja ao diálogo como o mundo onde ela está situada. A concepção antropológica e o compromisso social de Freire, são assuntos de interesse à teologia e pontos transversais entre ela e a pedagogia. Freire, por meio do seu método pedagógico, identifica a necessidade de conscientização, ou o elevar do pensamento das pessoas oprimidas como passo indispensável para uma postura de autorreflexão e assim tornarem-se responsáveis pela condução do destino próprio.

Com esse pensar, a Pedagogia do oprimido expressa uma metodologia e um lutar por uma educação libertadora, eis que educar não é um ato que se restringe a depositar, narrar, transferir ou de transmitir conhecimentos e valores aos educandos, como na educação bancária, em que o educando é mero ouvinte, não digere, não dialoga e não permite ousar de seus sonhos frente a história, mas, um ato humano, dinâmico, problematizador e libertador. O autor vê a história como possibilidade.¹⁶⁰

Nesse olhar polarizador e relacional, procura-se trabalhar os conceitos de salvação cunhados pela IURD e aquele cunhado pelo movimento da reforma, buscando uma dialogicidade de modo que um possa clarear e/ou questionar o outro.

Doravante, quando falamos de libertação, temos em mente o dogma cristão de perdão dos pecados e libertação da culpa¹⁶¹, embora Freire não os tenha abordado num sentido teológico explícito. Os conceitos de opressão serão aplicados no sentido de peso do pecado¹⁶², de falta de paz com Deus por conta da culpa. Os conceitos de estranhamento com o mundo e transformação serão aplicados no sentido de arrependimento de obras mortas¹⁶³ e inconformidade com o mundo.¹⁶⁴ Estabelecida esta espécie de tradução de termos para uma linguagem teológica, sintetizam-se nas palavras do educador:

¹⁶⁰ NAZARIO, 2011, p. 34.

¹⁶¹ Romanos 8.1-2 “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.”

¹⁶² João 8:34: “Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado.”

¹⁶³ Hebreus 6.1b: “a base do arrependimento de obras mortas.”

¹⁶⁴ Romanos 12:2: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

A nossa preocupação, nesse trabalho é apenas apresentar alguns aspectos que nos parece constituir o que vínhamos chamando de pedagogia do oprimido (**pecador**) [...] Pedagogia que faça da opressão (**culpa de pecado**) e de suas causas (**condição de pecado**) objeto da reflexão dos oprimidos de que resultará o seu engajamento necessário na luta por libertação (**perdão e paz**).¹⁶⁵

Pretendemos neste ponto, com a ajuda de Freire, analisar as práticas pesquisadas e descritas acima. Com auxílio do patrono da educação brasileira agregado ao pensamento da Reforma de justificação por graça mediante a fé, intencionamos alcançar nossos objetivos.

Criamos representações explicativas, Figuras 2, 3 e 4, as quais apresentamos abaixo, sintetizando a educação opressora, educação libertadora e as situações e obstáculos para melhor compreensão da Pedagogia do Oprimido.

Figura 2 - Representação da educação opressora



Fonte: o autor

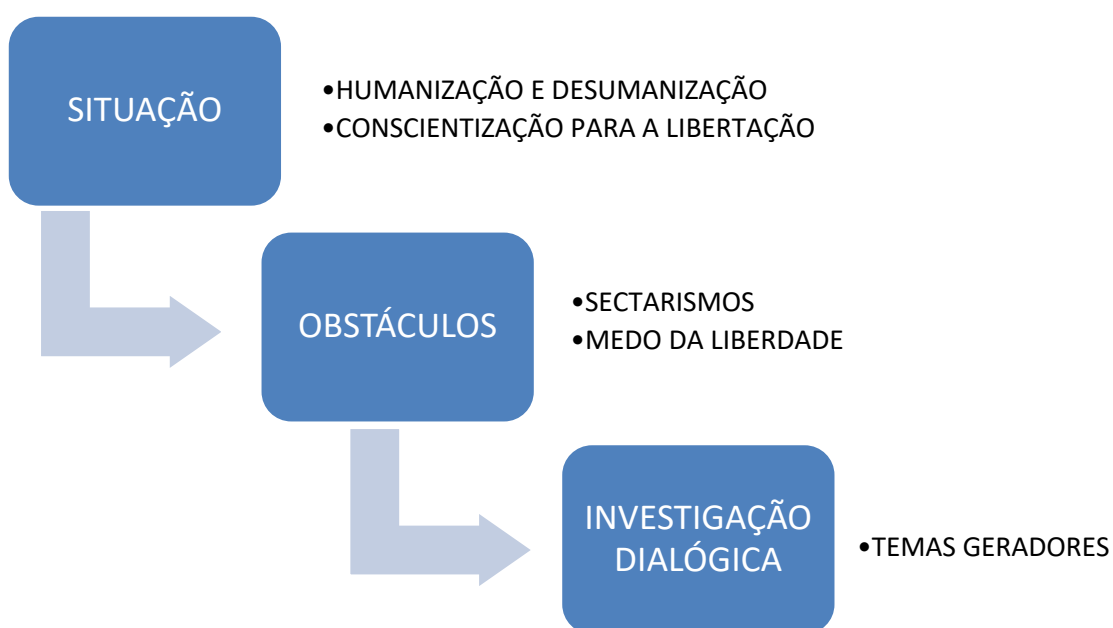
¹⁶⁵ FREIRE, 2011, p. 43. Acréscimos do pesquisador em negrito, entre parênteses, para elucidar que a libertação da opressão tem uma dimensão teológica, mesmo no mundo secular.

Figura 3 - Representação da educação libertadora



Fonte: o autor

Figura 4 - Representação das situações, obstáculos e investigação dialógicas



Fonte: o autor

4.2 SECTÁRIOS E RADICAIS

Pela pedagogia do oprimido queremos ainda ler a presente pesquisa sob a perspectiva dos “sectários”¹⁶⁶ e dos “radicais”.¹⁶⁷ Para Freire os educadores sectários têm características bem distintas em sua mentalidade e modo de agir, são aqueles que acreditam possuir a verdade absoluta não admitindo outras perspectivas. Eles tendem a ser autoritários e inflexíveis em suas convicções e não consideram as experiências e vivências dos demais. Essas atitudes característica do perfil sectarista geram conflitos e impedem o diálogo construtivo. As pessoas educadoras de traços sectários não permitem o diálogo, em geral eles promovem uma ação castradora, fanática, mítico-alienante, irracional (no sentido de não pensar sobre). Eles são aqueles que criam obstáculos à emancipação da pessoa humana, além de desenvolver uma “dialética domesticada”.

Como já vimos acima, sempre no pensar de Freire, ele nos apresentará contraditório, neste caso os radicais. As pessoas educadoras que têm este traço, contrariamente aos sectários, serão criadoras, críticas, libertadoras. São as que contribuirão para a emancipação das demais pessoas humanas, buscarão a racionalidade sem domesticar a dialética.

Esse perfil é formado por pessoas humanas que defendem as mudanças profundas e radicais na sociedade. Essa postura é sempre positiva, desde que não leve ao extremismo e à violência, o que acaba prejudicando àqueles que se pretende ajudar.

Para Freire, o caminho é o equilíbrio entre a radicalidade e a flexibilidade, entre o compromisso com a transformação social e o respeito pelas diferenças. Isso deve ser feito pelo reconhecimento do importante papel do diálogo, do respeito, sem detrimento da luta por mudanças significativas e transformadoras na sociedade.

¹⁶⁶ FREIRE, 2011, p. 35. O conceito de sectário relaciona-se à postura dogmática e fechada diante das ideias e perspectivas diferentes das suas próprias. A pessoa sectária mostra resistência a qualquer forma de questionamento ou crítica, rejeitando ideias contrárias às suas crenças preestabelecidas.

¹⁶⁷ Paulo Freire destaca em sua obra que os prováveis radicais, aqueles que chegariam ao final da leitura de sua obra seria em especial os cristãos e os marxistas. “Ainda que seja este, com todas as deficiências de um ensaio puramente aproximativo, um trabalho para homens radicais. Cristãos ou marxistas, ainda que discordando de nossas posições, em grande parte em parte ou em sua totalidade, estes, estamos certos, poderão chegar ao fim do texto.” (FREIRE, 2011, p. 34).

Liberdade é um assunto de grande relevância nas Sagradas Escrituras, começando pelo Antigo Testamento na libertação do povo de Israel do Egito, e de todos demais opressores enquanto estavam em Canaã, até os evangelhos e o Novo Testamento em si apresentam Jesus como aquele que proclama liberdade. Não podemos discorrer sobre implicação educativa de práticas eclesiais, sem levar em consideração o ponto da liberdade, tema tão destacado nos textos sagrados¹⁶⁸.

4.2.1 Aplicação dos conceitos de sectários e radicais

Nossa busca pelas implicações educativas começa pela análise de perfil daqueles e daquelas que discursam, as lideranças da IURD, enquanto pessoas educadoras. A pessoa pregadora é também responsável pela coordenação das reuniões no contexto a universal. Ao assumir a palavra, naquele momento, assume também a função de ensinar, educar as pessoas fiéis para condução de suas vidas no caminho da fé cristã.

Ao observarmos a forma da referida educação proporcionadas nos púlpitos da IURD, podemos, pela perspectiva freiriana de sectários e radicais, identificar previamente a linha de estruturação pedagógica contida nos discursos. A forma de apresentação e condução do discurso manifesta os elementos presentes no perfil adotado.

Os discursos iurdianos, suas homilias, as ofertas de sacrifício ensinadas pela IURD como ações de fé, bem como as liturgias adotadas, são feitos de forma vertical, ou seja, do clero para as pessoas fiéis. Nos capítulos anteriores foram destacadas tais práticas e discursos, as quais estão desenvolvidas e analisadas com a ajuda de pessoas pesquisadoras. Por meio da pesquisa, verifica-se que, a partir dos oradores nos cultos que têm a autoridade e apresentam-se inflexíveis em suas convicções, todo discurso é apresentado de forma unilateral, sem o estímulo a uma reflexão crítica do conteúdo da fala e das práticas adotadas. As experiências e vivências das demais

¹⁶⁸ Êxodo 3:7: “Disse ainda o SENHOR: Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel.”

João 8:36: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.”

Gálatas 5:1: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.”

peças participantes das reuniões são ignoradas. Aquela que vai a um culto da Universal deve ouvir e aprender daqueles que detêm a revelação, o conhecimento final dos temas da fé. O corte dialético, presente na pedagogia de Freire, está ausente. As pessoas fiéis não são conduzidas a um pensar, a uma discussão da sua condição de vida de modo que *estranhem*¹⁶⁹ a situação e partam em busca de mudança. Antes, são lhes apresentados rituais prontos e ações ritualísticas pré-elaboradas, que *depositadas bancariamente*, conduzem a uma divindade mecânica que apenas responde a estímulos. Essa postura como já falamos gera conflitos impedindo o diálogo construtivo, além de ser uma ação castradora, mítico-alienante e irracional (no sentido de não pensar sobre), como já consideramos acima.

Destacamos a expressão mítico-alienante¹⁷⁰, no pensamento freiriano. Essa forma de oprimir é chamada de mítico porque está fundamentada em crenças e valores que foram tomados como verdadeiros e absolutos, os quais não permitem questionamentos ou reflexões críticas. Além disso, ela se faz "alienante" porque mantém as pessoas oprimidas alienadas de sua própria realidade, impedindo que elas percebam as verdadeiras causas de sua opressão e lutem por sua libertação.

Relembrando a nossa tradução teológica¹⁷¹ dos termos de Freire, podemos reler que essa forma de oprimir (*desconhecimento da graça como favor imerecido*) é chamada de mítico porque está fundamentada em crenças e valores que foram tomados como verdadeiros e absolutos (*rituais, transversalidades, pagamento financeiro*), os quais não permitem questionamentos ou reflexões críticas. Além disso, ela se faz alienante porque mantém as pessoas oprimidas alienadas de sua própria realidade (*pecadoras necessitadas da graça*), impedindo que elas percebam as verdadeiras causas de sua opressão e lutem por sua libertação (*libertação do pecado pela graça, mediante a fé*).

As pessoas que detêm o discurso na IURD, analisadas pelos conceitos freirianos apresentados, claramente se mostram educadoras sectárias. Elas não

¹⁶⁹ Menciona-se estranhamento no sentido de percepção da situação vivida. A educação libertadora proposta por Paulo Freire promove, na pessoa educanda, uma nova concepção da vida de modo que ela estranhe a vida que possuía antes da reflexão dialógica como os elementos presentes na sua vivência.

¹⁷⁰ FREIRE, 2011, p. 93.

¹⁷¹ Os escritos de Paulo Freire não são teológicos, a proposta é voltada para a pedagogia. Propõe-se aqui adotar os conceitos pedagógicos fazendo para isso uma tradução de sentidos. Literalmente traduzimos o sentido dos preceitos de uma ciência para outra, isto é, da pedagogia à teologia.

promovem a emancipação da pessoa humana, teologicamente falando, a emancipação promovida em Cristo, aquela que esta para além das obras. O que se apresenta é o desenvolvimento de uma “dialética domesticada”¹⁷², ou seja, o ensino enfatizado na transmissão de conhecimentos pré-estabelecidos, sem espaço para questionamentos ou reflexões críticas, ela é domesticada porque se limita a reproduzir os valores e ideias da cultura e teologia iurdiana, sem questioná-los ou transformá-los.

A atenção recai sobre este tema pois é preciso que as pessoas educadoras estejam atentas às formas de opressão, e trabalhem para desconstruir os mitos e símbolos alienantes. Devem ser criadoras, críticas, libertadoras contribuindo para a emancipação das demais pessoas humanas, buscando a racionalidade sem domesticar a dialética como por exemplo fizeram os reformadores. Estes foram radicais, no conceito de Freire. Desenvolveram um trabalho de conscientização crítica (revelar a natureza do pecado, o erro teológico das indulgências, a tradução do texto bíblico para a língua do povo e o ensino da leitura para uma massa de analfabetos), que permita aos oprimidos perceberem a sua própria realidade de forma mais clara e se engajarem na luta por sua libertação (perdão por graça, mediante a fé).

Os resultados das ações educativas da IURD aqui são contrapostos com os resultados das ações educativas da Reforma e, de novo, a polaridade, ou seja, sectários de um lado e radicais do outro torna-se evidente. Mostram-se pelas ações educativas quem são o que nesse contexto comparativo. Os sectários estão na IURD e radicais pertencem ao movimento da Reforma de acordo com o pensamento do patrono da educação brasileira.

4.3 EDUCAÇÃO BANCÁRIA E EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A teoria da educação libertadora de Paulo Freire é fundamentada na ideia de que a educação deva ser uma ferramenta de libertação das pessoas humanas das estruturas que exercem poder opressivo e assim capacitá-las para tornarem-se agentes de mudança em suas próprias vidas e comunidades. Essa teoria pedagógica

¹⁷² FREIRE, 2011, p. 85.

é uma abordagem educacional que visa envolver as pessoas educandas de forma ativa e crítica no processo de aprendizagem.

Para Freire a educação não deve ser apenas um “ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”¹⁷³ manifestando a contradição entre educador e educando. Na educação bancária, no conceito do autor, a pessoa educadora se torna o *sujeito* do processo educativo, aquela que narra, que disserta aos alunos e alunas a respeito de algo conhecido por ela. Dessa forma, faz das pessoas educandas os objetos dessa forma de ação pedagógica marcada pela verticalidade e de forma antidialógica. Às pessoas educandas, por esse método, cabe a memorização e a repetição.

Somente informar e depositar informação, segundo o autor, não constitui ato de educar. Para ele, quando a pessoa educadora vê seu educando ou educanda como um *arquivo* de conhecimento e age a partir dessa visão, ela acaba sim *arquivando* a natureza curiosa e crítica nata de cada indivíduo. Desenvolver o perfil bancário de pedagogia é semelhante ao relacionamento de forma vertical, ou seja, a pessoa educadora é detentora de todo conhecimento e está acima das pessoas educandas que, por baixo, são receptores passivos. Na educação bancária:

- O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- O educador é o que sabe; os educandos não sabem;
- O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- O educador é que opta e prescreve sua opção: os educandos, os que seguem a prescrição;
- O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem apenas adaptar-se às determinações daquele;
- o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.¹⁷⁴

Para o patrono da educação brasileira, este perfil de pedagogia, em estilo de depósito, tolhe o educando de desenvolver a compreensão crítica de mundo, e por fim sua colocação no mundo onde vive. Fazendo assim o sistema dominante se mantém

¹⁷³ FREIRE, 2011, p. 80.

¹⁷⁴ FREIRE, 2011, p. 82.

hegemônico, pois não permite a crítica, o pensar livre sobre a situação vigente. Depositar instrução e conhecimento é, para o autor, oprimir. É não permitir a capacidade cognitiva de cada pessoa educanda.

Segundo Freire, a educação libertadora se inicia na análise crítica das condições sociais e econômicas que afetam a vida das pessoas educandas. Os alunos devem ser incentivados a questionar, ou seja, criticar, as estruturas de poder e a refletir sobre suas próprias experiências de vida nesse sistema. O papel da pessoa educadora é ser pessoa facilitadora que ajuda as pessoas educandas a identificar e analisar essas estruturas de poder e a desenvolver habilidades para transformar a sociedade.

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes o fundamental não é o desnudamento do mundo sua transformação. [...] Na verdade o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime.¹⁷⁵

A liberdade produz aparente risco à segurança. Sistemas prontos, pré-idealizados parecem estar em risco diante de práticas libertadoras. Liberdade soa muitas vezes como anarquia, mas não. “Pode parecer duro, mas é decisiva a *renúncia à segurança*, à qual a vida moderna está acostumada. Deve ficar claro que à maior segurança possível corresponde a maior limitação possível da liberdade pessoal¹⁷⁶.”

A mensagem ou ensino, para Freire, deve ser comunicada e de forma dialética, isto é, pela educação problematizadora ou libertadora. Esta tem como ponto fundamental a consciência como um ato de intencionalidade.

A educação problematizadora tem uma forte raiz na dialética [...] uma compreensão dinâmica do mundo e da história em constante processo de transformação, constantemente atualizada pela contradição da negatividade e da positividade, pela desconstrução de estruturas sociais mais antigas e a sua conseqüente transformação em formas de liberdade mais atualizadas.¹⁷⁷

A relação é horizontal, pessoa educadora e pessoas educandas estão numa relação dialógica, superando assim a contradição pessoa educadora e pessoa educanda. A pessoa educadora se torna educanda e a pessoa educanda se torna

¹⁷⁵ FREIRE, 2011, p. 83.

¹⁷⁶ BULTMANN, 2001, p. 334 *apud* ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 49.

¹⁷⁷ WOHLFART, João Alberto. *Fundamentos dialéticos da pedagogia do Oprimido*. Passo Fundo: IFIPE, 2013, p. 107.

educadora, isto sem a diluição das funções. Aquele que ensina, aprende e o que aprende, ensina. Neste perfil, pessoa educadora e pessoa educanda, se tornam sujeitos do conhecimento e se voltam conjuntamente para investigação do conteúdo, da matéria, daquilo que está sendo ensinado ou aprendido. Não há posse do conhecimento, mas apresentação para a reflexão conjunta sobre ele. A matéria, o conhecimento, ou nas palavras do autor o “objeto cognoscível”, passa a ser um *problema*, algo do qual se incide reflexão e um desvelar na busca da razão de ser. Wohlfart complementa:

A educação problematizadora, em Paulo Freire, está radicada no conhecimento e na análise da realidade. O conhecimento não consiste na repetição de um saber consagrado pela tradição e transmitidos em crítica pelas escolas, mas numa investigação metodicamente conduzida destinada a esclarecer a realidade onde os sujeitos e educandos se encontram. Mas há um dado a mais. Na problematização não há um indivíduo isolado e fechado em si mesmo que constrói um saber especulativo, mas a educação acontece numa instância de intersubjetividade, na qual, conjuntamente, o saber é partilhado e coletivamente construído.¹⁷⁸

A ação problematizadora traz a pessoa educadora para o lado da pessoa educanda para uma compreensão compartilhada e coletiva dos saberes. Não há espaço para repetição, pois mesmo sendo a mesma pessoa educadora ano após ano, as pessoas educandas bem como as realidades mudam, alterando, como numa equação matemática, as variáveis. Isto impede o isolamento e fechamento da pessoa educadora na construção dos saberes.

4.3.1 Aplicação da educação bancária

A teoria desenvolvida por Freire contrasta como a forma de educar praticada pela IURD nos discursos de seus líderes e pelas práticas assimiladas em suas reuniões. Enquanto o educador orienta a dialética no processo educativo, os membros e participantes das reuniões são orientados a práticas e crenças absolutas naquilo que lhe está sendo exposto. As falas do Bispo Macedo, presentes em vídeos, citadas e analisadas nos capítulos anteriores, bem como aquelas de outros pastores e bispos que foram coletadas em visitas aos templos em reuniões diversas são sempre imperativas e com tom de revelação última. O incentivo ao ato de ofertar, e com generosidade, é exprimido como de forma bancária, no conceito freiriano. Os pastores

¹⁷⁸ WOLFART, 2013, p. 109.

depositam do alto do púlpito e as pessoas ouvintes aceitam e praticam sem questionar o porquê daquela instrução. Apresentações bíblicas ponderadas e teologicamente provadas¹⁷⁹ não aparecem, antes textos bíblicos descontextualizados, campanhas sincréticas e outras práticas descritas e avaliadas acima.

O desenvolvimento da razão humana como instrumento de apropriação de conhecimento não parece fazer parte do perfil educativo e eclesial iurdiano. Há uma transferência de conhecimento pronto, e estes configurados em fórmulas mágicas e sacrifícios financeiros. Fazendo assim, a solução dos problemas da vida virá, e o slogan “*pare de sofrer*” se materializará.

A educação libertadora busca promover um mundo humanizado, busca “mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com os outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano”¹⁸⁰. O propósito da educação libertadora é provocar um estranhamento do mundo, do *ethos* vigente. O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados¹⁸¹

O protesto luterano parece ecoar contra essa máxima de “alienar e manter alienado”. A proposta luterana foi justamente o estranhamento com o *ethos* religioso de sua época.¹⁸² Lutero problematizou o dogma vigente da salvação, trazendo o texto bíblico para uma dialética com o mundo vivido. A proposta da redenção por graça,

¹⁷⁹ Teologicamente provadas no sentido da convergência teológica do movimento da reforma, uma vez que o movimento neopentecostal se diz herdeiro do movimento. Sendo assim, os segmentos da reforma devem carregar em si as bases doutrinárias propostas por ela.

¹⁸⁰ FREIRE, 2011, p. 91.

¹⁸¹ FREIRE, 2011, p. 93.

¹⁸² “Em 1517, teve início a Reforma Protestante, quando Martinho Lutero publicou as “95 Teses” criticando a condução do cristianismo e a venda de lugares no paraíso (as indulgências). Os protestantes defendiam a ideia de que todo cristão pudesse ler as Escrituras e interpretá-las, recusando a ideia do Papa como único líder da igreja. Eles se declaravam seguidores do Evangelho e dos princípios da “Sola Scriptura”, o que significa, para os protestantes, que apenas a Bíblia era fonte de revelação suprema. Neste sentido, os termos “protestantes” e “evangélicos” são sinônimos. A inovação trazida pela Reforma Protestante se fundamenta em 5 princípios: 1) Sola scriptura (Somente a Escritura), é o princípio no qual a Bíblia tem primazia em relação à Tradição; 2) Sola gratia (Salvação Somente pela Graça) é o princípio que afirma que a salvação é apenas pela graça de Deus e que podemos ser resgatados de Sua ira apenas por Sua graça; 3) Sola fide (Salvação Somente pela Fé) é o princípio que afirma que a justificação é pela graça e pela fé em Cristo; 4) Solus Christus (Somente Cristo) afirma que a salvação é encontrada somente em Cristo; 5) Soli Deo gloria (Glória somente a Deus) afirma que a salvação é de Deus e foi alcançada por Deus apenas para Sua glória.” ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. *A transição religiosa brasileira e o processo de difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro*. HORIZONTE – Revista de estudos de teologia e Ciências da religião, v. 12, n.36, p.1055-1085, 30 dez. 2014, p. 1059. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/8049> Acesso em: 13 abr. 2023.

mediante a fé, superou a visão mágica e transformou o contexto. Não houve apenas depósito de conhecimento, porém libertação humanizadora.

A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.¹⁸³

E ainda:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas da problematização dos homens em suas relações com o mundo.¹⁸⁴

A pessoa educadora, enquanto educador libertador, problematiza. Ao problematizar, a pessoa educanda se refaz numa constância dialética entre ela e as pessoas educandas. Ao desenvolver sua pedagogia dessa forma, libertadora, as pessoas educandas não são mais meros reservatórios domesticados de conhecimento, são, no entanto, pessoas investigadoras, indagadoras numa interlocução com a pessoa educadora, também investigadora e indagadora.

A pedagogia da libertação freiriana desnuda a pedagogia opressora irudiana com seus métodos bancários e a desumanização das pessoas fiéis. Na igreja do Bispo a Bíblia “transforma-se numa gramática ou mitologia explícita útil sobretudo para a construção de ritos”¹⁸⁵ e não um instrumento dialético. Suas palavras, seus ensinamentos são codificados em rituais mágicos. A prática pela prática, sem a compreensão, a percepção de si mesmas e do mundo que cerca as pessoas fiéis.

Freire nos ensina que na mesma proporção em que as pessoas humanas começam a ponderar sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca, suas percepções deste crescem. Agora de posse desse ponderamento, o olhar delas muda. As situações da vida, conceitos, pontos que não estavam em destaque, embora presentes, agora são motivo de reflexão. Pensar em educação é pensar em liberdade, e isto refere-se muitas vezes a não manter as coisas como elas estão.

¹⁸³ FREIRE, 2011, p. 93. (Grifo do autor).

¹⁸⁴ FREIRE, 2011, p. 94. (Grifo do autor).

¹⁸⁵ SILVA, 2012, p. 223.

Para a prática “bancária”, o fundamental é, no máximo, amenizar [...] mantendo, porém, as consciências imersas nela. Para a educação problematizadora enquanto um fazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação.¹⁸⁶

Nas práticas da IURD não há ponderamento dialógico, isto é, uma reflexão da condição de vida diante das afirmações bíblicas lembradas na reforma. A reflexão, como vimos, é atenuante. A pessoa fiel é levada a pensar na sua vida e apenas despertada à um ritual do qual não compreende. Ritual este que não a faz *ser mais*, antes desumaniza.

O caminho tomado por aqueles que oprimem, isto é, não promovem uma educação libertadora é o que o autor chama de “prescrição”¹⁸⁷. Eles simples e mecanicamente prescrevem às pessoas educandas uma receita, uma pauta ou lista de fazeres e procedimentos desprezando as capacidades e criatividade natas de cada pessoa educanda.

A prescrição vem acompanhada de uma atitude paternalista, assistencialista superprotetora e infantilizadora. Ao inibir a criatividade e a iniciativa impede o desenvolvimento da autonomia e conseqüentemente, da responsabilidade sem a qual ninguém pode ser livre. Lamentavelmente a prescrição tem sido prática comum no ambiente escolar, na igreja, no trabalho e na família.¹⁸⁸

O educador libertador não prescreve, ele promove o crescimento intelectual, são três pontos a serem observados na educação que liberta:

- Em primeiro lugar, uma educação libertadora, seja ela cristã ou secular, terá de tratar os educandos e educandas como sujeitos. Ela se eles não podem ser feitos objetos da ação de outras pessoas e por mais bem intencionadas que elas sejam. Já que a Liberdade é uma Conquista e não uma doação os seres humanos devem avançar de forma ativa e participativa na sua busca.
- Em segundo lugar, uma educação que queira ser libertadora não pode Temer a liberdade. É preciso [...] arriscar a segurança para preservar ou conquistar a Liberdade. Desse modo os educandos e educandas e educadores e educadoras devem ser desafiados/as a ousar novas formas de aprender e ensinar, devem ousar novas formas de relações no grupo devem estar abertos/as às mudanças e ao inusitado.
- Em terceiro lugar, é preciso renunciar à prescrição. Prescrição que na ação pedagógica faz surgir a educação bancária, aquela que faz do educando e da educanda um depósito. Em lugar da prescrição deve ser desenvolvido o diálogo. No diálogo não há imposição, mas negociação e troca.¹⁸⁹

¹⁸⁶ FREIRE, 2011, p. 105.

¹⁸⁷ FREIRE, 2011, p. 46.

¹⁸⁸ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 49.

¹⁸⁹ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 51.

As prescrições dos pastores da IURD são das mais variadas. Incluem todo tipo de oferta financeira, em especial a que custe (sacrifício), além de todos os ritos transversos apropriados de outros segmentos religiosos. Cada uma das prescrições apresentadas, como afirma Espírito Santo, são de forma “assistencialista e infantilizadora”¹⁹⁰ inviabilizando a autonomia das pessoas fiéis em compreender a fé e a obra realizada na cruz, ponto chave para justificação por graça, mediante a fé.

Ao adotar o perfil de educação bancária e não libertadora, a IURD, trabalha de modo a manter o poder hegemônico sobre as pessoas fiéis. A manutenção das campanhas e ritos intermináveis e que se renovam a cada campanha só se faz possível num ambiente onde não se questiona do porquê de tal ação.

Voltemos ao evento do reformador. “Com a publicação das 95 teses, Lutero não pretendia nada mais do que o esclarecimento teológico de uma questão que o envolvia como cura d’almas e que tinha implicações para a piedade de seus paroquianos: a indulgência.”¹⁹¹ A forma sectária e libertadora de Lutero (aplicando-lhe os conceitos de Freire), apresentada no ato de trazer à pauta as 95 teses, propiciou uma ação dialógica, os noventa e cinco temas geradores humanizaram, permitiram o *ser mais* das pessoas naquela época. De modo bem diferente, a IURD não está promovendo um debate teológico sobre as práticas que, segundo eles, antagonizam a fé cristã, questionando as religiões afro-brasileiras, o catolicismo romano e o kardecismo. Não há teses fixadas, estabelecidas no fundamento bíblico, para a discussão e a compreensão pública. O que há são as mesmas práticas rituais que foram apropriadas, forçadamente transversalizadas e ressignificadas para o cristianismo. Nada de debate, nada de pensar crítico acerca de um tema gerador, nada de libertador e de humanização da pessoa humana.

A conservação do sistema religioso opressor elaborado pela IURD se faz constante pela educação bancária, da mesma forma que o sistema político de opressão se mantinha nos dias de Freire. A pessoa educadora de posse do processo não bancário, mas libertador, não transmite mais o conhecimento por depósito, mas por problematização. “Saber com os educandos enquanto estes soubessem com ele

¹⁹⁰ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 49.

¹⁹¹ DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 233.

seria sua tarefa. Já não estaria a serviço da desumanização [...], mas a serviço da libertação.”¹⁹²

4.4 CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO

Na educação problematizadora a "codificação"¹⁹³ acontece quando a pessoa educadora apresenta um problema ou situação real as pessoas educandas, e eles são motivados a fazer análise e interpretar os dados que estão à disposição. Nessa etapa, o papel da pessoa educadora é o de facilitadora, estimulando a reflexão das pessoas educandas e ajudando-as a compreender as diferentes perspectivas envolvidas. Ao proceder nesta forma de ensino, a ação da pessoa educadora se baseia na participação ativa das pessoas educandas em sua construção de conhecimento do objeto cognoscível, ou seja, a matéria, o assunto debatido.

A “decodificação”¹⁹⁴ como processo, se estabelece quando a pessoa educanda, partindo da análise crítica da realidade em vive, é capaz de compreender o significado das informações e conhecimentos que lhe estão sendo apresentados. Assim, a decodificação é uma etapa importante da metodologia da educação problematizadora, pois tem como seu objetivo principal o estímulo do pensamento crítico e a reflexão sobre a realidade vivida.

Codificação e descodificação são dois momentos diferentes e complementares do mesmo ato de conhecimento. Para Paulo Freire, uma realidade, um fato ou acontecimento e um (*sic*) situação concreta vivida pelo homem pode ser objeto de conhecimento. Num primeiro momento, a realidade objetivada pelo ato de conhecimento sofre uma dilaceração interna quando os seus componentes são analiticamente separados e submetidos a uma análise profunda. Neste primeiro momento, a subjetividade do conhecimento intersubjetivamente articulada aproxima-se cognoscitivamente à realidade analisada, penetra nela através do ato cognoscitivo e recolhe todos os dados disponíveis à subjetividade cognoscente para serem analisados. Anteriormente havia um conhecimento simples e imediato desta mesma realidade, agora, como uma nova aproximação e conduzindo por uma metodologia de análise, o objeto analisado é conhecido filosoficamente.¹⁹⁵

Ao decodificar, a pessoa educanda torna-se capaz de entender o significado e a importância dos conteúdos que lhe são apresentados, podendo fazer a relação da sua experiência com a realidade em que está inserida. Além disso, a decodificação

¹⁹² FREIRE, 2011, p. 87.

¹⁹³ FREIRE, 2011, p. 136.

¹⁹⁴ FREIRE, 2011, p. 136.

¹⁹⁵ WOHLFART, 2013, p. 110.

abre horizontes para que a pessoa educanda desenvolva autonomia e independência, pois lhe foram dadas ferramentas para analisar e compreender os objetos analisados de forma crítica e reflexiva. Deste modo, a decodificação torna-se etapa fundamental da educação problematizadora já que permite à pessoa educanda a capacidade de elaborar seu próprio conhecimento pela análise crítica. Fazendo assim, ela torna-se uma agente de transformação social.

A decodificação é estabelecida uma vez que se investigam os temas geradores¹⁹⁶, tema a ser desenvolvido no item 4.5 deste capítulo. Estes, por sua vez, são definidos partindo de uma análise da realidade de vida das pessoas educandas, levando em consideração suas vivências, experiências e necessidades.

4.4.1 Aplicação da codificação e decodificação

Codificar sim, decodificar não. Esse é perfil educativo iurdiano. Criam-se códigos: campanhas, ofertas com nomes diversos, cultos com nomenclaturas e temas diversos. Apropria-se de cultos comuns às pessoas fiéis, aspectos do imaginário religioso brasileiro, *religiofagia-se*¹⁹⁷ e então apresenta-se um novo código cristão (ou iurdiano?). Assim a prática da maior igreja neopentecostal brasileira educa seus fiéis. Criando códigos, acessos prontos à divindade. O maior deles, a oferta de sacrifício. Bem elaborada, com todos os elementos necessários para o âmbito religioso”, na formulação de Marcel Mauss e por nós descrita no item acima “sacrifício religioso. Mas e a decodificação? Ela está presente no culto da IURD?

Decodificar implica no esclarecimento da ação, da situação de vida. Decodificar é um fazer pedagógico aplicado na instrução e depois então leva para o agir. O fruto da decodificação em Freire, é a problematização¹⁹⁸, ou seja, a pessoa educadora apresenta o objeto de estudo como um “problema” a ser debatido em aula. Por meio da problematização decodificadora a pessoa educadora em conjunto com as pessoas educandas superam a visão mágica, por uma visão crítica do mundo,

¹⁹⁶ FREIRE, 2011, p. 133.

¹⁹⁷ Pedro Oro produz esse neologismo para definir a prática da IURD: “De minha parte, considero-a, sem nenhuma conotação pejorativa, uma igreja religiofágica; literalmente, ‘comedora de religião’[...] Isto é, uma igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários”. (ORO, 2007, p.33).

¹⁹⁸ FREIRE, 2011, p. 86.

partindo para a transformação social do contexto vivido. Na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire afirma que as pessoas humanas têm a “vocação ontológica”¹⁹⁹ em fazerem-se humanas, isto é, o “ser mais”, o libertar-se, o humanizar-se é algo *a priori* da natureza da pessoa humana. Em seu conceito, Freire, diz que as pessoas humanas buscam ontologicamente ter a autonomia dos seus pensamentos e da sua criatividade.

Para realização de tal feito é necessário que a pessoa educadora se coloque ao lado da pessoa educanda, em companheirismo. Somente nessa relação pessoa educadora e pessoa educada acontecerá a humanização. Jamais uma relação hierárquica vertical produzirá isso. Uma horizontalidade de posições se faz necessária. A decodificação acontece quando a pessoa educadora consegue ver na educanda a opção de libertá-la.

A criação de códigos intermináveis, renovados a cada nova campanha, porém todos de mesma essência, sustenta a verticalidade dos ensinamentos propostos pela IURD. Estes códigos constituem-se de campanhas de um número xis de cultos, propósitos de ofertas com nomes variados, práticas sincréticas que foram absorvidas de outros credos brasileiros, os quais estão presentes também no imaginário religioso das pessoas fiéis. A Bíblia é lida e interpretada pelos pastores. Eles detêm a autoridade. Podem variar o nome da campanha, a finalidade do culto, os objetos cúltricos usados e até a liturgia aplicada, a essência é a transmissão do mesmo código em sua essência: faça algo para a divindade e ela responderá. O Código está dado. A decodificação, ou seja, a explanação bíblico-teológica, o pensar crítico que provoca estranhamento esse não aparece.

A IURD, analisada pela pedagogia de Freire, não decodifica. E se decodificados os códigos iurdianos, os aspectos da manifestação de Deus por graça, em Jesus Cristo, mediante a fé certamente não são os resultados aclarados. antes como evidenciamos na pesquisa acima há o surgimento de um seguimento religiosos novo, o que qualificamos como uma quimera.

¹⁹⁹ FREIRE, 2011, p. 86.

4.5 TEMAS GERADORES

Um tema gerador pode ser descrito como um tópico, uma ideia central que servirá como local de partida na elaboração do conteúdo, matéria ou objeto cognoscível. Esse tema, uma vez eleito, funciona como uma fonte de inspiração e orientação que permite que a pessoa educadora desenvolver como as educandas suas ideias de forma coerente e estruturada. A eleição dos temas geradores provém da investigação da vida das pessoas educandas, sempre avaliando sua relevância. Temas geradores podem ser uma palavra-chave, uma frase, um fato ou expressão que exprime contexto vivido. Este tema vai provocar a reflexão e a pesquisa sobre ele mesmo.

Ao eleger-se um tema gerador, é de grande importância considerar o público-alvo dele e seu o propósito no debate. “Os temas, em verdade, existem nos homens, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos.”²⁰⁰ Ele deve ter relevância, ponto interessante, com capacidade de despertar um impulso na pessoa educanda. Além disso, o tema gerador precisa ter abrangência e ser suficientemente capaz de permitir o levantamento de distintos subtemas além de aspectos relacionados. Um tema gerador deve ter especificidade suficiente para evitar ser genérico, contudo, flexível para permitir a inclusão de diferentes perspectivas.

A partir dos temas geradores, as pessoas educandas são estimuladas pela pessoa educadora a refletir sobre esse *lócus* onde estão inseridas, a reconhecer os problemas e desafios que enfrentam e a buscarem soluções. Os temas geradores são, portanto, um caminho para o estímulo da participação ativa das pessoas educandas na construção dos saberes, e de fazê-los agentes de transformação.

Entre os temas geradores apresentados por Paulo Freire estão a educação, a saúde, a cultura, o meio ambiente, a economia, a política, a religião, a violência, a cidadania, entre outros. Todos esses temas têm em comum a relevância na vida das pessoas educandas, e de estarem diretamente vinculados à realidade política, social e econômica.

Para uma compreensão prática podemos tomar por exemplo o tema gerador educação. Partindo desse tema as pessoas educadoras provocariam o

²⁰⁰ FREIRE, 2011, p. 137.

estranhamento nas pessoas educandas e estas seriam estimuladas na reflexão sobre a qualidade do ensino em sua comunidade, sobre as desigualdades no acesso à educação, sobre a importância da formação, entre outros aspectos. De posse dessas reflexões, as pessoas educandas podem agora identificar os problemas e desafios que enfrentam em relação à educação, e buscarem soluções, como a criação de projetos educacionais alternativos, a participação ativa na gestão escolar, entre outras.

Os temas geradores também são importantes para a formação de pessoas cidadãs críticas e engajadas, capazes de participar ativamente da vida social, política e econômica de sua comunidade. Refletindo sobre os temas geradores, as pessoas educandas são incentivadas a desenvolver suas habilidades ontológicas do pensamento crítico, da criatividade, da capacidade de trabalhar em grupo e de liderança e por fim, desenvolverem uma consciência de cidadania numa visão ampla e integrada. Os temas geradores são, por consequência, um meio de construção coletiva do conhecimento e de estímulo à participação ativa de alunos e alunas no desenvolvimento de uma sociedade justa, democrática e solidária.

Observando e tomando como mais um exemplo a obra de Paulo Freire, pode-se afirmar que “[...] a libertação é, portanto, o tema gerador da *Pedagogia do oprimido*. Todos os demais temas se relacionam e emanam dele.”²⁰¹ Uma palavra, com tamanha relevância, desperta a discussão, a decodificação dos significados dela e a elaboração de um ensinar voltado a prática de libertar.

4.5.1 Aplicação dos temas geradores

O pensar pedagógico de freire acontece no espaço de vida dos educandos como busca de transformação dos contextos vividos. É na melhoria de vidas das pessoas educandas onde reside o foco da pedagogia libertadora. Investigar para discutir e decodificar gerando uma práxis com entendimento.

No capítulo anterior, intitulado de *Transversalidade e Apropriação*, destacou-se o trabalho das lideranças da IURD em aproximar a fé cristã das religiões afro-brasileiras, bem como do catolicismo romano vivido no Brasil, além de produzir um

²⁰¹ ESPÍRITO SANTO, Eliseu Roque do. *Ação educacional e pastoral libertadora: a partir de uma leitura teológica da obra Pedagogia do oprimido de Paulo Freire*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006, p. 44.

sistema religioso carregado de elementos incorporados do sistema econômico vigente. A preocupação em desenvolver um sistema de vivência da fé, que seja atraente ao povo no contexto brasileiro, é algo concreto na escalada da Igreja Universal do Reino de Deus.

Há um processo que simula a investigação²⁰² dos temas geradores dentro dos contextos sociais e culturais das pessoas fiéis acontece na IURD, entretanto, não no sentido de trazer mudanças, significado social e consciência do mundo vivido, mas no sentido de atraí-las²⁰³ para as reuniões. Tema gerador em Freire, propõe diálogo, entendimento libertador e ação. A percepção alcança a partir da pesquisa realizada mostrou que não podemos denominar tal processo de investigação e tema gerador, dado o significado freiriano implícito nestas palavras, porém, queremos trazer a pauta as investigações feita pela IURD para aproximar as pessoas fiéis.

Conduz-se a explanação desse ponto dos temas geradores utilizando o princípio pedagógico apresentado por Paulo Freire para ressaltar as possíveis relações dialógicas que emergiriam se a educação libertadora fosse aplicada em cada um deles. Destacam-se como temas emergentes da pesquisa o sentido de fé de vida, a ambiguidade na doutrina, as apropriações e o capitalismo, conforme segue.

4.5.1.1 Sentido de vida de fé

Toda expressão religiosa propõe as pessoas humanas um sentido de vida, ou para a vida. O cristianismo, através da fé na morte e ressurreição de Jesus, o Deus encarnado, propõe esperança de vida eterna como sentido de vida. A IURD vai além, de posse da mesma *cruz* que inspira a fé dos demais cristãos, e estabelece que a morte sacrificial de Jesus é um padrão de oferta. Um modelo a ser seguido. Esse modelo não se trata de martírio, morrer de fato por uma causa. Modelo de sacrifício para a IURD e para o Bispo é expresso pelo financeiro: sacrificar o dinheiro. Justamente como Mary Rute Esperandio nos fala, o ato ofertório define o “lugar de onde deriva todo o sentido²⁰⁴, em outras palavras, a vida e prática de fé da

²⁰² FREIRE, 2011, p. 133

²⁰³ CAMPOS, 1997, p. 44

²⁰⁴ ESPERANDIO, 2006, p. 133.

comunidade iurdiana só tem sentido enquanto fundamentada nas ofertas. Todas as construções doutrinárias e dogmáticas são permeadas pela prática de ofertas.

Essa expressão de fé iurdiana é em si mesma um tema gerador, a alusão que é dada a obra sacrificial de Jesus constitui-se de um ponto chave de reflexão para cada pessoa cristã. O tema da cruz, como já referimos acima, é a fonte primária da inspiração da fé cristã. Cristo sacrificado pelos pecados das pessoas humanas é compreendido como dom de Deus pelo cristianismo desde o princípio e em especial pelo movimento da Reforma. O novo paradigma apresentado pela teologia da IURD não estabelece compreensão da obra da Cruz como dádiva divina, graça imerecida, antes a reduz a mero exemplo de sacrifício. Este olhar reducionista retira a fé crista do eixo, levando-a para um novo lugar, um novo *ethos*.

O ato de ofertar ocupa um lugar de central na vida da Igreja Universal do Reino de Deus, esse *ethos* iurdiano é desenvolvido pela ênfase dada ao assunto e a compreensão que dinheiro representa a vida da pessoa ofertante levando em consideração as horas gastas para obtê-lo.

Fora da noção e da prática do sacrifício não existe Igreja Universal do Reino de Deus. Para os teóricos do sacrifício esta afirmação parece um tanto óbvia [...]. Contudo, afirmar que sem a prática do sacrifício não existe Igreja Universal, ajuda-nos a buscar pela centralidade dessa noção não apenas como princípio fundante de um corpo de crenças religiosas.²⁰⁵

Este ofertar como lugar de sentido de vida é um tema gerador de grande relevância, dada a proposta da nossa pesquisa em buscar as implicações pedagógicas das práticas iurdianas. Os discursos sobre ofertas na IURD ensinam ser elas, as ofertas, o sentido de vida para aquele que confessa sua fé em Jesus Cristo, ou seja, sem ofertas não há fé. Toda a expressão de fé cristã na IURD deve ser permeado pelo dinheiro. Ao contrapomos essas asseverações iurdianas com aquelas emitidas pela Reforma uma dissonância se manifesta. A reforma traz a centralidade da Cruz como sacrifício gracioso, como imputação de justiça, mediante a fé, aos pecadores arrependidos, enquanto o olhar do sacrifício de Jesus como modelo de ofertas proposto pela IURD apenas os aproxima e os faz semelhantes das práticas das indulgências medievais.

²⁰⁵ ESPERANDIO, 2006, p. 133.

Ao trazer o tema do dinheiro para a centralidade da fé cristã e com isso estabelecendo um sistema de trocas, a IURD promove um culto de magia. Um sistema de compra e venda de bens simbólicos. Um perfil de vida onde a pessoa fiel desafia a divindade e a coage por meio dos sacrifícios. O dinheiro se torna relevante nos cultos da IURD por influência direta do sistema econômico adotado pelas sociedades modernas. Aspectos desse sistema são refletidos e transmitidos na formulação teológica da Universal, para essa compreensão nos ajuda Marilena Chauí dizendo: “pois no capitalismo, não há coisa alguma e pessoa alguma que escape da condição de mercadoria, não tendo como ser retirado do circuito da circulação mercantil.”²⁰⁶ E, ainda, “No mundo da mercadoria coisas heterogêneas perdem a singularidade e a raridade, tornam-se homogêneas porque são trocáveis umas pelas outras e todas elas são trocáveis pelo equivalente universal e homogeneizador universal, o dinheiro.”²⁰⁷

O mesmo sistema capitalista o qual possibilita que todas as coisas possam ser tocadas por dinheiro de forma natural, permitiu que também a naturalidade da pessoa fiel iurdiana entregar dinheiro em sacrifício, como representação de sua própria vida. Nessa mesma dinâmica, porém separadas por cerca de quinhentos anos está o protesto de Lutero. O ensino das indulgências como mercadoria de troca por perdão divino, ao qual a Reforma Protestante se impôs, é agora apresentado de forma semelhante pela IURD. O capitalismo na religião como tema gerador traz ao debate o ensino embutido nesta prática: com dinheiro se alcançam as bênçãos. Uma oferta pela cura, pela vaga de emprego ou um relacionamento conjugal duradouro. Alberto Antoniazzi ajuda nesse diálogo comparativo sobre o papel do dinheiro na concepção de fé iurdiana. Por meio da oferta, a pessoa fiel outorga seu próprio destino.

Este recurso, a oferta, dado pelo homem a Deus através da Igreja Universal (também autodenominada, neste contexto, a “Obra de Deus”), é capaz de instaurar uma interação entre Deus e o homem, pela qual o homem cria em Deus a obrigação imediata da restituição. Essa interação se inaugura quando o homem, pela doação, expõe sua própria segurança, abandonando-se ao risco da fé. A fé justamente despotencializa os demônios e permite a reintegração de posse, garantida pelo compromisso divino do *dê-me, dou-te*.²⁰⁸

²⁰⁶ CHAUÍ, 2004 *apud* ESPERANDIO, 2006, p.134.

²⁰⁷ CHAUÍ, 2004 *apud* ESPERANDIO, 2006, p.135.

²⁰⁸ ANTONIAZZI, 1994, p. 238. (Grifo do autor).

O dinheiro é espiritualizado, ou seja, a pessoa sai da dimensão de um bem de troca das coisas naturais ou físicas, para uma dimensão superior, metafísica. Paulo Mattos complementa o pensar afirmando que

[...] o sangue como elemento material do sacrifício deve ser substituído pelo dinheiro já que o mesmo é a mais fiel e completa representação da vida do ofertante que se acha em seu próprio sangue. Isto porque na sociedade contemporânea dinheiro tem se tornado no elemento vital necessário para a sobrevivência e prosperidade de todas as pessoas, organizações e instituições sociais. Tal como acontece com o sangue, vida abundante sem dinheiro se torna praticamente impossível. Por isso, sangue tem se convertido em dinheiro como elemento material necessário para o verdadeiro sacrifício devidamente apresentado a Deus na demonstração da fé do ofertante. [...] Sem perder seu aspecto físico, dinheiro se constitui em elemento espiritual essencial ao sacrifício, pois é parte de nossa própria existência física e espiritual. O dinheiro chega até nós sempre de forma sacrificial mediante atividades cujo objetivo final não está limitado às dimensões econômicas e financeiras da vida do fiel.²⁰⁹

O sentido de vida de fé proposto pela IURD, o qual tomamos como um tema gerador para o debate das implicações educativas, nos aponta para uma educação de salvação por mérito, ou na linguagem da reforma, pelas obras humanas. O mérito é constituído de ofertas feitas através do sacrifício de recursos financeiros, sejam em espécie, por meios de ferramentas de crédito, ou bens que serão liquidados pela igreja. Já não há espaço para a graça divina²¹⁰ reaviada pela pregação do movimento da Reforma.

4.5.1.2 Ambiguidade na doutrina

Nosso segundo tema gerador, para o qual propomos o debate, constitui-se do atrelamento da prática de ofertas às demais doutrinas como aparecem na IURD. Como movimento atrelado ao cristianismo, a Universal do Reino de Deus traz em si concepções de fé da ortodoxia cristã. Alguns pontos centrais da concepção ortodoxa de fé estão presentes, como a doutrina da trindade, a cristologia tradicional e uma pneumatologia próxima aquela adotada pelo segmento do pentecostalismo, movimento do qual são tomados de origem.

As práticas de ofertas são apresentadas num discurso ambíguo, contendo em si interpretações diversas. Em certos momentos, ele aparece como o *ofertar de si*

²⁰⁹ MATTOS, 2015, p.14.

²¹⁰ Efésios 2:8: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus."

mesmo, isto é, como um estilo de vida pautado na renúncia e na entrega pessoal de si mesmo a Deus. Ofertar pode ser entendido, no ensino iurdiano, como entregar a si mesmo ao divino, como uma oferta abstrata envolvendo a subjetividade da pessoa humana. Ter um modo de vida religiosa que demonstre uma devoção a Deus. Porém, em outros momentos, essa noção é conduzida para o sentido financeiro. Agora ofertar se refere ao dinheiro, aos bens materiais que podem ser tocados. A abstração e subjetividade ficam de lado e valem as ofertas concretas e objetivas. Estas concepções estão sempre presentes, são falas compostas, ambíguas, podendo em certos momentos até fundirem-se nas proposições apresentadas pelo Bispo.

Quando propusemos acima abordar uma breve sistemática da IURD, elencamos algumas doutrinas, as quais estão mescladas e ambíguas com o ato ofertório. Destacamos a soteriologia (doutrina acerca da salvação) e a escatologia (doutrina acerca das coisas futuras), todas vinculadas na ação de trazer dinheiro à igreja.

Pela grande aplicação da prática de ofertas atreladas a fundamentos teológicos da fé cristã, o credo iurdiano se estrutura numa teologia da imanência. Ao afirmarmos uma teologia iurdiana imanente, baseamo-nos no fato que todas as elaborações teológicas visam o curso da vida das pessoas humanas, o dia a dia das pessoas fiéis em sua aplicação. Mattos acrescenta que a

[...] salvação enunciada na teologia de Macedo em suas pregações e ensino perde essa dimensão escatológica para transformar-se numa quase “escatologia-realizada” do “aqui e agora”. Salvação já não tem mais a ver com libertação do estranhamento, da alienação, da oposição contra Deus e o próximo e do medo da morte. Muito pelo contrário; salvação é algo que tem a ver com “este mundo”, aqui e agora [...].²¹¹

E Antoniazzi contribui afirmando que:

Se pudermos definir salvação como passagem da situação atual a uma situação qualitativamente superior e definitiva, há de se admitir que a Igreja Universal prevê, de fato, essa passagem para um *algo-a-mais*, mas intramundano e não necessariamente definitivo. Faltando-lhe o aspecto escatológico (ou simplesmente não levando em consideração), poder-se-ia dizer que a soteriologia da Igreja Universal é de caráter imanente.²¹²

Ao trazer à pauta esse tema, segue-se a concepção pedagógica de Freire elegendo temas para aclaramento e contraposição. Desta forma, encontramos grande

²¹¹ MATTOS, 2015, p. 24.

²¹² ANTONIAZZI, 1994, p. 248. (Grifo do autor).

diferença entre a construção teológica das demais igrejas cristãs e a IURD, pois enquanto aquelas abordam sobre a salvação e escatologia com tons transcendentais, a IURD mistura seu discurso com uma *imanência financeira*, promovendo assim um ensino diferente daquele proposto pelos reformadores. O espírito da Reforma, o qual atuou em restaurar, parece vencido, enquanto o pensamento medieval de comprar benesses volta à tona. A diferença, como já mencionamos anteriormente, é que a IURD não *vende* o pós vida, *vende* o agora. “O pós-pentecostalismo pouco tematiza a morte e o além. A conquista do presente é seu apanágio”²¹³.

Isto esclarece, em parte, a ausência de um discurso sobre culpa e graça na Igreja Universal. A noção de culpa e graça é um conceito fundamental às igrejas protestantes, ao pentecostalismo e ao catolicismo, ao cristianismo em geral. Aqui também se explica, em parte, porque a Igreja Universal se constitui como uma religião de libertação (das forças demoníacas) e não uma religião de salvação (do pecado e da culpa).²¹⁴

Na Reforma, há uma esperança de redenção por graça, e somente por ela, mediante a fé, além de uma expectativa de um porvir alcançado sem mérito humano. Ao dialogar com a esperança transcendente da reforma, fica claro, manifestado o ensino da IURD como uma religião imanente, a qual parece se valer de pequenas nuances transcendentais. Atrelar contribuição financeira com doutrinas elementares é a formatação de um credo que ensina as pessoas fiéis buscarem uma utopia, uma vida terrena agradável e sem mazelas. Em segundo plano (talvez em primeiro) fomentar a capacidade de arrecadação da instituição religiosa.

O protesto da IURD distancia-se do protesto dos então chamados “protestantes”. Se o início do que caracterizou o protestantismo se deu em razão da necessidade de proclamar “sola fide, sola gracia, sola scriptura”, esses três princípios adquirem um sentido bastante diverso na IURD. A fé é condição para o sucesso material nesse mundo, a graça de Cristo não é suficiente - os sacrifícios (feitos em dinheiro) são necessários/devidos e a escritura é usada de forma muito seletiva para provar as idéias (*sic*) a respeito da fé e da insuficiência da graça. Essas considerações parecem antagônicas à possibilidade de considerar a IURD como neoprotestante. E embora o slogan “Jesus Cristo é o Senhor” esteja presente nos templos, e os exorcismos e as vitórias sejam “determinados” “em nome de Jesus”, o sacrifício de Cristo, por si só, não é suficiente para uma vida próspera. Neste sentido, não estaria sendo o nome de Jesus utilizado apenas como um

²¹³ BOBSIN, Oneide. A Morte Morena do Protestantismo Branco: contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n.2, p. 21-39, 2000, p. 25. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/687 . Acesso em: 10 maio 2023.

²¹⁴ ESPERANDIO, 2006, p.138.

fetiche? Além disso, a máxima ético-existencial de Jesus era o amor - noção rara na estilística iurdiana. Seria então, a IURD, uma igreja pós-cristã?²¹⁵

A descaracterização da IURD apresentada por Mary Rute Esperandio evidencia um afastamento dos princípios que fomentaram, desenvolveram e foram sustentados pelo movimento da Reforma. Embora a Igreja Universal descenda genealogicamente da Reforma, parece, pelas suas construções doutrinárias e práticas, negar sua herança teológica. Para além da teologia, a autora propõe a pergunta sobre a ética-existencial do amor presente em Jesus apontando uma possibilidade de negação do sentido de existência do cristianismo.

Ambiguidade na doutrina, como tema gerador, releva um ensino camuflado, subterrâneo e perigoso. A falta de clareza nos discursos impede a clara compreensão das propostas apresentadas, o discurso ambíguo não promove a libertação da razão, não permite o *ser mais*, como nos ensina Freire. A camuflagem do ensino, no subterrâneo como falamos traz grandes dificuldades as pessoas fiéis com pouca compreensão teológica. As pessoas se achegam a igreja na ânsia de libertação, porém trocam uma prisão por outra. A libertação, pelo conhecimento da verdade não existe no sentido bíblico²¹⁶ teológico, tampouco no pedagógico freiriano.

4.5.1.3 Apropriações

As apropriações, ou seja, aspectos, ritos e elementos foram apropriados pela IURD de outras religiões ou segmentos cristãos e agora aparecem como pertencentes ao culto da Universal. Ao longo do capítulo três desta dissertação discorreremos sobre tal prática a qual pretendemos voltar e abordá-las como tema gerador, numa ação dialógica e libertadora para então encontramos os ensinamentos inculcados por meio delas.

O neopentecostalismo desenvolvido pela IURD abarca vários elementos de religiões brasileiras, em especial a umbanda. A umbanda, por sua vez, religião típica brasileira, nasce de uma fusão do espiritismo kardecistas oriundo da Europa e do candomblé trazido da África pelas pessoas escravizadas. O trânsito religioso não se dá apenas nas pessoas que migram de uma religião para outra, transita também o imaginário.

²¹⁵ ESPERANDIO, 2005, p. 42.

²¹⁶ João 8:32: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”

Em outras palavras, o exorcismo/conversão trabalha na superfície da existência, deixando intacto o imaginário “tradicional” que flui pelas relações pessoais e deita raízes no sistema simbólico forjado coletivamente pelas religiões anteriores. A apropriação individual, provocada pelo exorcismo/adesão, não rompe as teias simbólicas nas quais o neófito constitui o seu passado religioso.²¹⁷

Nesse universo de transversalidades e apropriações vemos as fronteiras se dissolvendo, fazendo nascer como já abordamos acima uma religião híbrida. Este hibridismo é nosso tema gerador.

A descrição da IURD, feita por Pedro Oro, quando ele diz ser “uma igreja *religiofágica*; literalmente, ‘comedora de religião’”²¹⁸ acentua bem o perfil de comunidade em se tratando de práticas adotadas. Ao *comer* os ritos e práticas de outras religiões a IURD se coloca como educadora para uma nova religião. Ela é parte protestante, parte católica romana, parte kardecistas e parte umbandista.

Centro de *sessão espiritual* facilmente pode ser associado aos Centros Espíritas de orientação Kardecista. As chamadas para as reuniões de terça-feira, *Sessão de Descarrego*, podem ser associadas aos cultos afros. A “Terapia do Amor” aos sábados e a “Terapia Espiritual” aos domingos revela a popularização e utilização de algumas idéias (*sic*) do campo da Psicologia. Especialmente nos últimos anos, a IURD faz questão de desassociar suas reuniões com a palavra “culto”, normalmente usada no universo evangélico. Seus convites não são para os cultos, mas para as “reuniões”. São raras as vezes em que o pastor usa a palavra culto para se referir a alguma de suas reuniões. As “correntes” com ofertas de sacrifício são oferecidas em todas as reuniões, e de certo modo lembram as novenas católicas.²¹⁹

Neste caso, o protestantismo, na sua forma tradicional ou pentecostal, constituiria a tese; os cultos afro-brasileiros e a umbanda, a antítese; o neopentecostalismo, por sua vez, a nova síntese. As fronteiras do imaginário são porosas, permitindo o comércio de símbolos entre concorrentes. O neopentecostalismo [...], é a religião do meio. Desta vez, porém, com roupagem protestante ou evangélica.²²⁰

Adotar uma cosmologia religiosa geral facilita a entrada de novas pessoas fiéis, pois atenua o estranhamento causado por uma religião nova. A nova é apresentada com roupagens da antiga, tornando-se “um espaço multifuncional que presta serviço a quem sofre, temperado com o gosto da diversidade religiosa encontrada nas Casas de Religião, no Catolicismo, no Protestantismo, Pentecostalismo e nos ‘sem religião’ da Nova Era”²²¹, contudo a absorção de práticas

²¹⁷ BOBSIN, 2000, p. 25.

²¹⁸ ORO, 2007, p. 33.

²¹⁹ ESPERANDIO, 2006, p. 118. (Grifo do autor).

²²⁰ BOBISN, 2000, p. 37.

²²¹ ESPERANDIO, 2006, p. 118.

oriundas de outras formas de religiosidades diversas acaba maculando a confissão de fé do qual se origina o movimento, a saber, a fé protestante. As apropriações implicam na educação de uma nova forma de religião.

A IURD dá ênfase a um sujeito que “pode”, que é empoderado através dos seus rituais (experiências de sensação). Ela “educa” o sujeito ensinando-o a colocar a fé em ação, não para salvação da alma, mas como instrumento para alcançar o sucesso material - que torna-se sinal da bênção divina e prova de uma fé eficaz. Neste sentido, radicaliza-se o efeito psicológico produzido pela concepção de eleição em Calvino. Ao mesmo tempo em que a IURD distancia-se da concepção calvinista da eleição, dele se aproxima em termos da radicalização dos seus efeitos psicológicos configurados na comprovação da bênção divina pela *fides efficax*. Seria, então, a IURD uma igreja neoprotestante, ao contrário de neopentecostalismo como vários autores a caracterizam?²²²

A nova forma de religião seria uma nova religião? Ainda que a estética seja a mesma, o espírito da ação se diferencia. Diferente foi no movimento da Reforma que não apresentou nova doutrina, ou acrescentou novos elementos, antes a proposta foi fazer um resgate, um retorno ao texto bíblico. O tema gerador das apropriações nos mostrou a construção de uma nova religião fundamentada nas mesmas expressões, terminologias e símbolos do cristianismo protestante pentecostal da qual tem origem, porém ressignificados. Estes elementos, na nova formatação, têm aparência igual, entretanto diferem na essência. O fruto final do ensino, mostra a diferença: a salvação é aqui e agora.

4.5.1.5 Capitalismo na religião

O tema gerador do capitalismo na religião, e os aspectos da relação de comércio das ações da IURD, se destaca quando analisado pelos conceitos weberianos. Acima destacou-se a religião do capital, evidenciando os pontos de apropriação oriundos desse sistema nas práticas da Universal. Investigar e refletir sobre esse aspecto iurdiano, numa dialogicidade com os fundamentos da Reforma, trouxe a compreensão e a constatação de que o ensino teológico contido nas práticas de ofertas de sacrifício é a meritocracia, não graça.

A lógica capitalista baseada no princípio “custo-benefício”, “investimento-retorno” parece ser a que leva a IURD a interpretar a ação divina como um investimento com grande retorno: Deus investiu seu filho no sacrifício para ter como retorno toda a humanidade. A interpretação do sacrifício de Jesus pela

²²² ESPERANDIO, 2005, p.13. (Grifo do autor).

lógica do “custo-benefício” está muito presente nos sermões dos pastores, mostrando que essa certeza de retorno foi anterior ao sacrifício realizado. A prática do sacrifício como proposta pela IURD parece residir nesse “valor” construído na contemporaneidade, que não se restringe ao âmbito da economia, mas se constitui em uma das forças que compõem o complexo tecido social e os processos de subjetivação.²²³

A sociedade de mercado na qual a IURD se desenvolve é mola propulsora e um campo de ação para a realização das já mencionadas práticas mercantilistas da fé. A apropriação e a mescla dos conceitos oriundos do mercado financeiro e do pensar capitalista ficam claros e notavelmente demonstrados nos relacionamentos, esse espírito capitalista não é denunciado pela IURD, antes apropriado e retransmitido numa roupagem cristã. A igreja está para o mercado, assim como a pessoa fiel está para a pessoa consumidora.

Enquanto Lutero, em sua redescoberta, publicou as 95 teses combatendo as indulgências oferecidas à uma comunidade carente de perdão e salvação eterna, a IURD, neste caso, faz de seus ritos e práticas de ofertas um produto de mercado, semelhante a um bem de consumo. O Bispo Macedo e seus signatários desenvolvem uma gama de produtos religiosos para atender uma comunidade carente de capital e de prosperidade. A salvação é terrena, meritocrática, está ao alcance de cada um, depende apenas da oferta em sacrifício. O espírito da ação de ofertas de sacrifício é a ressurreição das obras de indulgências denunciadas pelo reformador alemão.

As indulgências, surgidas no século XI, diziam respeito, inicialmente, apenas aos castigos temporais impostos pela igreja; mais tarde, aos castigos temporais que deveriam ser purgados no purgatório e, finalmente também aos pecados de parentes já falecidos que estavam no purgatório.²²⁴

No final da idade média, o alvo das obras de indulgências era o perdão, o acesso ao paraíso, a salvação a eterna das almas, porém aqui em nossos dias, na IURD temos um tributo cobrado, uma *oferta* dada com fins de alcançar a mera prosperidade terrena. Este é o ensino da Universal, a obra de Jesus na Cruz produz prosperidade financeira para uma vida agradável num mundo capitalista.

O sistema, ou a ética iurdiana do aqui e agora, apropriado do sistema capitalista de adquirir por adquirir, em ter uma vida pautada no consumo, contraposto

²²³ ESPERANDIO, 2006, p. 146.

²²⁴ DREHER, 2017, p. 233.

à ética e ao sistema da Reforma, evidencia o ensino de uma divindade como fonte de riquezas e benesses terrenas, desde que se sacrifique algo.

Neste sentido, a IURD se estabelece justamente por atender as necessidades religiosas produzidas na pós-modernidade: ambição de riqueza; desejo de consumo; evitação de todo e qualquer tipo de sofrimento. Capitalismo e IURD reforçam-se mutuamente. Sincrética, híbrida e ao mesmo tempo antropofágica, ela funciona também como apoiadora do self num tempo em que o modo de existência narcísico, próprio da contemporaneidade demanda essa forma de religiosidade. [...]. A IURD fortalece e engancha-se na ética mundana, já sem necessidade de ascese. Sua motivação ética está no aqui-agora, e na oferta de uma técnica para lidar com o sofrimento produzido pelo mesmo capitalismo. É grande o número de pessoas que busca uma religiosidade que ofereça sensações - sobretudo, sensações de bem-estar, ainda que se tenha de pagar um alto preço por elas.²²⁵

Fica evidente que o objetivo educativo da Igreja Universal não é libertar pela compreensão da situação vivida, pelo descortinar dialético diante de uma conjuntura de vida previamente investigada. Não, antes, o objetivo é promover a prática de ofertas, a fidelização na contribuição feita pelas pessoas fiéis. Já a transformação de vida e as mudanças ficam a cargo do divino, isto se tiver fé.

4.6 UMA TEOLOGIA LIBERTADORA

“Nenhuma ordem opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: por que?”²²⁶ Esta máxima de Paulo Freire nos mostra o resultado direto de uma educação libertadora. Queremos fazer um paralelo de conceitos, importando as noções da educação libertadora para viabilidade de construção de uma *teologia libertadora*. Desejamos uma abordagem no fazer teologia que combine a reflexão teológica com a práxis de vida das pessoas fiéis, produzindo resultados reais a partir da máxima bíblica de justificação pela graça, mediante a fé, que busca a humanização das pessoas humanas oprimidas e a transformação das estruturas injustas da sociedade.

Tal teologia libertadora provém de uma decisão em promover o evangelho por meio de uma leitura crítica dos ensinamentos e práticas apresentados nas igrejas evangélicas, em especial, na perspectiva das pessoas fiéis, tidas na maioria das vezes como simples objetos, arquivos onde se depositam saberes prontos, sem lhes dar o

²²⁵ ESPERANDIO, 2005, p. 32.

²²⁶ FREIRE, 2011, p. 106.

direito de questionar. Admardo Serafim de Oliveira mostra caminhos para a utilização de Freire na teologia.

O teólogo - e aqui a sua função pouco se distingue da do pastor ou mesmo do simples cristão - partirá de um levantamento daquelas expressões e experiências da comunidade que se revelarem mais densas uma na mente falando. Porque é a partir da riqueza do seu conteúdo humano que as palavras geradoras apontam para uma perspectiva teológica [...] O teólogo não se preocupará, evidentemente, com o aspecto fonêmico das palavras, mas com o aspecto de “desafio” Que elas possam ter para a teologia: qual a afinidade destas palavras com a linguagem da fé e da teologia.²²⁷

O método de Paulo Freire, como já temos visto, pode ser dividido em três fases para estratificar os códigos, as palavras geradoras que conduziram o processo educativo e por conseguinte as formulações teológicas. Reproduzimos abaixo, no Quadro 1, o quadro de relação do método com a leitura teológica apresentado por Eliseu Roque do Espírito Santo.

Quadro 1 – Relações do método

Método de Investigação Temática	Para uma Leitura Teológica
1ª fase: Visitas de observação compreensiva ²²⁸ e reuniões de avaliação ²²⁹	Leitura crítica do texto e leitura do mundo
2ª fase: escolha e codificação das situações existenciais que evidenciem contradições ²³⁰	Escolha das situações existenciais já codificadas que evidenciem as contradições
3ª fase: Diálogos descodificadores ²³¹ e estudo sistemático e interdisciplinar dos achados ²³²	Diálogo com a teologia - análise temática e estudo sistemático com enfoque da teologia

Fonte: ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 32.

O ato de ler o texto bíblico, principalmente aqueles usados na sustentação das campanhas, ofertas e atos litúrgicos, precisa passar por critérios e crítica. Criteriosa no sentido de elencar as ferramentas necessárias para a boa hermenêutica

²²⁷ OLIVEIRA, 1987 *apud* ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 33.

²²⁸ FREIRE, 2011 *apud* ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 32.

²²⁹ FREIRE, 2011 *apud* ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 32.

²³⁰ FREIRE, 2011 *apud* ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 32.

²³¹ FREIRE, 2011 *apud* ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 32.

²³² FREIRE, 2011 *apud* ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 32.

e crítica no objetivo de relacionar criticamente a ação promovida pela interpretação do texto com o próprio texto uma vez interpretado. A “leitura teológica [...] é fundamentalmente condicionada pela tradição religiosa e interesse do leitor.”²³³ Eliseu do Espírito Santo nos impulsiona na observação da tradição religiosa de cada leitor, situando-nos numa hermenêutica confessional. Aqui, concorda-se no sentido dos objetivos dessa pesquisa, pois a teologia desenvolvida num determinado segmento deve estar de acordo com a confissão de fé que este proclama. Em termos práticos, defende-se que uma igreja que se diz herdeira da reforma, deve por critério e crítica se desenvolver a partir dos fundamentos do movimento do qual está vinculado, no sentido de confissão de fé. Mais uma vez refere-se à teologia da IURD, uma igreja confessional herdeira da Reforma, mas que em sua gama de práticas, educa de forma estranha à confissão reformada.

O segundo passo está na escolha das situações codificadas, isto é, situações as quais há necessidade de decodificá-las com ajuda de um educador libertador. Somente na escuta das pessoas oprimidas pode-se saber as reais necessidades de compreensão para então libertá-las, a *serem mais*, pelo conhecimento, não bancário, mas problematizador.

A teologia libertadora pode, nesse sentido, buscar escutar o clamor dos oprimidos e promover, não mais códigos através de ritos e práticas diversas, porém diálogo sobre a opressão vivida. Somente, segundo Freire, a relação dialógica não domesticada pode libertar. O diálogo pautado na apresentação das polaridades, ou polos contraditórios, nas suas relações dialéticas são caminho para a melhor compreensão do objeto, situação opressora apresentada. Uma reflexão de corte dialético é fundamental para a produção de teologia libertadora conforme a terceira fase apresentada por Espírito Santo.

A mensagem central do cristianismo é a libertação e a solidariedade. No entanto, ao longo da história, as religiões e em especial o cristianismo, foram muitas vezes vinculadas às estruturas de poder e utilizadas para manter as pessoas humanas em situação de desigualdades. Estes episódios de utilização da religião para manutenção do poder continuam se repetindo em nossos dias, isto acentua a urgência

²³³ ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 33.

de uma proposta de teologia libertadora que faça, se não cessar, diminuir esse processo.

A teologia libertadora aqui proposta é aquela na qual busca-se resgatar o verdadeiro significado do cristianismo, colocando o foco nas necessidades e lutas dos oprimidos no âmbito espiritual, social, físico e econômico. Como o patrono da educação brasileira, vemos a educação como uma ferramenta fundamental para a conscientização e para a mobilização dessas pessoas oprimidas, capacitando-as a tornarem-se pessoas sujeitas de suas próprias histórias e agentes de transformação social. Tal teologia deve ser um ato espiritual, sociopolítico e transformador da comunidade onde é aplicada.

A ênfase no diálogo e na reflexão crítica sobre a realidade de cada pessoa humana, suas realidades concretas sociais, políticas e espirituais constitui-se como forma desta teologia libertadora superar a opressão. Como Freire propôs um método de educação baseado na valorização dos saberes populares e na participação ativa das pessoas educandas, acreditamos que da mesma forma deve se portar a teologia e as práticas da igreja enquanto educadoras da comunidade, e fazendo assim podemos vencer a opressão que está além da esfera econômica.

Enfatiza-se a importância da práxis, isto é, da ação transformadora fundamentada na reflexão crítica da prática ou rito religioso apresentado. Consideramos a transferência de ritos e apelos a ofertas de sacrifícios como ações de educação bancária que nada servem ao propósito libertador. Os modelos apresentados pelo neopentecostalismo brasileiro não têm fundamentação numa teologia libertadora, seus padrões e estruturas de fazer religião e a teologia embutida nela servem à dominação.

5 CONCLUSÃO

Essa dissertação de mestrado tomou como objetivo compreender as implicações educativas das ofertas de sacrifício no âmbito religioso e das transversalidades e apropriação, focado na Igreja Universal do Reino de Deus. A prática desse modelo de oferta, além das apropriações e transversalidades, foi alocada dentro de uma breve sistemática teológica iurdiana em conjunto de uma rápida análise da liturgia dela.

Para este objetivo as falas e discursos do Bispo Edir Macedo, fundador da IURD, e de outros pastores da Universal, foram analisadas e sistematizadas na perspectiva do pensamento teológico de salvação por graça, mediante a fé oriundo da Reforma protestante no século XVI. Obras de pessoas especialistas no assunto serviram de base referencial para esta pesquisa que pretendeu interligar os saberes da teologia e da pedagogia para assim, alcançar o objetivo de conhecer a implicação educativa de uma prática religiosa.

Realizou-se primeiramente uma escuta de alguns discursos, falas e homilias disponíveis na plataforma do YouTube que foi somada a uma revisão de literatura sobre as práticas da IURD. Sobre o ato de sacrifício, apresentaram-se perspectivas de diversos autores que discorrem sua função e o modo dele operar no ambiente religioso. Teorias de cientistas da religião somaram-se ao trabalho na busca de compreensão das transversalidades, principalmente do sistema econômico, encontradas no segmento do neopentecostalismo, também há pesquisadores que apontaram para o hibridismo da IURD com as religiões de origem africana. Ambos foram usados em conjunto na tarefa de revelar a natureza do movimento e o espírito das ações dele enquanto movimento herdeiro da Reforma.

A presente pesquisa apresenta resultados cujo conhecimento pode conduzir algumas pessoas teólogas e educadoras, bem como líderes de pequenas comunidades à percepção das implicações educativas de práticas adotadas. Nesta investigação, constatou-se a teologia embutida nas práticas das campanhas com ofertas de sacrifício promovidas pelo movimento neopentecostal, nos “canibalismos religiosos” embutidos nas reuniões promovidas pelo IURD. Todos esses servem de alerta teológico às igrejas independentes. Alerta sobre a influência no movimento

neopentecostal iurdiano, largamente difundido no neopentecostalismo brasileiro, usado para promover crescimento numérico de pessoas que são atraídas pelas promessas das campanhas e do retorno financeiro.

Os objetivos de compreensão da oferta de sacrifício e das apropriações e transversalidades de liturgias de culto praticadas pela IURD é de grande ajuda àquelas pessoas que buscam a sã doutrina, na cosmologia reformada, dentro das academias teológicas, bem como obreiros e obreiras que estão no campo de trabalho edificando a igreja de Cristo. O entendimento dos processos religiosos que envolvem a prática de sacrifícios pode ser clarificado, assim como o entendimento dos processos religiosos que envolvem a religiofagia, capacitando a compreensão dos sistemas e *modus operandi* no contexto das reuniões da Igreja Universal.

A pesquisa mostrou com clareza que este perfil de práticas e estilo de culto ensinam a comunidade de fé a salvação por mérito, o culto da magia e do comércio. Uma divindade subserviente é apresentada, destoando do Deus Todo Poderoso, o qual os cristãos confessam nas palavras do credo apostólico. A “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, foi instrumento na aferição dos processos educativos entranhados nas práticas da IURD.

A educação libertadora foi o meio pelo qual se descortinou as implicações educativas. A pesquisa demonstrou o perfil de educação bancária da IURD, através do qual são depositados rituais e práticas invendáveis de ofertas. O pensar crítico sobre a situação vivida de cada pessoa fiel não é tido como tem gerador de na produção de uma teologia libertadora.

Esse trabalho propôs uma contribuição ao entendimento geral da práxis da Igreja Universal do Reino de Deus. Há muito ainda a ser pesquisado e estudado para o aprofundamento do assunto. Temas como a sistemática da IURD, o calendário litúrgico da IURD, como também a apropriação e o uso de elementos de outras matrizes religiosas nos cultos da IURD, podem ser aprofundados e são exemplos de novos campos de pesquisa a partir deste trabalho já realizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. *A transição religiosa brasileira e o processo de difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro*. HORIZONTE – Revista de estudos de teologia e Ciências da religião, v. 12, n.36, p.1055-1085, 30 dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/8049> acesso em: 13 abr. 2023.

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. *A transição religiosa brasileira e o processo de difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro*. HORIZONTE – Revista de estudos de teologia e Ciências da religião, v. 12, n.36, p.1055-1085, 30 dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/8049> Acesso em: 13 abr. 2023.

ANTONIAZZI, Alberto. *Et al. Nem Anjos Nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BISPO EDIR MACEDO. Os três níveis de sacrifício – Bispo Macedo. YouTube 14 de setembro de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/GM6j7DMTc98> . Acesso em: 15 de maio 2022.

BISPO EDIR MACEDO. *Os três níveis de sacrifício* – Bispo Macedo. YouTube 14 de setembro de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/GM6j7DMTc98> >. Acesso em: 15 de maio 2022.

BLOG Vida Tarot, 2020. Disponível em: <https://blog.vidatarot.com.br/o-poder-da-arruda/#Como_e_usada_a_Arruda_na_Umbanda > Acesso em: 17 nov. 2022.

BOBSIN, Oneide. A Morte Morena do Protestantismo Branco: contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n.2, p. 21-39, 2000. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/687. Acesso em: 10 maio 2023.

BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRAATEN, Carl E. *et al. Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. 2 v.

BRAGANÇA, Ubirajara Sampaio. A Igreja De Nova Vida Como Base Para A Teologia Da Prosperidade No Brasil. *Revista de trabalhos acadêmicos-campus – Universo, Niterói*. n.11, p. 34-38, 2016. Disponível em <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=2596>. Acesso em: 15 maio 2022.

- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do Dom: o terceiro paradigma*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CARVALHO, Osiel Lourenço de; SCHMITT, Flávio. *Hermenêuticas contemporâneas: a interpretação bíblica a partir da academia, da Igreja Católica, da Igreja Universal do Reino de Deus, da teologia da libertação e da Assembléia de Deus*. São Leopoldo, RS, 2010. 60 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010.
- COELHO, Beatriz. 5 dicas de como fazer observação participante. *Blog Mettzer*, 17 de dezembro de 2021. <<https://blog.mettzer.com/observacao-participante/>> Acesso em: 01 maio 23.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- DIJIGOW, Patrícia. Arruda: uma planta repleta de história. *Escola de Botânica*, 2021. Disponível em: <<https://www.escoladebotanica.com.br/post/arruda>> Acesso em: 17 nov. 2022.
- DO CARMO, Fabiana Lima dos Santos. *Templo ou Mercado: a lógica capitalista no discurso lurdiano*. 2016. Dissertação Mestrado – Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, ES, 2016.
- DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Da ética protestante à ética “iurdiana”: o “espírito” do capitalismo. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 6 , 2005, p. 36, jan.-abr.. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2138/2046>> Acesso em: 14 nov. 2022.
- ESPÍRITO SANTO, Eliseu Roque do. *Ação educacional e pastoral libertadora: a partir de uma leitura teológica da obra Pedagogia do oprimido de Paulo Freire*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GASSMANN, Günther. *et al. As confissões Luteranas: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- GILBERTO, Antonio *et al. Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

IGREJA UNIVERSAL. *Canal oficial da IURD do Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/igrejaUniversal>. Acesso em: 15 maio 2022.

IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/HymZEbfEmFc> . Acesso em: 15 maio 2022.

IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/HymZEbfEmFc> . Acesso em: 15 de maio 2022.

IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em <<https://youtu.be/HymZEbfEmFc>> . Acesso em:15 maio 2022. ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e sacrifício: modo de subjetivação e religiosidade contemporânea*. Tese de Doutorado em Teologia. Faculdade de Teologia. São Leopoldo, 2006.

IGREJA UNIVERSAL. *Quanto mais sacrifício, mais benção* – Bispo Macedo. YouTube 03 de maio de 2014. Disponível em < <https://youtu.be/HymZEbfEmFc> > . Acesso em:15 nov. 2022.

LIMA, Licínio C. A. *Pedagogia do Oprimido como fonte para a crítica ao pedagogismo opressor*. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 54, pp. 11-29, nov. 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/62554> . Acesso em:12 maio 2023.

LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas: O programa da Reforma, escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. 2 v.

LUTERO, Martinho. *Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2021.

MACEDO, Edir. *A libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1993.

MACEDO, Edir. *O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual do dízimo e oferta*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal Ltda, 2003.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MATHER, George A. *et al. Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

MATTOS, Paulo Ayres. *Algumas observações teológicas sobre a teologia do sacrifício do Bispo Edir Macedo*, da Igreja Universal do Reino de Deus. Azusa, revista de estudos pentecostais. Faculdade Refidim, Joinville, 2015. Disponível em <<https://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/97/82>> . Acesso em:22 jun. 2022.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

NAZARIO, Celina Lessa. *Diálogo: mestre e discípulo uma leitura teológica da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire*. 2011. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

OLIVEIRA, David Mesquiati de: Terra, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal*, reflexões e propostas para construção de uma identidade teológica. São Paulo: CPAD, 2018.

OLIVEIRA, Humberto Ramos. *Entre o Protestantismo e os cultos afro-brasileiros: especificidades do sincretismo das igrejas neopentecostais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação e ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2013.

ORO, Ari Pedro. Intolerância religiosa lurdiana e reações afro no Rio Grande do Sul. *In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PALS, Daniel L. *Nove Teorias da Religião*. Petrópolis: Vozes, 2019.

QUEIROZ, Christina. *O crescimento da fé evangélica*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica> Acesso em: 14 mar. 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Concepções Religiosas Afro-Brasileiras e Neopentecostais: uma análise simbólica religiosidade no Brasil. *In: PEREIRA, João Baptista Borges (org.). Religiosidade no Brasil*. São Paulo, EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

UNIVERSAL. *Portal da Igreja Universal do Reino de Deus*. Disponível em <<https://www.universal.org/a-universal/home/>> Acesso em: 16 jun. 2022.

WACHHOLZ, Wilhelm. *História e Teologia da Reforma: introdução*. 2 ed. São Leopoldo, Sinodal, 2016.

WEBER, Max. *A Ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOHLFART, João Alberto. *Fundamentos dialéticos da pedagogia do Oprimido*. Passo Fundo: IFIPE, 2013.